

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS

REDAÇÃO TÉCNICA
COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

- 1983 -

808.02

A447r

1983

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS

INV 102/03/01.0
U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

REDAÇÃO TÉCNICA

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Laura Beatriz Fonseca de Almeida
Maria Antonieta Antunes Cunha
Maria da Graça Ferreira da Costa Val

- Departamento de Letras Vernâculas -

| - Faculdade de Letras -

1983

REDAÇÃO TÉCNICACOMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO1. Objetivos dos cursos

Os cursos de Redação Técnica e Comunicação e Expressão têm como principais objetivos levar o aluno a:

a) refletir sobre a importância da linguagem em todas as formas de comunicação, inclusive na comunicação técnica;

b) refletir sobre as relações entre . língua, poder e ideologia
 . linguagem e lógica
 . formas diferentes de linguagem;

c) caracterizar, conhecer e usar adequadamente os principais tipos de comunicação técnica escrita.

Como se pode perceber pela própria ordem de enumeração dos objetivos, consideramos a questão da redação técnica como decorrência de uma questão anterior - a redação - esta, por sua vez, dependente de uma boa visão das funções, características e formas da linguagem, que objetiva a comunicação.

Somente a compreensão dos aspectos mais importantes da linguagem possibilitará ao indivíduo chegar ao melhor uso de qualquer tipo de comunicação, inclusive a técnica.

2.

Conteúdo programático e bibliografia básica

UNIDADE / SUBUNIDADE	BIBLIOGRAFIA
<p><u>1. VARIACÃO LINGÜÍSTICA</u></p> <p>1.1 - Funções da linguagem</p> <p>1.2 - Sistema, normas e usos</p> <p>1.3 - Realização oral e escrita</p>	<p>JAKOBSON, Roman. <u>Lingüística e Comunicação</u>. São Paulo, Cultrix, 1969.</p> <p>LANGAKER, Ronald. <u>A linguagem e sua Estrutura</u>. Petrópolis, Vozes, 1972.</p> <p>VANOYE, Francis. <u>Usos da Linguagem</u>. São Paulo, Martins Fontes, 1979.</p> <p>GENDUVRIER, E. e PEYARD, J. <u>Lingüística e Ensino do Português</u>. Coimbra, Almedina, 1974.</p>
<p><u>2. TIPOS DE COMUNICAÇÃO</u></p> <p>2.1 - Literária</p> <p>2.2 - Não-literária</p> <p>2.3 - Técnica</p>	<p>SALVADOR, A. Domingos. <u>Métodos e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica</u>. Porto Alegre, Sulina, 1982.</p> <p>MOISES, Massaud. <u>A Criação Literária</u>. São Paulo, Melhoramentos, 1975.</p>

<p>3. <u>TIPOS DE COMPOSIÇÃO: CONTEÚDO E ESTRUTURA</u></p> <p>3.1 - Descrição</p> <p>3.2 - Narração</p> <p>3.3 - Dissertação</p>	<p>GARCIA, O. Moacyr. <u>Comunicação em Prosa Moderna</u>. 6^ª ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1977.</p> <p>MARTINS, D.S. e ZILBERKNOP, L.S. <u>Português Instrumental</u>. 3^ª ed., Porto Alegre, Graphê, 1976.</p> <p>PÉCORA, Alcir. <u>Problemas de Argumentação na Redação Escolar</u>. In: ZILBERMAN, Regina (org). <u>Leitura em crise na escola: alternativas do professor</u>. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.</p>
<p>4. <u>TIPOS DE COMUNICAÇÃO TÉCNICA</u></p> <p>4.1 - Esquema</p> <p>4.2 - Resumo</p> <p>4.3 - Recensão</p> <p>4.4 - Relatório</p>	<p>SALVADOR, A.D. Op. cit.</p> <p>GARCIA, O. Moacyr. Op. cit.</p> <p>SALOMON, D. Vieira. <u>Como Fazer uma Monografia</u>. Belo Horizonte, Interlivros, 1973.</p> <p>CERVO, A.L. e BERVIAN, P.A. <u>Metodologia Científica</u>. 2^ª ed., São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1978.</p>
<p>5. <u>TIPOS DE COMUNICAÇÃO OFICIAL E COMERCIAL</u></p> <p>5.1 - Requerimento</p> <p>5.2 - Procuração</p> <p>5.3 - Atestado</p> <p>5.4 - Curriculum Vitae</p> <p>5.5 - Memorando</p> <p>5.6 - Carta</p>	<p>ROCHA, A. Abreu. <u>Redação Oficial</u>. Belo Horizonte, Vigília, 1973.</p> <p>_____. <u>Redação Comercial</u>. Belo Horizonte, Vigília, 1977.</p> <p>MARTINS, D.S. e ZILBERKNOP, L.S. Op. cit.</p>

3. Observações

- 3.1 - De acordo com as condições de cada turma, poderá ser utilizado material de apoio relativo à CORREÇÃO IDIOMÁTICA.
- 3.2 - Devido à diferença de carga horária, Redação Técnica (30 h) tende a ser um curso condensado, ao passo que Comunicação e Expressão (90 h) tem a possibilidade de maior aprofundamento e detalhamento, sobretudo das três primeiras unidades do programa.

data de entrega

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

10/07/2001

1024501-04

10/07/2001

1.1 - Funções da linguagem
 1.2 - Sistema, normas e usos
 1.3 - Realizações oral e escrita

FUNÇÕES DA LINGUAGEM DE CUNHA
 1.1 - 1.1
 1.2 - 1.2
 1.3 - 1.3

Maria Antonieta Antunes Cunha
 (autoría de texto teórico e seleção de textos para análise)
 Laura Beatriz Fonseca de Almeida
 Maria da Graça Ferreira da Costa Val
 (seleção de textos para análise e exercícios)

FUNÇÕES DA LINGUAGEM DE CUNHA
 1.1 - 1.1
 1.2 - 1.2
 1.3 - 1.3

FUNÇÕES DA LINGUAGEM DE CUNHA
 1.1 - 1.1
 1.2 - 1.2
 1.3 - 1.3

- 1.1 - Funções da linguagem.
- 1.2 - Sistema, normas e usos: língua, dialetos e registros.
- 1.3 - Realizações da língua: o oral e o escrito.

A - Fundamentação teórica

1. Funções da linguagem

1.1 - Elementos da comunicação

Quando nos comunicamos, usamos sempre uma forma de linguagem.

A linguagem é um conjunto de sinais (normalmente, convencionais) que permitem a comunicação.

Alguns elementos estão sempre presentes na comunicação humana. Em primeiro lugar, vamos considerar três elementos:

- O emissor (ou fonte): aquele que emite os sinais.
- O receptor (ou destinatário): aquele que recebe os sinais
- O assunto (ou referente): a idéia ou experiência que o emissor quer passar para o receptor.

Mas essa experiência está na cabeça do emissor: é uma abstração. Infelizmente, ainda não conseguimos descobrir o que está no cérebro de outra pessoa.

O que o emissor tem de fazer?

Tem de concretizar, tornar perceptível ao receptor essa idéia.

Para isso, ele deve usar três outros elementos:

- O código: um sistema de sinais que o receptor também conheça e possa entender.

A música (e todas as artes), os sinais luminosos de trânsito, a fumaça usada pelos índios, a língua são exemplos de código.

- O canal: um sentido através do qual a comunicação possa ser percebida. Os nossos cinco sentidos podem ser canais de comunicação, mas os mais comuns são os olhos e os ouvidos.

Quando escolhemos o código verbal, podemos usar a forma escrita ou a oral, com canais diferentes de comunicação.

Você acha importante a escolha do canal de comunicação? Justifique sua opinião. Mencione situações em que você escolhe um e não outro canal.

- A mensagem: escolhido o canal, o emissor organiza os

sinais do código da forma que lhe parece mais acessível, ou agradável para o receptor. Essa forma através da qual a comunicação é percebida é a mensagem.

Nessa nossa comunicação, a mensagem são as frases que você está lendo. Nessa comunicação oral, é a frase que você ouve.

1.2 - Funções

Embora todos os seis elementos estejam presentes em todas as comunicações, cada um deles pode, em determinada circunstância, ser para a fonte mais importante que os outros. Quem se comunica tem sempre uma intenção, e essa intenção põe em relevo um ou outro elemento da comunicação.

Isso estabelece seis funções da linguagem, conforme a predominância de um elemento sobre os demais. Vejamos cada uma delas.

- Função emotiva (ou afetiva, ou expressiva)

Como podemos depreender do próprio nome, o emissor é o elemento central desse tipo de comunicação. Em geral, através dela a fonte expressa suas emoções. Por isso mesmo, em comunicações desse tipo serão comuns:

- elementos lingüísticos de 1a. pessoa (eu, minha, nós etc.)
- frases exclamativas e interjeições
- frases não organizadas logicamente
- interrupções de pensamentos, com uso de reticências.

- Função conativa (ou apelativa)

É aquela em que a fonte tenta conseguir a adesão do receptor. Ele coage (daí, con-ativa), ainda que com toda sutileza, o receptor a adotar determinado procedimento. Nesse tipo de comunicação, o elemento mais importante é o receptor.

Será comum encontrar em comunicações apelativas:

vas:

- elementos lingüísticos de 2a. pessoa (você, tu, vocês, etc.)
- frases imperativas e interrogativas
- vocativos.

1 - Dê exemplos de linguagem conativa.

2 - Podemos dizer que as funções afetiva e apelativa exploram a emoção. Qual a diferença entre as duas situações?

- Função Referencial (ou representativa)

É aquela em que o assunto é predominantemente De-
vido ao pequeno envolvimento emocional, observamos nas comunicações desse tipo:

- linguagem objetiva, centrada no objeto da comunicação (pessoa ,
animal ou coisa)

- predominância da 3a. pessoa (ele, aqueles, etc.)
- linguagem lógica
- frases do tipo assertivo
- uso de palavras no sentido denotativo.

Denotação: o significado mais generalizado da palavra, o que vem em primeiro lugar no dicionário. É o sentido mais preciso e limitado da palavra.

A T E N Ç Ã O :

As características apontadas acima para cada tipo de função não são inevitáveis. Ao contrário, frequentemente a característica de uma é usada em outra, até como disfarce. Por isso mesmo é que temos de estar atentos às comunicações, para reconhecer as estratégias muitas vezes usadas pelo comunicador.

- Função noética

É aquela em que a mensagem é o elemento central.

É a linguagem dos artistas, diferente da nossa exatamente na forma. Muitas vezes, temos a impressão de que pensamos como o artista a respeito de determinado assunto. Mas nós - não artistas - não damos a ele o tratamento formal que o artista lhe dá.

Além da criação e da exploração frequente da forma da palavra (sons, ritmos) e de organizações especiais, esse tipo de linguagem se caracteriza pelo uso da palavra num sentido conotativo.

Conotação : significados adicionais que a palavra toma para o autor, em determinado contexto. Cria o sentido múltiplo da palavra.

É a linguagem da ficção e da poesia, em que a comunicação não precisa ser verdadeira, mas percebida como possível, na forma criada.

Observe todos os elementos que mostram o cuidado com a forma desses versos de Chico Buarque:

" Pedro Pedreiro pensou esperando o trem...
Manhã parece carece de esperar também."

- Função fática

É aquela em que o canal é enfatizado. Através dela, o emissor procura garantir a atenção do receptor. Na sua forma simples, é o "Alô!", ou o "Está entendendo?" de nossas conversas habituais. Usada em grande escala, é uma constante apelo aos sentidos. Por isso mesmo, apóia-se muito pouco no raciocínio, o que torna o receptor presa fácil de linguagens altamente fáticas: o predomínio das sensações sobre a inteligência torna o indivíduo em geral menos crítico; logo, mais "maleável".

Relacione tipos de TV ou de profissionais que usam frequentemente a linguagem fática.

- Função metalingüística

Nesse tipo de linguagem predomina o interesse pelo código. Nele, o código explora ou explica o próprio código.

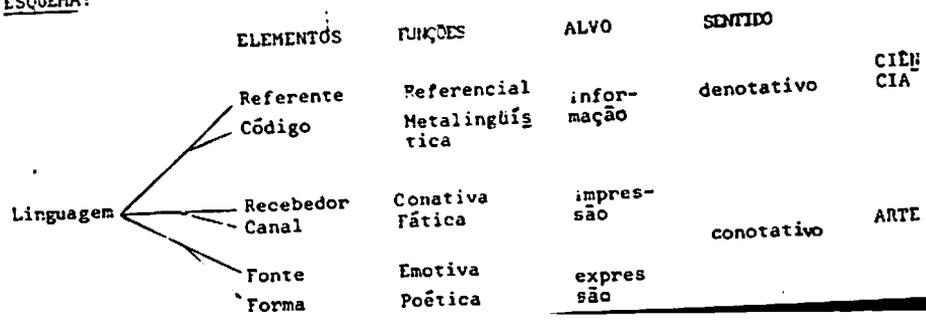
Um filme que explora a técnica cinematográfica (um filme dentro do outro), uma telenovela cujo tema é a própria telenovela são exemplos de metalinguagem.

Quando usamos o próprio código lingüístico para explicar uma palavra da língua, estamos usando a metalinguagem. O dicionário é, portanto, um ótimo exemplo de função metalingüística da linguagem.

1 - Pelas explicações acima, indique qual das três últimas funções apresentadas está mais próxima da :
 - função afetiva _____
 - função apelativa _____
 - função referencial _____
 Explique por quê.

2 - Muitas vezes, uma comunicação pode ter mais de uma função importante.
 Isso acontece menos na comunicação referencial.
 Tente explicar por quê.

ESQUEMA:



Texto 1

O computador é uma máquina automática que processa informações a partir de especificações previamente fornecidas e o conjunto de especificações capazes de desempenhar, pelo computador, uma certa tarefa (muitas vezes inútil) é chamado programa. Trataremos aqui apenas de computadores digitais binários, isto é, aqueles onde as informações são codificadas em dígitos binários (bits). Não trataremos aqui de computadores analógicos (onde as informações são representadas por grandezas físicas que podem variar continuamente), nem de computadores digitais não binários (v.g. ternários) embora a maioria dos computadores de arquitetura não depende da forma de representar os dígitos.

Em termos estruturais, um computador se compõe de uma memória, uma unidade lógica e aritmética, uma unidade de controle, e uma unidade de entrada e saída.

A memória, dita principal, é um dispositivo capaz de armazenar informações codificadas. Essas informações podem ser dados do problema a ser resolvido, ou programas (o conceito de programa armazenado caracteriza o que é conhecido na literatura por computador de Von Neumann).

A unidade lógica e aritmética é um conjunto de circuitos lógicos que permite fazer operações aritméticas e lógicas com os dados.

A unidade de controle é também um conjunto de circuitos lógicos que controla o fluxo de informações dentro do computador.

A unidade de entrada e saída é responsável pela comunicação com o meio externo (dispositivos de entrada e saída).

Dentro de um computador, a unidade básica de informação, do ponto de vista do arquiteto, é a palavra (observa-se aqui a apropriação de termos) que nada mais é que um conjunto ordenado de bits que pode representar um número, uma ou mais instruções ou parte de uma instrução, ou seja, é um conceito confuso mesmo para os computatás...

Já o conceito de instrução acima pode ser melhor precisado. É um conjunto de bits que especifica uma operação e os dados sobre os quais ela será aplicada.

(MAMMANA, C.Z. et PACIORNIK, S.D. A delicada arte de 'construir' computadores. Rev. Dados e Idéias, RJ, 11, 1: 12, ago./set. 1976, adaptação)

Texto 2

Em 1959, quando a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro resolveu importar um B-205 da Burroughs, trambolho recheado de válvulas que era incapaz de trabalhar fora de um ambiente de temperatura quase glacial, mas já um computador de primeira geração, os cérebros eletrônicos - como eram conhecidos na ocasião - só existiam, para os brasileiros, em histórias de ficção científica. Três anos depois, o Anderson Clayton ousou trazer, num investimento audacioso, um certo RMAC 305, computador um pouco mais aperfeiçoado, para simplificar seus serviços de contabilidade. Hoje, o B-205 é uma relíquia e o RMAC virou, pura e simplesmente, ferro velho.

Se eles ainda funcionassem, precisariam se multiplicar na altura de um prédio de trinta andares para desempenhar as mesmas tarefas que seus bisnetos - os sucessores da quarta geração - executam atualmente em salas de 200 metros quadrados, com o ar condicionado regulado a 20 ou 21 graus centígrados. E, se algum ginásio tiver que resolver, como lição de escola, um dos problemas que no início dos anos 60 eram entresques aos computadores pioneiros do país, bastará que comre, na loja da esquina, uma calculadora de 700 cruzelros fabricada na Zona Franca de Manaus - aparelhinho com capacidade de operação matemática idêntica à dos monstrinhos da década passada.

Passados dezenove anos da chegada do B-205 à PUC carioca, 34 do precursor lançamento do Mark I nos Estados Unidos e um século e meio das pesquisas do matemático Charles Babbage - Idealizador de uma máquina capaz de efetuar cálculos de diferenças finitas, praticamente a mesma que seria aperfeiçoada e construída pela IBM americana em 1939 - os computadores entraram definitivamente e inexoravelmente na vida da imensa maioria da população brasileira urbana e da quase totalidade dos países ocidentais. Hoje, cada brasileiro entra em contato com alguma forma de atividade cibernética cerca de quinze vezes por dia - e a tendência é a de que esses contatos aumentem cada vez mais.

Texto 3A Máquina

De junto do edifício do seu atelier se construía o Teatro Mix.

Herói assistira aquele mundo nascer. Nos primeiros dias foram engajados magotes de trabalhadores para alisar terreno, desbravar, limpar o solo em que há poucos anos as freiras do convento da Ajuda se moviam lentamente no interior das celas.

Passados os primeiros dias, despediram-nuse todo aquele enxame de braços desesperados de pão e trabalho, porque instalaram ali a máquina automática de cavar e de plantar estacas, a serviço do grande capital.

E a máquina sozinha cavava, bufava, movia-se como um grande bicho. O grande bicho comeu o pão daqueles homens. E tinha articulações e gestos inteiramente humanos. Com um movimento do maquinista ela baixava a espátula denteada de inseto curvando a cabeça sobre o alimento.

Furava a terra sanrada, ajuntava o bolo, suspendia-o, recuava, movia o nescoço enorme de aço sobre os caminhões e vomitava com uma facilidade fantástica toneladas e toneladas de areia. Tudo isso, ritmado esquisitamente, rangendo e estertorando um clamor de seiscentos mil diabos.

A máquina moderna estava se realizando. Uma nova espécie de ruído, de ritmo, de voz metálica, anunciava uma nova máquina em ação, levantando paredes, triturando, transportando materiais, dobrando hastes de ferro, transformando concreto e metal na babel do século rápido.

E no meio danuele torvelinho e daquela estrepolia, por vezes surgia um carinhoso canto — um caboclo do Nordeste aparando tijolos ritmava o trabalho com uma cantiga de botar cana nas moendas do engenho.

(Lima, Jorjé de. O Anjo)

Texto 4Ladainha

Por que o raciocínio,
os músculos, os ossos?
A automação, ócio dourado,
O cérebro eletrônico, o músculo
mecânico
mais fáceis que um sorriso.

Por que o coração?
O do metal não tornará o homem
mais cordial,
dando-lhe um ritmo extra-corporal?

Por que levantar o braço
para colher o fruto?
A máquina o fará por nós.
Por que labutar no campo, na cidade?
A máquina o fará por nós.
Por que pensar, imaginar?
A máquina o fará por nós.
Por que fazer um poema?
A máquina o fará por nós.
Por que subir a escada de Jacó?
A máquina fará por nós.

O máquina, oral por nós.

(Cassiano Ricardo, Jeremias sem chorar)

Texto 5

SERVIDOR PÚBLICO ESTADUAL, FEDERAL E MUNICIPAL

- FATO 1:** Dia 29 próximo esgota-se, no Congresso Nacional, o derradeiro prazo para votação do projeto que concede REAJUSTE SEMESTRAL DE SALÁRIOS aos Servidores Públicos de todo o país. Este projeto não será votado. Vai para o arquivo.
- FATO 2:** Foi definido pela Confederação dos Servidores Públicos do Brasil - C.S.P.B., que este dia será o "DIA NACIONAL DE LUTA", a nível nacional, quando protestaremos contra o tratamento discriminatório que temos recebido.
- FATO 3:** O Governador Francelino Pereira deverá enviar, no início de Abril, mensagem à Assembléia Legislativa fixando os novos salários dos Servidores Públicos Estaduais e definindo a época em que entrarão em vigor.

Assembléia Geral

Dia 29 de Março - 2^a feira - 18:30 horas
TODOS AO AUDITÓRIO DA FACULDADE DE DIREITO
ENTRADA PELA AV. JOÃO PINHEIRO

CSPB - FASPEMIG - ASSUFENG - ASDER/MG - UNSP - ASIPSE
APPMG - ASPENG - ASINPAS - ASLEMG - ASTRE - AFCSEMG -

FUNDO 157 INFORMATIVO Nº 1

Por que perder um dinheiro que o Governo dá para você?

O Governo costuma devolver uma determinada quantidade para que você compre ações. Esse presente tem um nome oficial: chama-se Fundo 157. O dinheiro do 157, que é um dinheiro vivo, sai do bolso do Governo e não do seu bolso. É um estímulo para incentivar as pessoas a participarem do mercado de ações. Não despreze esse dinheiro e essa chance de investir.

Muita gente nunca parou para pensar, e talvez não saiba definir perfeitamente, o que é o Fundo 157. Pois a gente pode dizer em três palavrinhas o que é esse número mágico: Fundo 157 é um investimento no mercado de ações.

O bom é que esse investimento não sofre pressões nem influências, pois o investidor, o contribuinte que ganhou o dinheiro e vai aplicá-lo, tem condições de escolher como quiser a instituição que vai administrar seu 157. Só você escolhe, dentro de uma relação muito grande de Fundos.

Por falar neles, este ano o Governo resolveu mudar um pouco a sistemática de orientação. Junto com a declaração de imposto de renda que você vai preencher, vem uma relação com os nomes dos Fundos onde você pode aplicar. Mas é preciso

que você se defina antes, que escolha o que achar melhor, e coloque o número escolhido no quadrinho apropriado.

Depois, você começa a receber a correspondência que traz sempre as evoluções do seu Fundo. E vai ter sempre à mão um espelho de como está se portando a sua aplicação. E se, por acaso, acontecer de não apreciar muito a evolução do seu capital neste primeiro ano, não tem proble-

ma. Na sua próxima declaração de imposto de renda, se achar que deve, escolha um outro Fundo e aplique nele. No mínimo, você vai poder comparar a performance dos dois.

Você vai gostar muito de investir neste mercado. Porque vai poder aplicar em ações das maiores e melhores empresas do país. Um investimento que, depois de um determinado prazo, pode voltar trazendo coisas muito boas para você.



"A gente volta a falar sobre isso na outra semana".

Texto 8

Nossas cidades não são uma selva de asfalto e concreto: são enormes zoológicos humanos, onde vivemos em condições que não são naturais para a nossa espécie e onde corremos perigo também de enlouquecer de tensão, de adoecermos de civilização, pelo nariz, pela boca, pelos ouvidos.

Você, por exemplo, respira de 20 mil a 30 mil vezes por dia, inspirando de cada vez, mais ou menos meio litro de ar. Cerca de 30 por cento desse ar enche 350 milhões de minúsculos compartimentos no pulmão, onde o sangue troca o venenoso dióxido de carbono por oxigênio, sem o qual a vida é impossível. Nas grandes cidades, o ar contém centenas de toxinas que prejudicam o desenvolvimento normal das células. Os gases que escapam dos veículos a gasolina, por exemplo, impedem a perfeita oxigenação do sangue e provocam alergias, doenças do coração, câncer. O monóxido de carbono é assimilado pelos glóbulos vermelhos 200 vezes mais depressa que o oxigênio. E o chumbo, derivado do tetraetileno de chumbo, é prejudicial acima de 100 milionésimos de grama por metro cúbico de ar, concentração que já existe em qualquer cidade média no Brasil.

E a água que bebemos? Os rios, principal fonte de água potável, são usados como canais de esgoto e de despejo. A vida animal na maior parte dos rios que abastecem as grandes cidades, já não existe, porque a vida é impossível, não está para neixe. Esse líquido clorado, recuperado, da nossa era higiênica, tem muito pouca coisa a ver com a água potável, de nascente, digna de neixe e de homem. Estações de tratamento, filtros, toda química disponível não consegue esconder que estamos bebendo um líquido que supre as necessidades vitais, mas que é chamado água apenas por hábito.

Além de tudo, estamos ficando surdos. Em cada cem carlocas (ou paulista, ou gaúchos) dez têm problemas de audição e cinco foram vítimas de poluição sonora. Hoje em dia há duas vezes mais pessoas surdas que há dez anos atrás e a gente da cidade só ouve sons a partir de 30 decibéis, 10 na melhor hipótese, enquanto o homem do campo ouve ruídos até de um decibel.

Dor de cabeça, fadiga excessiva, nervosismo, distúrbios de equilíbrio, afecções cardíacas e vasculares, anemias, úlcera de estômago, distúrbios gastrintestinais, neuroses, distúrbios glandulares, curto-circuitos nervosos, tudo isso pode ser provocado pelo barulho das grandes cidades. E nem é preciso que seja barulho excessivo, porque, na maior parte das vezes, ele já é incômodo e contínuo.

Enjaulados, enquanto não fizermos desse zoológico um jardim mais verde, mais limpo, mais saudável, menos neurótico, a única solução é sair de vez em quando para respirar ar puro, beber água de verdade, ouvir o silêncio, sentir os cheiros da vida e reconquistar a tranqüilidade perdida.

(LOBO, Luiz. Turismo em Foco. Ano IV, nº 19, p.19)

A-2. Sistema, norma e uso

2.1 - Sistema, norma e uso

Leia com atenção os seguintes textos

Texto 1

O Teófilo era o único peão que havia por aquelas bandas, e teria ' que amansar todos aqueles poldros. Emílio quis saber:

- Quando é que ele vai amansar os poldros?

Luiz, que vinha chegando, disse:

- Hoje nóis já vai dexá fechado os dois baio craro mais'o iscurim, qui é mais'erado, mode o cumpade levá pra amansá.

Manoel, com alegria:

- Antonte nóis teve junto e ele disse qui tá im ansa (está em ânsia mode levar os poldro. Diiz' ele qui que purveitá agora qui tá istiado e os pasto dele inda tão ão, mode os'animale num sinti dimais'a mansação.

(COSTA, Thereza Vianna M. A fazenda do doutor)

Texto 2

A esquistossomose é uma doença endêmica no Vale do Rio Doce e atinge a mais ou menos 30% da população de Governador Valadares, nas suas mais variadas formas.

Uma parcela desta população evolui para a forma hepatoesplênica com varzes esôfago-gástricas, sendo encaminhada à cirurgia.

De 1969 a 1977, 110 pacientes com hipertensão portal esquistossomótica foram submetidos à descompressão seletiva das varizes esôfago-gástricas por uma anastomose espleno-renal distal.

Nova técnica, descrita por Teixeira, em 1966, e por Warren e Zeppa, em 1967, foi empregada. Nosso objetivo é mostrar detalhes e variações dessa técnica para maior divulgação, baseados nos bons resultados com ela obtidas.

Foram operados 110 pacientes, todos portadores de hipertensão portal esquistossomótica, e foram mostradas algumas vantagens fisiopatológicas dessa técnica sobre as outras já descritas.

(PITANGA, L. Claro. Cirurgia da hipertensão portal esquistossomótica. Medicina de Hoje. São Paulo, Bloch. set/77, p. 660)

Você provavelmente teve algumas dificuldades para entender os dois textos e certamente viu diferenças entre o uso que você faz da língua portuguesa e o uso que fazem dela as pessoas envolvidas neles.

1 - Dê o significado das palavras

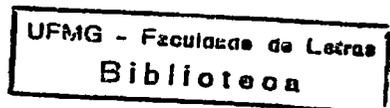
erado

estar em ânsia

endêmica

hepato-esplênica

varizes



esôfago-gástricas
 hipertensão
 portal
 descompressão
 anastomose espleno-renal distal.

2 - Observe também a concordância.

- Em qual dos textos é usada a concordância que você usa e a escola ensina?
- Como se caracteriza a concordância de número no primeiro texto?
- Em que ambiente cada um ocorre (ou ocorreria)

3 - Observe a situação da comunicação dos dois textos:

- Quais são e como se caracterizam os emissores de cada um deles?
- Quem são possivelmente os receptores da comunicação?

4 - No primeiro texto está apresentado o modo como as personagens pronunciam as palavras.

- Algumas simplificações evidenciadas você também pode usar. Aponte-as.
- Algumas pronúncias ou alterações você não usa e talvez não tenha sequer ouvido. Aponte-as.

5 - As diferenças observadas nos dois textos aparecem nas palavras gramaticais ou lexicográficas?

Se você tivesse de escolher um dos textos como tipicamente português, qual deles você escolheria?

Apesar das diferenças existentes, nem você nem nenhum brasileiro negaria que as duas comunicações foram feitas em língua portuguesa.

A conclusão a que chegamos é muito importante para quem quer usar bem e conhecer qualquer língua:

Toda língua apresenta muitas variações, segundo uma série de fatores.

Para entendermos como nos comportamos com relação ao uso da língua, observemos outros tipos de comportamento.

Estudemos nosso comportamento com relação ao vestuário. Podemos dizer que o sistema cultural em que vivemos tem como lei que devemos andar vestidos. Essa lei, a que estão sujeitos todos os indivíduos de nossa comunidade, permite-nos muitas variações na forma de vestir.

Não se vestem do mesmo modo:

a) pessoa de três meses, quinze anos e oitenta anos. Por quê?

b) pessoa do Rio Grande do Sul, do Rio de Janeiro e do Amazonas. Por quê?

c) Os operários de uma fábrica de tecidos e a mulher do dono da fábrica. Por quê?

Por outro lado, a mesma pessoa se veste diferentemente, conforme cada situação.

Por exemplo:

Em que situação você usaria sandália havaiana?

- () num campo de futebol, como espectador.
- () numa cerimônia de posse de um novo adido cultural no Itamarati.
- () numa caçada, numa região de mata cerrada e muitas cobras.
- () na entrega de prêmio literário a um hippie num barzinho da cidade

O nosso comportamento, com relação ao vestuário, é marcado pela variação. Todo comportamento, em qualquer caso, tende a adaptar-se à comunidade em que ele ocorre.

Um carioca, acostumado às bermudas e "shorts", usará outro tipo de roupa, se se mudar para uma cidade de clima frio. Com a idade, o vestuário das mulheres também vai modificando-se.

Adaptar-se implica sofrer variações de determinado comportamento, de um tempo para o outro, de um lugar para outro, de grupo para grupo, de uma ocasião para outra.

Com relação ao vestir-se, podemos dizer que há:

1 - SISTEMA

Um conjunto mínimo de leis (um esquema) que não podem ser descumpridas. (No caso do vestuário, andar vestido.) São muito poucas, e por isso permitem muitas variações.

2 - NORMA(S)

Um conjunto de regras que, segundo o mesmo esquema, podem variar de época para época e de comunidade para comunidade. Ao conjunto somam-se variantes que são comuns a todos os elementos de determinada comunidade. Essas regras são a norma comum àquele grupo - aquilo que é normal para ele.

A norma de um grupo (ou de uma época) pode não ser aceita por outro.

Um brasileiro usaria, na vida diária, uma saia havaiana?

3 - USO (S)

Cada pessoa, conforme suas características pessoais e cada situação que vive, escolhe um comportamento particular, ainda que siga as leis do esquema e tenda a seguir as normas da comunidade.

Que tipo de roupa você não usa, ainda que esteja "na moda"?

Indique, em cada situação descrita abaixo, se houve desvio do sistema (S), da norma (N) ou do uso (U).

Numa festa (simples) de jovens de classe média, a grande maioria das garotas estava de mini-saia. Mas:

- () uma menina foi de longo, visivelmente gasto.
- () Márcia tentou entrar nua na festa.

() Lucmila usava uma mini-saia sofisticada, confeccionada por Clodovil, o mais famoso costureiro do Brasil.

() Uma senhora de 50 anos, mãe de uma das jovens, usava uma mini-saia igual à de outra moça.

Das moças indicadas em situação de desvio, qual a que provavelmente seria menos discriminada ou desvalorizada? O que explicaria isso? Relacione esse fato com a valorização da fala do peão e do médico: seu julgamento baseou-se em preconceito ou não?

Com relação ao comportamento lingüístico, ocorre a mesma coisa.

1 - Existe um sistema único na língua - obrigatório para todos que usam a língua. É um conjunto muito reduzido de leis. Por isso, admite muitas variações.

Fugir a ele significa não ser entendido,

Por exemplo:

Menino o está muro em cima do.

Por que esta frase não segue o sistema lingüístico português?

2 - As normas são muitas e tendem a ser usadas por todos que querem adaptar-se (ou que, às vezes sem perceber, estão adaptados) às regras de sua comunidade.

Fugir a elas pode significar não ser aceito.

A concordância, por exemplo, é uma lei do sistema lingüístico. Mas a forma de fazer a concordância não será a mesma. Relembre os casos dos dois textos iniciais.

3 - Os usos também são muitos, e cada indivíduo adota ora um, ora outro, conforme cada situação.

Que frase seria inadequada de mãe para filho, numa situação doméstica?

() Joãozinho, não saia, do contrário, lhe darei alguns tapas!

() Joãozinho, não saia, que te dou uns tapas!

2.2 - As normas

Como vimos, temos na língua um único sistema, seguido por comunidades bastante diferentes entre si e por indivíduos também muito diferenciados.

A língua mostra, assim, uma unidade (sistema) na diversidade (normas e usos).

Estudemos melhor as normas lingüísticas.

Elas são chamadas também dialetos. Valem para toda a comunidade. Seus elementos as adotam muitas vezes sem consciência delas. Se saírem de sua comunidade, tentam adotar as regras da outra, mas a adoção de um novo dialeto é penosa e demorada.

As comunidades lingüísticas podem ser definidas por três critérios principais : O geográfico, o etário e o social.

a) O geográfico

É muito fácil observar que pessoas de regiões diferentes apresentam formas peculiares de pronúncia e têm um vocabulário também característico.

b) O etário

Uma criança não fala como um jovem, nem como um idoso.

Se a criança for bem pequena, perceberemos em sua fala troca ou ausência de determinados sons.

O adolescente tem, por exemplo, um vocabulário bastante particular, com muitas gírias, a ponto de não ser aceita a sua linguagem na comunidade dos idosos - esses também criticados pelos jovens, por causa de sua linguagem "antiga", "careta".

c) O social

O social para nós engloba o econômico e, conseqüentemente, o cultural.

A variação da língua determinada pelo fator social é também flagrante.

As pessoas de grande poder econômico têm mais oportunidades de estudo, viagens e experiências que certamente não são oferecidas aos indivíduos de baixo poder econômico. A história diferente desses dois grupos irá evidenciar-se também no uso da língua.

Como salientamos, esses são os principais critérios para a definição de dialetos. Alguns teóricos falam em dialeto profissional ou em dialetos feminino e masculino, entre outros. Mas os mais importantes são os três mencionados.

A NORMA CULTA

Em geral, toda nação tenta estabelecer uma norma culta, a ser trabalhada na escola, com o objetivo de todos os seus habitantes chegarem a adotá-la.

Nela estão escritos documentos, textos técnicos e científicos, grande parte das obras literárias e nela se fazem discursos, conferências, palestras, debates, etc.

A norma definida como culta é escolhida em função do prestígio, surgido do poder econômico cultural.

Assim sendo, tal norma se definiria certamente:

- a) nos grandes centros urbanos, ou nos meios rurais?
- b) pela linguagem dos jovens e crianças, ou dos adultos?
- c) na linguagem da maioria da população - da camada sócio-econômica desprivilegiada e sem escolas, ou na linguagem da minoria, com estudos superiores, que constitui a elite intelectual do país?

Você está na universidade. Em certo aspecto, você já é um privilegiado, uma vez que a maioria dos jovens brasileiros não tem esse grau de estudo.

Em breve, você fará parte da elite intelectual brasileira. Precisarã, portanto, conhecer e expressar-se frequentemente na norma culta.

A escola procura treinã-lo para isso. Mas você deve estar consciente' de que outros dialetos, sem o mesmo prestígio, são igualmente eficientes, e deve respeitã-los igualmente.

Redação: Se todas as normas são equivalentes, e se o natuto enten- de e é entendido ao usar seu di- alete, você acha razoável impin- gir a ele a norma culta?

2.3 - Os usos

Os usos ou registros são opções que o emissor faz de uso da língua, em função das condições particulares de cada situação de comunicação.

Em princípio podemos dizer que há dois tipos de registros:

- a) formal
- b) informal.

No primeiro, dizemos que entre emissor, receptor e assunto há barreiras. No segundo, entre esses elementos não há barreira.

Expliquemos esses pontos com três comunicações em torno de um mesmo as- sunto:

- A) O sãhhor poderia me informar sobre o preço do apartamento?
- B) Qual que será o preço do apartamento?
- C) O imóvel tem seu valor determinado segundo critérios objetivos, co- mo localização, dimensão e acabamento.

- 1 - Qual das três comunicações é menos cuidada, mais espontânea?
- 2 - Qual é mais cuidada e menos espontânea?
- 3 - É usada a comunicação:
 _____, quando emissor e receptor são ínti- mos e conversam sobre assunto de interesse pes- soal
 _____, quando emissor e receptor mal (ou não) se conhecem e têm ligações diferentes com o assunto.
 _____, quando emissor se comunica com rece- bedor (es) sobre um assunto encarado tecnicamente.

Você deve ter reparado que sempre que há um distanciamento, uma barreira entre fonte, receptor e assunto, a comunicação tende a torna-se impessoal, policiada, formal. A barreira pode aparecer em função do número de pessoas, do ambiente, da função da linguagem, do meio de comunicação.

Indique situações ou ambientes em que seria provável o uso de cada uma das comunicações acima.

Entre o registro formal e o informal, há formas intermediárias, tendendo para um ou para outro, conforme o número de barreiras da comunicação.

Por exemplo: quanto mais afetiva for a linguagem, mais a comunicação tenderá para o informal: a pessoa emocionada não tem condições de policiar-se, inclusive linguisticamente.

No registro formal, o vocabulário, a morfo-sintaxe e até a pronúncia (no caso da comunicação oral) apresentam características de cuidado e escolha muito maiores do que no informal.

Isso ocorre quase sempre inconscientemente, e mesmo com crianças e pessoas não escolarizadas. Tais pessoas percebem que, em determinadas situações, devem "falar ou escrever bonito". Nesses casos, usam palavras que empregam raramente, ou cujo significado desconhecem. Frequentemente, o "bonito" está inadequado ou incorreto. De qualquer forma, estão, no seu dialeto, esforçando-se para usar o registro formal.

Faça duas comunicações sobre o mesmo assunto: uma, dirigida a um colega muito amigo e outra endereçada ao chefe do colegiado de seu curso. Use adequadamente os registros.

3. REALIZAÇÃO ORAL E ESCRITA

Os registros estudados acima podem aparecer tanto na realização escrita como na oral. Mas essas realizações são bastante diferentes.

1 - Quando falamos, contamos com o receptor próximo de nós:

- a) no tempo
- b) no espaço

Quando escrevemos, não contamos com essa proximidade, ou algum fator impede o uso da realização oral.

Indique situações em que a comunicação é forçosamente escrita.

2 - Em situações mais comuns da vida diária, receptor e fonte estão frente a frente e se revezam rapidamente nos papéis de fonte e receptor.

Por isso mesmo, nesses casos, a realização oral se caracteriza pela presença de tempo: a comunicação se faz sem oportunidade de "desmanchar" o que foi falado. A fonte tem pouco tempo para "elaborar" sua mensagem, e o receptor não tem tempo para se deter na análise dela. O tempo de emissão e de recepção da mensagem é um só.

Assim, lapsos e repetições são normais quando falamos.

Quando falamos, a fonte e o receptor contam com uma vantagem: a presença física do receptor. Assim, a expressão verbal, os gestos, todo o contexto pa-

ra facilitar a de(s)codificação.

Ao contrário, na realização escrita, a fonte tem tempo para rever sua mensagem e "desmanchar" o que achar conveniente. Por outro lado, o receptor tem tempo para rereer o texto, avaliá-lo cuidadosamente.

Por isso mesmo, lapsos e repetições (a menos que haja boas razões para isso) não são admissíveis na escrita.

A realização escrita não se favorece também das vantagens da mímica, nem da entonação e do ritmo, tão eficazes e naturais na fala. A fonte tem de se valer de recursos não são menos eficazes como também adquiridos mais penosamente através da aprendizagem "escolar". O autor do texto tem de "esclarecer" todo um contexto, com palavras e pontuação adequadas.

Leia atentamente o texto abaixo:

Os sinos tocam, chamam os romeiros:
Vinde lavar os vossos pecados.
Já estamos puros, sino, obrigados,
mas trazemos flores, prendas e rezas.

No alto do morro chega a procissão.
Um leproso de opa empunha o estandarte.
As coxas das romeiras brincam no vento.
Os homens cantam, cantam sem parar.

Jesus no lenho expira magoado.
Faz tanto calor, há tanta algazarra.
Nos olhos do santo há sangue que escorre.
Ninguém não percebe, o dia é de festa.

No adro da igreja há pinga, café,
imagens, fenômenos, baralhos, cigarros
e um sol imenso que lambuza de ouro
o pó das feridas e o pó das muletas.

Meu Bom Jesus que tudo podeis,
humildemente te peço uma graça.
Sarai-me, Senhor, e não desta lepra,
do amor que eu tenho e que ninguém me tem.

Senhor, meu amo, dai-me dinheiro,
muito dinheiro para eu comprar
aquilo que é caro mas é gostoso
e na minha terra ninguém não pissui.

Jesus meu Deus pregado na cruz,
me dá coragem pra eu matar
um que me amola de dia e de noite
e diz gracinhas a minha mulher.

Jesus Jesus piedade de mim.
Ladrão eu sou mas não sou ruim não.
Por que me perseguem não posso dizer.
Não quero ser preso. Jesus ó meu santo.

Os romeiro pedem com os olhos,
pedem com a boca, pedem com as mãos.
Jesus já cansado de tanto pedido
dorme sonhando com outra humanidade.

(ANDRADE, Carlos Drummond. Alguma Poesia. In: OBRA COMPLETA. Rio de Janeiro, Aguilar, 1964, p. 77/78)

Você deve ter percebido várias "incoreções" no poema de DRUMMOND.

Assinale-as e responda:

- A) Quais os elementos que indicam a tentativa de registro formal?
- B) Você acha que seu professor não lhe permite tais incorreções porque você não é famoso?
- C) Você certamente conhece outros textos de DRUMMOND. Ele usa sempre tais formas, em suas comunicações ?
- D) Quando você não só poderia como deveria usar tais formas?
- E) Quando você (ou DRUMMOND, ou qualquer outro falante da língua) não deveria usar tais formas?

Aplicação:

- 1 - Procure sinônimos do verbo morrer e do substantivo pessoa. Use - os em frases que deixem claro em que registro você os empregaria.
- 2 - Considerando as características das duas realizações da língua, responda:
 - A) Qual delas tem mais oportunidades de usar o registro informal?
 - B) Por quê?
- 3 - Se você tiver oportunidades de ler mais de um jornal, analise as manchetes das notícias comuns e mesmo a linguagem de algumas seções. Veja a que público cada jornal se dirige (variações de dialeto) e em que registro.
- 4 - Você certamente já consultou várias gramáticas: em geral elas apresentam regras referentes a um dialeto e a um registro, assim como a uma realização da língua.
 - A) Quais são eles?
 - B) Você considera igualmente justificável essa escolha do dialeto, do registro e da realização?

Esse texto é uma adaptação de capítulos da obra Nos domínios da cultura, de Orlando BIANCHINI, Maria das Graças PAULINO e Maria Antonieta Antunes CUNHA. No prelo (FTD).

B-2. Textos para análise e exercícios

Texto 1

- Pois ora veja os maus enganados, companheiros! - veio saindo da moita, a desculpar-se, o Bia, Antônio Bia, o de voz quente e gargalhada clara, metido em sua capa. - Maximino, homem, é o Bia. Por um nada eu te mato!

- Ara veja! ...

- Mas noites ...

- Noite danada, amigo. Vem da rua?

- Venho de lá, tou de casamento.

Maximino guardou o revólver, Antônio Bia enfiou na alça do arreio a carabina.

- Tempo quente no arraial?

- Uns diz-que-diz de briga - é o Waldo. A gente tem de se guardar.

- Lá isso é. O patrão já vem chegando. Casamento que ocê disse?

Resposta foi o riso largo do vaqueiro. E o seu vulto cresceu, só

noro:

- A Deusmira, se alembra?

- Me alembro, si-pois-sim. A Deusmira do João do Vau, finezas de donzela. Que Deus vele guarde, irmão.

(BARRETO, Benito - Capela dos Homens)

Texto 2

Outro dia um senhor de cinquenta anos me falava dele mais ou menos assim:

- Se há alguém que eu adoro neste mundo é minha mãezinha. Ela vai fazer 73 anos no dia 19 de maio. Está forte, graças a Deus, e muito lúcida. Há 41 anos que está viúva; papai coitado, faleceu muito moço, com uma espinha de peixe atravessada no esôfago; pois não há dia em que mãezinha não se lembre dele com um amor tão bonito, com um respeito ... Ela sempre costuma me dizer que nunca teve queixa de mim, mas que um homem como papai nunca existiu. Uma santa.. Ah, mamãe é a única mulher santa que eu conheci.

Deu que no mesmo dia encontrei um rapaz de dezoito anos, que me contou mais ou menos o seguinte:

- Velha bacaninha é a minha. Quando ela está adernada, mais pra lá do que pra cá, ela ainda me dá uma broncazinha. Bronca de mãe não nega, meu chapa. Eu manjo ela todinha: lá em casa só tem bronca quando ela enche a cara demais. A velha toma pra valer! Ou então foi um troço em que eu não meto a cara.

Que que eu tenho com a vida da velha? Pensa que me manca? Quando ela tá de bronca, o titio aqui já sabe: taco-lhe três equanil. E batata. Daí a pouco ela fica macia e vai soltando o tutu.

(CAMPOS, Paulo Mendes. Colunista do Morro)

Texto 3

Aquí em frente a minha casa dois bairros crioulos abriam um buraco no asfalto. Um deles segurava com as duas mãos um haste de ferro pontiagu da fincada no asfalto. O outro, brandindo um malho com absoluta perícia, dava sólidas porradas - perdão pancadas! - no ferro que o outro segurava. De repente o malho do primeiro crioulo resvalou e atingiu a mão do segundo fazendo sair faíscas. Ele, como um animal, se voltou para o outro quando viu, atravessando a rua, um grupo de pequenos escolares orientados por uma freirinha. Gemendo berrou: "Caro colega, peço-vos que de outra feita tenhais mais cuidado ao brandir essa vossa ferramenta de trabalho, pois, do contrário, podereis vir a me machucar seriamente."

(FERNANDES, Millôr. Moralizador Mor (trecho), VEJA, 31.03.82)

Texto 4

Para aqueles que pela primeira vez nos visitam, ou para aqueles que pouco estão familiarizados com o Rio Grande do Sul, desejo, inicialmente, fazer uma afirmativa: aquele gaúcho tradicional, de chapéu de abas largas, bombacha, botas, esporas chilenas, chiripá, montado permanentemente em cima de um cavalo, não existe mais, senão em nossos corações, em nossas tradições mais caras.

(VILELA, S. Aspectos da Economia e da Sociedade Rio-Grandense. Revista Metalúrgica. 1974)

Texto 5

LEIA COM ATENÇÃO - NESTA CAPITAL O PODER DA CIÊNCIA

Procure ouvir a Profa. YARA

Revela o Presente, o passado e o futuro - Ver para crer, pois na tua mão diz o que é e o que serás.

Ouçã a Profa. YARA com grandes conhecimentos da Ciência Oculta e Sobrenaturais, recém-chegada da Bahia. Quereis descobrir alguma coisa que vos preocupa? Fazer voltar para vossa companhia alguém que de vós é separado? Saber alguma coisa sobre o vosso casamento? Destruir o mal que vos perturba? Curar algum vício da embriaguez e outras coisas que estiverem no seu desejo de obter e ser feliz? Não perca tempo, adquira a felicidade e seja feliz nos negócios. Para que a pessoa tenha absoluta certeza de que a Profa. YARA melhorará sua vida transformando-a completamente, vá hoje mesmo fazer-lhe uma visita o mais breve possível que ficará satisfeito. Procure-a na confiança de que ela garantirá a sua felicidade. Ver para crer. Seus trabalhos são garantidos pois são baianos.

- Horário de 8:00 hr. às 21:00 hs. . Todos os dias.

Em sua res. à RUA JACUÍ, 1757 - ÔNIBUS à PORTA - RENSCEŃA - 67

- IPIRANGA - SANTA CRUZ e outros.

Belo Horizonte

Minas Gerais

Texto 6

Senhor Ministro

Diante da grave situação financeira em que se encontra a Universidade Federal de Minas Gerais, os diretores e pró-reitores de todas as suas unidades se reuniram e, após amplo e profundo debate, concluíram, pela extrema dificuldade de prosseguir administrando uma crise que já atinge altíssimas proporções. Em vista disso, decidiram elaborar o presente documento, que pretende ter caráter de denúncia perante Vossa Excelência.

.....
 Diretores de unidades e pró-reitores de uma Universidade já a nível de subgerenciamento, às raíais do anadministrável, exoneramo-nos de qual quer responsabilidade, pois não temos tido a menor influência no estabelecimento de dotações orçamentárias. Tampouco aceitamos ver morrer a esperança de contribuir eficazmente para o engrandecimento desta Nação, à qual nos é imposto o dever de prestar contas de quanto temos feito para tornar reais todos os seus anseios.

Todos estamos dispostos a proseguir em nosso árduo trabalho, convictos, porém, Senhor Ministro, de que sua factibilidade está a depender de medidas imediatas e substanciais, de pleno conhecimento desse e de outros Ministérios de Estado, diretamente envolvidos na matéria. É o que esperamos alcançar.

Valemo-nos da oportunidade para reafirmar a Vossa Excelência a segurança de nosso elevado apreço e distinta consideração.

Atenciosamente,

(Boletim Informativo U F M G, agosto/1979, trechos).

Texto 7

São Paulo, 13 de maio de 1979.

Mãe,

Tã pensando que eu vou paparicar a senhora por causa do dia de vocês, né? Mãe pra cá, mãe pra lá, né? Pois neste dia 13 de maio de 1979 eu não vou dar presente nenhum, eu vou dar é um pau nas mães!

Ora, tem certas coisas acontecendo no Brasil que é culpa das mães, sabia? A senhora vai me desculpar, todas as mães vão me desculpar, mas vocês andaram errando na educação de seus filhos e, se os filhos do Brasil estão do jeito que estão, vocês são as responsáveis.

Nem vem de chantagem afetiva com este biquinho de choro aí por que eu tô de olho fechado e não estou vendo. Chegou a hora de falar das mães da maioria dos filhos brasileiros. Das mães que, desde cedo, ensinaram seus filhos a falar "sim, senhor", que a cada momento lembraram seus filhos: "Cuidado! Não sai no sereno que vai resfriar! Não toma corrente de vento que constipa!

Sai daí que você vai cair! Levanta e dá seu lugar pro doutor! Vai já já botar agasalho! Canta aí pra sua madrinha ver! Não vai andar com estes moleques da rua! Manga com leite mata! Você vai obedecer sua professora, vou falar com ela que se precisar pode te dar umas chineladas! Que que você tá fazendo trancado aí dentro? Quando a visita chegar vai comer lá fora..."

Viu o que vocês fizeram? Fizeram dos seus filhos um povo tão servil que tem gente que prefere o cheiro de cavalo ao cheiro deste povo. A sogra te é que teve algumas mães pra dizer: se chegar apanhado da rua, apanha em casa também. Minhas homenagens à senhora e à mãe do Lula.

Tomaram, papudas?

Mas ainda há tempo.

Mães de todo o Brasil! Assumam o seu dia. Não permitam que, neste domingo, seus filhinhos venham comprá-las mais uma vez com garrafas térmicas, bolsas, meias e conjuntos estofados. Surpreendam estes corruptos. Na hora em que eles, utilizando-se dos inocentes úteis dos netinhos, chegarem para mimá-las com o suborno de um liquidificador, dêem um chute de bico no pacotão, apanhem a chineira e botem o Brasil no rumo da democracia.

A bênção do seu filho da mãe,

Henfil.

(HENFIL. Cartas da Mãe, adaptação)

Texto 8

Emissor: Bom, ahn... Primeiro, a pena de morte, eu acho que é absolutamente ahn... é um fato ahn... que é, para as pessoas que a enfrentam, automaticamente elas têm medo, se a gente diz: você faz tal coisa, então você vai ser condenado, automaticamente ele vai recuar com relação ao... à ação que vai praticar. A partir do momento que não se aplica a pena de morte, as pessoas dizem: bom, a gente vai ser condenado, mas tem sempre uma maneira de se safar.

Receptor: Ahn... Então a pena de morte tem... é boa, como um fim, é um exemplo, e as pessoas recuam diante de uma má ação, porque elas pensam antes na pena de morte. Por outro lado, se ela não existisse, ahn, haveria sempre um recurso de se regenerar mais ou menos ... (palavra incompreensível) ... a pena de morte não seria um fim, é isso.

Emissor: Mas ... ahn... Eu sou. Ahn pessoalmente um pouco com tratamêto, a pessoa é condenada, não se pode mais ahn... enfim, quando se mata alguém, essa pessoa não viverá mais, ela não vai mais ter... afinal de contas, ela vai... quando ela morrer, ela, ela não vai mais poder pensar no que fez e... (20 segundos de silêncio). Quando ela for condenada a, vamos por aí, 30 anos de prisão, ela vai ter tempo de se arrepender, é uma besteira (risos)... não deixa de ser uma besteira encerrar o indivíduo num cárcere e tudo... só que ele vai ter tempo de compreender, de ver o mal que ele fez e ... de sofrer, muito mais do que se estivesse morto.

Receptor: Então, a pena de morte não é um meio de fazer expiar

os crimes de uma pessoa, pois, uma vez que ela está morta, ahn... acabou (risos)... Se ela passar 30 anos na cadeia, automaticamente ela vai ter tempo de se arrepender e, finalmente, ela talvez possa ser recuperada.

Emissor: Quando se aplica ahn... a pena de morte também, se o julgamento teve alguma falha, não há nenhuma possibilidade de retorno; agora, se é uma condenação a prisão, ahn... há possibilidade de retorno.

Receptor: Se há pena de morte, não há nenhuma possibilidade de recurso (risos) mas se um indivíduo é condenado à prisão perpétua, pode-se sempre consertar um erro de julgamento.

(VANOYE, Francis. Op.cit, pág. 162-163)

Texto 9

PRECAUÇÕES E EFEITOS SECUNDÁRIOS

O recurso a antibióticos pode, às vezes, redundar em excessiva proliferação de organismo não susceptíveis. Faz-se mister, portanto, manter o paciente sob constante observação. Se aparecerem novas infecções durante a terapêutica, caberá tomar as medidas adequadas ao caso.

A Demetilcloretetraciclina pode causar um depósito estável de cálcio no tecido ósseo em formação, sem que se tenha registrado, até agora, qualquer efeito maléfico em seres humanos. Contudo, no desenvolvimento da dentição (último trimestre da gravidez), no período imediato ao parto e na primeira infância, a Demetilclortetraciclina poderá afetar a coloração dos dentes (amarelo, cinzento, pardo). Tal efeito secundário se observa principalmente nos tratamentos prolongados, mas pode também ser verificado a curto prazo.

À semelhança do que acontece quando do emprego dos demais antibióticos, é possível a observação de efeitos colaterais, como glossite, estomatite, náusea e diarreia. Havendo reação adversa ou idiosincrasia, caberá suspender a medicação e instituir terapêutica apropriada. Raros casos de reação anafilática têm sido observados.

(texto retirado da bula de Varidase antibiótico)

Texto 10

A OUTRA SENHORA

A Garotinha fez esta redação no ginásio:

"Mamy, hoje é dia das Mães e eu desejo-lhe milhões de felicidades e tudo mais que a senhora sabe. Sendo hoje o dia das Mães, data sublime conforme a professora explicou o sacrifício de ser Mãe que a gente não está na idade de entender mas um dia estaremos, resolvi lhe oferecer um presente bem bacaninha e fui ver as vitrines e li as revistas. Pensei em dar à Sra. o radiofono Hi-Fi de som estereofônico e caixa acústica de 2 alto-falantes amplificador e transformador mas fiquei na dúvida se não era preferível uma TV legal de cinescópio multirreacionário som frontal, antena telescópica embutida, mas o nosso apartamento é um ovo de tico-tico, talvez a Sra. adorasse o transistor de 3 faixas "

de ondas e 4 pilhas de lanterna bem simplesinho, levava para a cozinha e se divertia enquanto faz comida. Mas a Sra. se queixa tanto de barulho e dor de cabeça, desisti desse projeto musical, é uma pena, enfim trata-se de um modesto sacrifício de sua filhinha em intenção da melhor Mãe do Brasil.

Falei de cozinha, estive quase te escolhendo o grill automático de 6 utilidades porta vidro refratário e completo controle visual, só não comprei-o porque diz que esses negócios eletrodômesticos dão prazer uma semana, chateação o resto do mês, depois encosta-se eles no armário da copa. Como a gente não tem armário da copa nem copa, me lembrei de dar um, serve de copa, despensa e bar, chapeado de aço tecnicamente subdesenvolvido. Tinha também um conjunto para cozinha de pintura porcelanizada fecho magnético ultra-silencioso puxador de alumínio anodizado, um amoreco. Fiquei na dúvida e depois tem o refrigerador de 17 pés cúbicos integralmente utilizáveis, congelador cabendo um leitão ou peru inteiro, esse eu vi que não cabe lá em casa, sai dessa?

Me virei para a máquina de lavar roupa sistema de tambor rotativo mas a Sra. podia ficar ofendida de querer acabar com a sua roupa lavada no tanque, alvinha que nem pomba branca. Mamy esfrega e bate com tanto capricho enquanto eu estou no cinema ou tomo sorvete com a turma. Quase entrei na loja para comprar o aparelho de ar condicionado de 3 capacidades, nosso apartamentinho de fundo embaixo do terraço é um forno, mas a Sra. vive espirrando, o melhor é não inventar moda.

Mamy, o braço dói de escrever e tinha um liquidificador de 3 velocidades, sempre quis que a Sra. não tomasse trabalho de espremer laranja, a máquina de tricô faz 500 pontos, a Sra. sozinha faz muito mais. Um secador de cabelo para Mamy! gritei, com capacete plástico mas passei adiante, a Sra. não é desses luxos, e a poltrona anatômica me tentou, é um estouro, mas eu sabia que minha Mãezinha nunca tem tempo de sentar. Mais o quê? Ah sim, o colar de pérolas acetinadas, caixa de talco de plástico perolado, par de meias, etc. Acabei achando tudo meio chato, tanta coisa para uma garotinha só comprar e uma pessoa só usar, mesmo sendo a Mãe mais bonita e merecedora do Universo. E depois, Mamy eu não tinha nem 20 cruzeiros, eu pensava que na véspera deste dia a gente recebesse não sei como uma carteira cheia de notas amarela, não recebi nada e te ofereço este beijo bem beijado e carinhosão de tua filhinha Isabel".

(ANDRADE, Carlos Drummond. Cadeira de Balanço)

Texto 11

Exm^o Sr. Prof. José Apolinário de Albuquerque
DD. Diretor do Colégio Santo Amaro
Belo Horizonte

Senhor Diretor

Venho comunicar a V. Exa. que os alunos de 8a.série H, turma da manhã, fizeram no dia 06/06/83 a maior barunça na sala, impedindo-me de dar aula, o que me deixou bastante amolado.

Acho que tais alunos estão precisando de uma boa repreensão por parte das autoridades da nossa querida escola. Eu já estou cansado de tentar fazê-los comportar-se convenientemente.

Aguardando as providências cabíveis ao caso, apresento a V.Exa. meus protestos de estima e amizade.

João José de Oliveira

Belo Horizonte, 15 de junho de 1983.

O Português Oral

Diálogo gravado ao vivo entre duas senhoras

- A -- Quer dizer, é o sábado dia dois, e gente vem buscar dia dois.
 B -- É o sábado.
 A -- Vai ser no domingo, mas eu vou para São Paulo, então já venho pegar no dia um, quer dizer que no domingo é só levar.
 B -- Quer dizer que a senhora vem pegar no dia 2. De que sen-enho?
 A -- Agora é o seguinte, sabe, B. Rima, ela tem cinquenta pessoas mais ou menos. Que tamanho que a senhora acha que precisa ter?
 B -- Quatro.
 A -- Quatro, né?
 A -- Agora é um mesquinho, vai fazer um ano, sabe. Agora, não sei se precisa de algum enfite.
 B -- Ah! É um "Faca isso bonitinho".
 A -- Ah!
 B -- Não que foi uma latinha de palhaço. Porque, né, não sabe nada, não entendo muito, né. Com uma casinha de palhaço já...
 A -- Então a senhora disse, eu vou comprar o enfite na cidade.
 B -- Então é a senhora ler?
 A -- É o seguinte eu trago o a senhora pôe.
 B -- Certo.
 A -- Isso. Quatro firmas a senhora faz. É quanto así?
 B -- Quarenta.
 A -- Quarenta? Certo que está bom.
 B -- Está bom. Porquê? Já tem pra cinquenta pessoas.
 A -- Está bom. É...
 B -- Outra, uma que ela perguntou pra num é das balas.
 B -- Bala.
 A -- Se a senhora, faz, se não faz, então é que faz.
 B -- É a que embulhada ou circembulhada?
 A -- A que embulhada não. A que circembulhada.
 B -- Um pouco a senhora quer?
 A -- É quanto pra... quer dizer, não sei precisar de quantas.
 B -- Um pouco de bala dá 250 balas.
 A -- É quanto a senhora faz?
 B -- Quer dizer que não aparece sem embulhada, mas embulhada é um colunado. Três mil.
 A -- Tá. Já vou encomendar...
 B -- Certo. Já deixo marcado... Como é que a senhora chama mesmo?
 A -- Meus.
 B -- Meus. Ah! perto da linha?
 A -- É, isso, a vizinha da Dona Ondina.
 B -- É que agora tenho um horror, um monte de freguesa, sabe, e eu não guardo de uma para outra.
 A -- Não precisa deixar um sinal?
 B -- Não, não precisa.
 A -- Só que a senhora não vai esquecer.
 B -- Não, não. Eu vou marcar é agora. Pelo amor de Deus.
 A -- Dia dois, né?
 B -- Dia dois, não esse sábado o outro.
 A -- Não esse sábado o outro.
 B -- Certo, tá?
 A -- Bem capra, hehehehe.
 B -- Fui deixar. Mesmo né?
 A -- Mesmo.
 B -- É um pouco de bala.
 A -- Foi vou trazer o enfite no meio da semana.
 B -- Certo, tá.

2. TIPOS DE COMUNICAÇÃO

2.1 - Literária

2.2 - Não-literária

2.3 - Técnica

**Maria da Graça Ferrelra da Costa Val
(autoria do esquema teórico e seleção de textos)**

**Maria Antonieta Antunes Cunha
(seleção de textos)**

2. TIPOS DE COMUNICAÇÃO

A - Fundamentação Teórica

19) Texto

CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM CIENTÍFICA

Para definir e caracterizar a redação científica, é preciso fazer algumas referências ao problema da linguagem. Aqui interessa-nos apenas a linguagem considerada como instrumento de comunicação. Deste ponto de vista, ela tem três funções principais: a) função expressiva, enquanto comunica ou expressa emoções, sentimentos ou vivências psicológicas; b) função diretiva ou persuasiva, enquanto pretende atuar sobre a conduta dos homens, como na propaganda; c) função informativa, enquanto tem a finalidade de transmitir conhecimentos ou informações. A linguagem científica é essencialmente informativa.

A linguagem-comunicação pode adotar várias formas de expressão, como: a) coloquial, própria da linguagem corrente e informal; b) literária, com objetivos estéticos, e c) técnica, característica dos trabalhos científicos.

A linguagem científica é, pois, informativa e técnica. Enquanto informativa, ela é dissertativa, isto é, visa a discutir opiniões, conhecimentos ou informações, a partir dos quais argumenta, analisa, sintetiza e conclui. A linguagem científica é, assim, de ordem cognoscitiva e racional. Neste sentido, distingue-se da linguagem literária, pois, enquanto esta deve impressionar, agradando pela elegância estética da expressão, aquela deve esclarecer, convencendo pela força dos argumentos.

Enquanto técnica, a linguagem científica é acadêmica e didática, ou seja, visa a transmitir conhecimentos com precisão e objetividade. Nela sublinha-se mais a exatidão e a sobriedade do que a elegância e o efeito estético.

Se a subjetividade caracteriza o estilo literário, a objetividade é a nota distintiva do estilo científico. O enunciado científico é unívoco, enquanto a frase poética se distingue pela multivocidade de sentido. As proposições científicas só admitem um sentido, enquanto as sentenças poéticas se caracterizam pela pluralidade de significações.

Além disso, a proposição científica pode ser investida, transposta, convertida e contraposta, passar por mil e uma transformações, sem que altere o núcleo invariável de sua unidade significativa. Enquanto isso, qualquer tentativa de modificar a estrutura total de um verso importa em atentado ao sentido e valor estético. A estrutura da obra de arte é irreversível, enquanto a estrutura da frase científica pode ser alterada sem qualquer prejuízo para os seus valores de verdade ou falsidade.

Os atributos característicos da linguagem científica são, pois, a precisão, a objetividade, a reversibilidade, com intuito de se obter o máximo de inteligibilidade. Em suma, a linguagem científica tem por objetivo a verdade inteligível; a linguagem literária tem por objeto o belo artístico.

1º) Notas

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do calção, calção, essa, tocheiros, convites, convidados que entravam, lentamente, a passo surdo e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d'água benta, o fechar do calção, a prego e martelo, seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima, e traspassam e apertam as correias, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um ... Isto que parece um simples Inventário eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo.

(MACHADO DE ASSIS. Memórias Póstumas de Brás Cubas)

2º) Vozes d'Africa

- I -

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
 Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
 Embuçado nos céus?
 Há dois mil anos te mandei meu grito,
 Que embaide desde então corre infinito...
 Onde estás, Senhor Deus?...
 Qual Prometeu tu me amarraste um dia
 Do deserto na rubra penedia
 - Infinito: galé!
 Por abutre - me deste o sol candente,
 E a terra de Suez - foi a corrente
 Que me ligaste ao pé...

- II -

Minhas irmãs são belas, são ditosas...
 Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
 Dos haréns do Sultão,
 Ou no dorso dos brancos elefantes
 Embala-se coberta de brilhantes,
 Nas plagas do Hindustão.

 A Europa é sempre a Europa, a gloriosa!...
 A mulher deslumbrante e caprichosa,
 Rainha e cortesã
 Artista - corta o mármore de Carrara;
 Poetisa - tange os hinos de Ferrara,
 No glorioso afã!...

O Universo após ela - doudo amante
 Segue cativo o passo delirante
 Da grande meretriz.

- III -

Cristo! embalde morreste sobre um monte...
 Teu sangue não lavou de minha fronte
 A mancha original.
 Ainda hoje são, por fado adverso,
 Meus filhos - allmária do universo,
 Eu - pasto universal...

Hoje em mau sangue a América se nutre
 - Condor que transformara em abutre,
 Ave da escravidão,
 Ela juntou-se às mais... Irmã traidora
 Qual de José os vis Irmãos, outrora,
 Venderam seu Irmão.

(CASTRO ALVES, Antônio de. Vozes d'África .
 In: Nossos Clássicos - Castro
 Alves - Poesia. 4a.ed.,Rio,
 Agir, 1972, pág. 87-91, trechos).

39) Maria, Maria

Maria , Maria
 É um dom, uma certa magia
 Uma força que nos alerta
 Uma mulher que merece
 Viver e amar
 Como outra qualquer
 Do planeta

Maria, Maria
 É o som, é a cor, é o suor
 É a dose mais forte e lenta
 De uma gente que ri
 Quando deve chorar
 E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força
 É preciso ter raça
 É preciso ter gana sempre
 Quem traz no corpo a marca
 Maria Maria
 Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manna
 É preciso ter graça
 É preciso ter sonho sempre
 Quem traz na pele essa marca
 Possui a estranha mania
 De ter fé na vida

(Fernando Brant e Milton Hascimento)

49) Com o mundo nas mãos

Bernardo tem 5 anos, mas já sabe da existência do Japão. E aponta para o céu com o dedo:

- É atrás daquele teto azul que fica o Japão?

Tenho de explicar-lhe que aquilo é o céu, não é teto nenhum.

- Mas então o céu não é o teto do mundo?

- Não: o céu é o céu. O mundo não tem teto. O azul do céu é o próprio ar. O Japão fica lá embaixo - e aponte para o chão: - O mundo é redondo feito uma bola. Lá para cima não tem país mais nenhum não, só o céu mesmo, mais nada.

Ele fez uma carinha aborrecida, um gesto de desilusão:

- Então este Brasil é mesmo o fim do mundo. Daqui pra lá não tem mais nada...

Difícil de lhe explicar o que até mesmo a mim parece meio esquisito: o mundo ser redondo, o Japão estar lá embaixo, os japoneses de cabeça pra baixo, como é que não caem? Às vezes, andando na rua e olhando para cima, eu mesmo tenho medo de cair.

Na primeira oportunidade comprei e trouxe para casa um mapa-múndi: um desses globos terrestres modernos, aliás de fabricação japonesa, feitos de matéria plástica e que se enchem de ar como os balões. O menino não lhe deu muita importância, quando apontei nele o Japão e a Inglaterra, o Brasil, as países todos. Limitou-se a fazê-lo girar doidamente, aos tapas, até que se desprendesse do suporte de metal. Logo se dispôs a sair jogando futebol com ele, não deixei. Consegui convencê-lo a ir destruir outro brinquedo, o secador de cabelo da mãe, por exemplo, que faz um ventinho engraçado - e assim que me vi só, tranquei-me no escritório para apreciar devidamente a minha aquisição.

Com o mundo nas mãos, descobri coisas de espantar. Descobri que a Coreia é muito mais lá para cima do que eu imaginava - uma espécie de penduricão da China, ali mesmo no costado do Japão. O que é que os Estados Unidos tinham de se meter ali, tão longe de casa? O Vietnã nem me fale: uma tripinha de terra ao longo do Laos e do Camboja. Aliás, a confusão de países por ali, eu vou te contar. Tem a Tailândia e tem Burma, dois países de pernas compridas, tem a Malásia, a Indonésia. A Tasmânia não tem. Pelo menos não encontrei. Continua sendo para mim apenas a terra daquele selo enorme que em menino era o melhor da minha coleção. Dou um piparote no mundo e ele gira diante do meus olhos, para que eu descubra o que é mais que tem. Outra confusão é ali nas Arábias, onde o pau anda comendo: Síria, Líbano, Saudi-Arábia,

lâmen, e o diabo de um país cor-de-rosa chamado Hadramaut, de que nunca ou vi falar. Estou ficando bom em Geografia.

Duvido que alguém me diga onde fica Andorra. A última pessoa a quem perguntei, me disse que ficava nos limites de Aznavour. Pois fica é logo a qui, encravada entre a França e a Espanha, um paísinho de nada, vê quem pode. E fez aquele sucesso todo no Festival da Canção. Em compensação a Antártida é muito maior do que eu pensava, ocupa quase todo o Pólo Sul. E é bem no centro dela que eu tenho de soprar o mundo.

De repente me vem uma idéia meio paranóide. De tanto apalpar o globo de plástico, ele acabou meio murcho, acho que o ar está se escapando. E quando me disponho a enchê-lo de novo, imagino que eu seja um ser imenso solto no espaço, botando a boca no mundo para enchê-lo com meu sopro. O nosso planeta é mesmo uma bolinha perdida no cosmo, e do tamanho desta que tenho nas mãos é que os astronautas devem tê-lo visto da lua: uma linda esfera de manchas coloridas, com seus oceanos cheios de peixes e singrados por navios, as cidades agarradas aos continentes, ruas cheias de automóveis, casas cheias de gente, o ar riscado de aviões, de galvotas, e de urubus... Tudo isso pequenino, insignificante, microscópico, os homens se explorando mutuamente, se maltratando, se assassinando para colher um segundo de satisfação ao longo de séculos de História, não mais que alguns minutos em face da eternidade. Que aventura mais temerária, a de Deus, escotando caprichosamente este lindo e insignificante planetinha para ele enviar através dos espaços o seu Filho feito homem, com a missão de redimir a nossa pobre humanidade.

Faço votos que tenha valido a pena e que um dia ele se veja redimido. Até lá, este mundo não passará mesmo de uma bola, como esta que meu filho Bernardo, irrompendo alegremente no escritório, me arrebatava das mãos e saía chutando pela casa.

(SABINO, Fernando. Para gostar de Ler, vol.4)

2.2 - Textos Não-Literários

19) Emoção e Lágrimas no Último Adeus do Povo a Elis Regina

São Paulo - Em clima de muita emoção, a cantora Elis Regina foi enterrada ontem no Cemitério do Morumbi, com acompanhamento de milhares de pessoas, entre familiares, artistas, amigos, políticos e fãs.

Depois de ter sido velado durante toda a noite no Teatro Bandeirante, o caixão de Elis foi colocado, às 11h, sobre um carro do Corpo de Bombeiros, coberto por inúmeras coroas de flores.

O cortejo seguiu pela avenida Brigadeiro Luís Antônio, onde as janelas e sacadas dos prédios estavam lotadas de pessoas, algumas das quais agitavam lenços brancos na última despedida à cantora. O caminho era aberto por batedores, enquanto centenas de carros se enfileiravam atrás do carro de bombeiros.

Na avenida 23 de Maio, as laterais e o cantelero central foram tomados

pelo povo. Todos os viadutos, até as proximidades do aeroporto, estavam lotados de gente, que atirava papéis picados e pétalas de rosa sobre o cortejo.

Uma multidão que aguardava no Cemitério do Morumbi dificultou a passagem do caixão. Todos queriam se aproximar para o último adeus a Ellis Regina. Muitas pessoas tiveram crises nervosas durante o enterro, sendo atendidas por equipes médicas.

No momento em que o caixão foi colocado na sepultura, artistas e amigos de Ellis cantaram músicas interpretadas pela cantora e foi executado o toque de silêncio. A maioria das seis mil pessoas que lotavam o cemitério não conseguiu conter as lágrimas.

O Instituto Médico Legal deverá remeter hoje, ao 4º Distrito Policial, os resultados dos 48 exames toxicológicos de laboratórios para a Junta dos laudos no inquérito que visa a apurar a "causa mortis" da cantora Ellis Regina. Esses exames foram feitos com o material colhido durante a necropsia do corpo, no sangue, nas vísceras e cerebelo da artista.

Também hoje, o advogado MacDowell Figueiredo, que era o namorado de Ellis Regina, a empregada doméstica do apartamento, um advogado e o motorista que socorreu a cantora até o Hospital das Clínicas serão ouvidos naquela delegacia.

Essas pessoas figuram como testemunhas no boletim de ocorrência elaborado para a instrução do processo pelo delegado Carmo Aparecido de Camargo.

O legista Harry Shibata, do IML, que coordenou a autópsia no corpo de Ellis Regina, solicitou em seu relatório que os exames sejam feitos em caráter de urgência e estabeleceu uma ordem de prioridade para iniciar-se cada um deles.

(Estado de Minas, 21.01.1982)

2º) Abolição e República

A revolta dos escravos no Brasil foi uma constante na história da colônia e do Império. eclodiu, antes de tudo, ao nascer da sociedade brasileira, nas guerras dos gentios contra os colonos. E veio - como já disse um historiador (Caio Prado Júnior) - no próprio bojo do navio negreiro.

Mas, a princípio, a revolta dos escravos não visava extirpar o odioso sistema. Concretizava-se, apenas, na fuga da escravidão e na organização dos quilombos abrigados no recesso das matas. E a despeito da agressividade dos quilombolas, saqueando fazendas e libertando escravos, as rebeliões não perdiam esse sentido imediato.

É de se notar que os escravos, como classe, em virtude de uma série de condições, não podiam exercer papel dirigente na luta pela transformação da sociedade, de vez que nada tinham a oferecer às demais classes para a imposição de um novo regime social. Seus sonhos de liberdade limitavam-se quase à simples fuga do cativeiro, pela simples alforria ou pela busca dos quilombos. A princípio, a abolição do sistema escravagista deveria ser um sonho quase inimaginável.

Somente quando, no século XVIII, por força do desenvolvimento econômico e demográfico, surgiram camadas populares, foi que se manifestaram as primeiras idéias abolicionistas. Admite-se, mesmo, que alguns Inconfidentes, como Tiradentes e Toledo Vaz, preocuparam-se com o problema. E com toda a certeza foi um dos objetivos da Inconfidência baiana de 1798. À época da Independência, contudo, a abolição não passava de sonho de alguns visionários.

(SAMPAIO, Aluysio. Brasil - Síntese da Evolução Social, São Paulo, Fulgor, 1961, p. 141 - 142)

2.3 - Texto Técnico

O Vietname

Situado na parte oriental da península Indochinesa, o Vietname estende-se sobre, aproximadamente, 15° de latitude, ou seja, mais de 1600 km, enquanto que sua largura atinge, no máximo, 500 km no norte e reduz-se a 60 km na região central.

Ao norte, no Tonquim, a maior superfície é ocupada por montanhas, prolongamentos dos relevos da China meridional. São constituídas de granitos e calcários, de formas complexas. O vale e o delta do Song-Koi ou rio vermelho são as terras preferidas para a atividade humana.

O Song-koi, com 1200 km de extensão, nasce no Iunã. É um rio turbulento, cujas cheias, por ocasião das chuvas de monção, podem ser catastróficas. Isto se verifica, principalmente, quando seus dois afluentes, o rio Claro e o rio Negro, enchem ao mesmo tempo que ele. Os rios Vermelho e Tai-Binh colmataram uma antiga bacia com suas aluviões e formaram um delta comum, que aumenta, anualmente, uma centena de metros.

O Vietname Central ou Anam é constituído de planícies costeiras estreitas, dominadas pelos escarpamentos rochosos da cordilheiras. As mais importantes destas planícies são: as de Thanh Hoa e de Vinh, ao norte; a de Huê, ao centro; e a de Qui Nonh, ao sul. Para o sul, o planalto de Hoi alarga-se e culmina a 2000 metros, aproximadamente, na região do cabo Varela. A cadeia Anamítica é atravessada por colos que ligam o Vietname Central ao Laos.

O Vietname termina ao sul pela planície deltaica da Conchinchina, antigo golfo marinho colmatado pelas aluviões do Mecong. Nem todas as terras do delta estão consolidadas e vastas superfícies pantanosas permanecem desertas. A leste, o rio Saigão e seus afluentes constituem um sistema fluvial distinto do Mecong. Este se divide em numerosos braços antes de lançar-se no mar da China.

3. TIPOS DE COMPOSIÇÃO

1ª parte: Conteúdo

2ª parte: Estrutura - 3.1 - Descrição
3.2 - Narração
3.3 - Dissertação

3ª parte: [|] Composições técnicas - 3.1 - Descrição
3.3 - Dissertação

Maria da Graça Ferrelra da Costa Val
(autoria dos textos teóricos da 1ª e 3ª partes - item 3.3 e seleção de textos)

Laura Beatriz Fonseca de Almeida

Maria Antonieta Antunes Cunha

(seleção de textos)

3. TIPOS DE COMUNICAÇÃO : CONTEÚDO E ESTRUTURA

1ª parte - CONTEÚDO (suficiência e relevância de dados; informação, previsibilidade e legibilidade)

A - Fundamentação Teórica

1º Texto: Aprender a escrever é aprender a pensar

Este texto se baseia em conceitos apresentados por Dthon Hoacyr Garcia na capítulo "Eficácia e Falácias da Comunicação", do livro Comunicação em Prosa Moderna, cuja leitura recomendamos.

A grande deficiência da maioria das redações estudantis que nos vêm às mãos diz respeito não à correção gramatical, mas à validade e adequação das próprias idéias apresentadas, bem como à sua concatenação lógica. Assim, acreditamos que ensinar a escrever deve ser, antes de mais nada, ensinar a pensar, e é com essa intenção que montamos este texto.

Um primeiro cuidado a ser tomado por quem quer escrever bem é atentar para a validade de suas declarações. É preciso distinguir opinião de fato e não colocar a nível de verdade incontestável o que não passa de impressão pessoal. Além disso, é necessário ter sempre em mente que os julgamentos só serão válidos quando fundamentados na evidência dos fatos. Por exemplo, afirmações como:

(1) Antigamente as pessoas eram mais saudáveis,
que encontramos numa redação de aluno, não se sustentam absolutamente, porque há fatos que nos mostram o contrário: a média de vida hoje é mais alta que anteriormente; a mortalidade infantil é mais baixa, a incidência de algumas doenças, como a peste, a lepra, a febre amarela, a poliomielite, entre outras, é bem menor (ou nula) hoje que "antigamente"; males como a tuberculose, antes fatais, são atualmente curáveis. Especificamente na afirmação (1), há ainda problemas devidos à imprecisão e generalização inadequada: antigamente-quando? onde?; as pessoas eram mais saudáveis - em que sentido? sob que aspecto?

Outro ponto importante é não confundir fatos e indícios. O fato, "coisa feita, verificada e observada", conduz à certeza absoluta. O indício pode levar apenas a inferências de certeza relativa, ao levantamento de hipóteses, de comprovação possível ou provável, mas não mais que isso. Um exemplo simples e fácil de entender: na novela "Final Feliz", os indícios apontavam

"Seu" Rodrigo como o assassino de César Brandão, pois o primeiro odiava o segundo e foi encontrado ao lado do cadáver, com a arma do crime na mão (arma que, aliás, era de sua propriedade). No entanto, o criminoso era outro e "Seu" Rodrigo, inocente, casou com a Débora, para justificar o nome da novela.

Lidar apenas com fatos, no entanto, não é o bastante. Os fatos apontados devem ter merecido observação acurada e têm que ser autênticos, fidedignos, adequados, relevantes e suficientes. Vejamos alguns exemplos:

(2) Atualmente procura-se dar maior incentivo ao estudante que quer estudar. São feitos programas de conscientização sobre a importância do estudo, visando aumentar o número de estudantes.

Esse trecho, colhido em redação de universitário, peca pela falta de veracidade, pela inautenticidade do argumento apresentado. Que programas de conscientização são esses? Por que meios de comunicação são divulgados, se o público em geral não tem conhecimento deles?

Para o problema dos menores abandonados, encontramos em redações escolares as seguintes "explicações":

- (3) - a) falta de apoio das famílias às moças grávidas (mães solteiras);
 b) falta de interesse pelos filhos da parte de pais que bebem;
 c) egoísmo, orgulho, falta de amor; *
 d) falta de empenho das famílias ricas em adotarem crianças pobres;
 e) alto índice de natalidade entre os pobres.

Tais argumentos são, evidentemente, inadequados e irrelevantes, por que simplificam, particularizam um problema que está ligado à própria organização de nossa sociedade. Ainda que todos os itens apontados fossem sanados, a questão não seria completa e satisfatoriamente resolvida, porque é mais geral e profunda e está ligada, como já dissemos, à própria estrutura da sociedade em que vivemos. Para comparação, arrolamos a seguir alguns dados mais ou menos recentes colhidos em revistas informativas:

- (4) - CPI/1975: - 25 milhões de menores carentes no Brasil (filhos de (ISTO É, pais que ganhavam menos de dois salários mínimos); 20/02/80)
- 16 milhões de crianças cujos pais ganhavam menos de um salário mínimo mensal;
 - 2 milhões de crianças abandonadas pelos pais;
 - 116 mil menores delinquentes;
 - entidades assistenciais oficiais e particulares só atendiam 2,44% dos necessitados (610 mil);
 - violência e maus tratos nas unidades da FEBEM.

* Recomendamos a leitura do texto seguinte sobre a questão das "notas confusas" e das "provas morais".

Pesquisa IBGE/81: - trabalhadores que ganhavam até meio salário mínimo:
(UEJA, 09/05/83)

- 1980: 7,7 milhões;
- 1981: 7,5 milhões;
- trabalhadores que ganhavam até um salário mínimo:
 - 1970: 60% da população ativa,
 - 1980: 39% da população ativa,
 - 1981: 37% da população ativa (18 milhões);
- desempregados e subempregados

- nas sete maiores regiões metropolitanas (IBGE):
 - 1983: 2,5 milhões;
- no país todo (Comissão Econômica para Am. Latina):
 - 1983: 9,5 milhões;
- falta de escola: 7,3 milhões de crianças de 7 a 14 anos analfabetas em 81.

Outro aluno afirmou em sua redação que:

(5) Atualmente todos têm medo de assalto e se protegem portando uma arma. Essa generalização indevida, porque inverídica, pode ser resultante da observação de um número insuficiente de fatos. É possível que no ambiente em que vive o autor da frase a maioria das pessoas ande armada para se defender de assaltos, mas esse não é, de maneira alguma, o comportamento geral.

Há dois métodos fundamentais de raciocínio:

a) a indução, que parte da observação e análise de fatos particulares para uma conclusão geral; b) a dedução, que segue o caminho inverso, partindo de verdades universais já conhecidas para chegar ao específico. Valemo-nos constantemente desses dois tipos de operação mental para conhecer e emitir julgamentos sobre a realidade que nos cerca. No entanto, muitas vezes incorremos em erros, derivados da observação inexata e da generalização indevida, no caso da indução, ou da falsidade das premissas tomadas como verdadeiras quando raciocinamos por dedução.

Adotando o modelo formal do raciocínio, o silogismo, Othon Moacyr Garcia nos fornece um exemplo interessante:

(6) Todo comunista lê Karl Marx.

Ora, Joaquim Carapuça lê Karl Marx;

logo, Joaquim Carapuça é comunista.

A conclusão pode ser falsa, não está devidamente comprovada, porque, ainda que a segunda afirmação seja verdadeira, a primeira premissa, ponto de partida, é falsa e inadequada. Não há nada que prove que "todo comunista lê Karl Marx" e, mesmo que isso fosse verdade, para concluir que Joaquim Carapuça é comunista porque lê Karl Marx, seria preciso que estivesse incontestavelmente estabelecido que todos que lêem Karl Marx são comunistas.

Nessa mesma linha, há raciocínios defeituosos que derivam do fato de se tomar como efeito de determinada causa algo que não é necessariamente consequência dela. Vejamos os dois exemplos a seguir, produzidos por a-

lunos universitários:

(7) A liberdade torna-se essencial, pois, sendo a nação constituída por um povo, cabe a ele a liberdade de crítica e opinião, visando sempre o bem-estar do país.

Ora, acontece que o fato de a nação ser constituída por um povo não determina, automaticamente, que esse povo tenha liberdade de crítica e opi-
nião.

O segundo diz respeito ao problema das invasões de terrenos urbanos ocorridas em várias cidades brasileiras:

(8) Como fazer com que um povo massificado entenda que não se deve invadir a propriedade privada, se a eles não é concedido sequer o direito da privacidade individual?

Não há relação de causa e efeito, como pretende o autor da frase, entre não ser massificado e entender que não se deve invadir a propriedade privada. Pelo contrário, pode ser até que a consciência da injusta distribuição da propriedade provoque uma reação popular contra essa injustiça. Não há também ligação lógica entre ter direito à privacidade individual e entender que não se deve invadir a propriedade privada.

Além disso, é descabido falar em "privacidade individual" de mendigos e favelados, a quem não são concedidos, na verdade, direitos fundamentais como alimentação, vestuário, habitação e trabalho.

Outra falha de raciocínio de que trata Othon Moacyr Garcia e que é muito encontradiça em redações escolares é a adoção de falsos axiomas, ou seja, a apresentação, como verdade evidente, que dispensa demonstração, "daquilo que é, apenas, resultado da presunção, da ousadia ou da ignorância." Vejamos:

(9) Nos dias de hoje o homem mente muito. Antigamente não era assim.

Será que realmente a mentira é marca particular exclusiva de nossa civilização? "Antigamente" (quando?, onde?) o mundo devia ser um paraíso...

Sobre o caráter nacional do brasileiro, a toda hora deparamos com afirmações como as que se seguem, que ninguém se atreve a contestar nem se preocupa em comprovar, porque são tidas como verdades evidentes e irrefutáveis:

(10) Brasileiro é malandro e preguiçoso;

(11) Brasileiro tem "fndole pacífica", é cordial, tranquilo, não-violento.

No entanto, os fatos provam o contrário. Em pesquisa realizada pelo IBGE em 1981 e publicada pela Revista VEJA de 04/05/83, constatou-se que 28% da população ativa do Brasil, ou seja, 12,6 milhões de pessoas, trabalham mais de 49 horas por semana e que, em todas as regiões do país, a proporção dos que trabalham de 40 a 48 horas semanais é sempre superior à dos que trabalham até 39 horas.

Quanto à "fndole pacífica", basta lembrar fatos recentes de nossa realidade urbana e rural: assaltos, estupros, etc; quebra-quebras, saques, incêndios de ônibus, depredações, em São Paulo, Rio, Salvador, Belo Horizonte; linchamen-

tos da "bandidos"; lutas pela posse de terras entre índios, grileiros e posseiros, no Araguaia, na Bahia, no Rio Grande do Sul, etc.

Por último, fazemos menção a um tipo de raciocínio defeituoso a que Othon Noacyr Garcia chama de "petição de princípios" ou "círculo vicioso" e que consiste em apresentar a própria declaração como prova dela e admitir como verdadeiro exatamente o que está para ser demonstrado. É o que a gramática chama de tautologia (repetição da mesma idéia, com outras palavras), defeito muito encontrado em redações escolares. Os três primeiros exemplos a seguir são fornecidos pelo próprio autor e o último foi colhido em texto produzido por um aluno:

(12) Fulano morreu de velho porque viveu muitos anos;

(13) Fulano morreu pobre porque não tinha dinheiro;

(14) O fumo faz mal à saúde porque prejudica o organismo;

(15) A turbidez da água se deve à presença de elementos que causam a turbidez.

Esperamos que a consciência dos problemas de que tratamos possa levar os leitores de nosso texto a um cuidado e uma atenção maiores na hora de escrever, de modo a evitar falhas na lógica da exposição de suas idéias.

2º Texto: Problemas de Argumentação na Redação Escolar

Num artigo publicado em Leitura em Crise na Escola e que reproduz um dos capítulos finais de sua dissertação de mestrado, Alcir Pécora estuda os "Problemas de Argumentação na Redação Escolar". É um trabalho muito interessante, em que o autor analisa casos bastante frequentes de falhas na argumentação e busca uma causa comum para todos eles. Recomendando a leitura do texto original, arrolaremos aqui os exemplos estudados por Alcir Pécora, resumindo suas análises e suas conclusões.

O artigo parte da seguinte ocorrência:

- (1) É bem difícil imaginar uma pessoa com sentimento, com consciência do dever para consigo mesma e para com os outros, viver sozinha.

Ainda que correta, do ponto de vista das normas da língua padrão, a ocorrência apresenta um defeito muito encontrado nas redações escolares: o uso da chamada "noção confusa". O argumento oferecido para demonstrar a impossibilidade de viver só é "a consciência do dever para consigo mesma e para com os outros". O grande problema é saber que valores essa noção implica e por que ela conduz à conclusão apontada. Além de vaga, não especificada, a expressão pode adquirir significados até contraditórios, dependendo da visão de mundo de quem a interpreta. O que é "dever" para um pode não ser para outro.

Além da generalidade, que torna o argumento inexpressivo, temos aí um outro problema. Valores consagrados, positivos absolutos, como as noções de consciência, liberdade, justiça, democracia, constituem como que um vácuo semântico, preenchível pelas mais diferentes maneiras, segundo as circunstâncias e os

Interesses. Tais valores, vinculados a noções confusas, acabam compondo argumentos - coringa, que servem à demonstração de qualquer tese. São as chamadas "provas de caráter moral", que consistem, na verdade, na escamoteação da argumentação, na medida em que a referência a um padrão a priori condena ou aprova determinada conclusão, sem admitir análise ou contestação e prescindindo de comprovações. Esse tipo de argumento encerra a argumentação e reduz o texto ao enunciado de uma ordem ditada por padrões externos e preexistentes a ele.

Há ainda dois outros tipos de procedimento a que o autor se refere como "estratégias de preenchimento" e que aparecem quando a argumentação não é fruto de um esforço de observação nem de uma tentativa de análise do tema proposto. Serve como exemplo:

- (2) É difícil comparar a escrita e a pintura porque as duas coisas não se identificam, não só na sua totalidade, mas também no seu mais profundo interior.

Nessa ocorrência aparece o que o autor chama de "noção de totalidade indeterminada" e de "noção semiformalizada". Explicando: em (2), a noção de totalidade não especifica nenhum aspecto que auxilie no esclarecimento da diferença entre as duas "coisas"; a noção de coisa não revela nenhum traço peculiar à pintura ou à escrita; não há na frase qualquer elemento que torne possível entender em que consiste o profundo interior da pintura ou da escrita. Foram empregadas nessa ocorrência expressões que dão uma vaga idéia de conjunto ou unidade, sem preocupação de precisá-las ou especificá-las. Com esse tipo de referências indeterminadas os alunos só fazem "inchar" a redação, sem estarem, na verdade, criando argumentos.

O segundo procedimento explorado pelo autor é o do uso indevido de termos técnicos ou "palavras difíceis", com as quais o aluno espera dar a seu texto um tom científico ou formal. Desconhecendo o significado dos termos e incapaz de empregá-los com a exatidão e o rigor necessários, o aluno se deixa levar pelo charme da palavra da moda, fluente nas conversas intelectuais, ou que impresso na pela sonoridade e "dá status" ao usuário. O estudante usa uma linguagem que não é sua, com a qual ele não está familiarizado e através da qual não consegue se expressar bem, mas que ele sente como prestigiada e privilegiada ou pela ins tituição escolar ou pela comunidade à qual ele quer se integrar (o mundo científico ou intelectual).

Com todos esses "recursos" de expressão, a redação escolar acaba se tornando apenas uma reprodução de usos permitidos ou aconselháveis, vazia de significado e isenta de elaboração pessoal. É nesse contexto que o autor situa o problema do lugar-comum, partindo de alguns exemplos de frases que "não garantem o pagamento de direitos autorais ao produtor das mal traçadas linhas":

- (3) Sabe, tal uma coisa difícil de se encontrar hoje em dia. Um amigo de verdade com quem podemos sempre contar nas horas amargas e nos momentos felizes.

- (4) ... quanto coisa linda ao nosso redor;
quer mais do que a pureza e a inocência do sorriso de uma crian

ça? Quer mais do que a simplicidade de uma flor?
Acho que todos os nossos problemas ficam muito pequenos em meio
a tanta paz, a tanta simplicidade, em meio a tanta força.

- (5) Todos temos na vida algo de bom para recordar, traços de épocas
felizes que às vezes já estão muito longe, mas é bom, é doce,
é muito agradável se recordar coisas boas; afinal "recordar é viver"
não é mesmo?
- (6) A vida, meus caros, é uma escola.
- (7) Sou uma rosa aberta, alegre, feliz, realizada na vida. Sou um
sorriso em meio à tristeza. Sou amor em meio ao ódio. Sou eu e
sempre eu, não gosto de me mudar.
- (8) Refugiou-se em seu mundo interior.
- (9) Seja você mesmo.
- (10) Encara a vida como algo maravilhoso, divino, cheio de bons mo-
mentos, satisfações, o que está constantemente nos dando oportu-
nidades, para falhar ou vencer, dependendo somente de nós mes-
mos.

Segundo Pêcora, a questão da escrita como reprodução é o problema
mais sério das redações escolares, não apenas porque detém o mais alto índice
de frequência no corpus analisado pelo autor, mas também porque para ele conflu-
em todos os demais problemas, anteriormente mencionados.

Nas ocorrências de n.º (3) a (10) não há, na verdade, um uso particu-
lar da língua, mas tão somente conjuntos de segmentos congelados da linguagem.
São expressões prontas, que o estudante não cria, não elabora, não vivencia; tem
apenas o trabalho braçal de reuni-las numa mesma folha de papel.

O uso meramente reprodutivo da linguagem está ligado, no entender
de Pêcora, à imagem que quem escreve tem de seu interlocutor. Em outras pala-
vras: a quem se dirige o lugar comum? O interlocutor adquire nesse jogo dimensões
desproporcionais, avançando contra o lugar do produtor, despojando-o de suas funções
de sujeito e agente, bloqueando-lhe qualquer atitude pessoal e criativa.

Por outro lado, essa imagem de interlocutor corresponde a um estereó-
tipo rígido, na medida em que o clichê, o lugar-comum, repete uma linguagem co-
dificada, imune às diferenças peculiares das situações de uso. Os interlocutores
individuais são negados da mesma forma que se nega o papel de sujeito produtor.

A causa desse e dos outros problemas abordados está no processo es-
colar, que tende a uma falsificação das condições do aprendizado da escrita,
desvinculando-a de todo empenho pessoal de atuação e levando-a a um esvaziame-
nto de sentido, supostamente preenchido por modelos e estereótipos admitidos pe-
la instituição. É o que o autor chama de "ideologia da reprodução", que mata a
escrita, na medida em que reduz o ato de redigir a uma atividade motora de pre-
enchimento de espaço através de uma linguagem padronizada.

B - Textos para análise e exercícios (sobre a questão de PREVISIBILIDADE, IN-FORMAÇÃO E LEGIBILIDADE)

1. Meus Oito Anos

(Casimiro de Abreu)

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

Como são belos os dias
Do despertar da existência!
- Respira a alma inocência
Com perfumes a flor;
O mar é - lago sereno,
O céu - um manto azulado,
O mundo - um sonho dourado,
A vida - um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquele ingenuo folgar!
O céu bordado d'estrelas,
A terra de aromas cheias,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

Oh! dias da minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!

Em vez das mãços de agora,
Eu tinha nessas delícias
Da minha mãe as carícias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
- Pés descalços, braços nus -
Correndo pelas campinas
À roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
Das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
La colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Acheva o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar

.....
Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

2. Meus Oito Anos

(Oswald de Andrade)

Oh! que saudades que eu tenho
Da aurora da minha vida
Das horas
Da minha infância
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra
Da rua de Santo Antônio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais

Eu tinha doces visões
Da cozinha de infância
Nos banhos de astro-rei
Do quintal de minha ânsia
A cidade propredia
Em roda de minha casa
Que os anos não trazem mais
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais

3. Minha Infância

Hoje foi um dia muito especial para mim. Não sei explicar o que eu senti, se foi emoção, alegria ou saudade.

Estava passando por uma rua e vi um parque de diversões, com lindas crianças brincando, alegres e satisfeitas. Naquele momento senti tanta vontade de brincar junto delas. Eu acho que no fundo eu gostaria de poder ser igual a elas, livres, sem preocupação, ser eu mesma.

Sentei-me num banco a contemplá-las. Enquanto eu as admirava, comecei a recordar a minha adorada infância, os meus passeios, o meu jardim de infância, em fim, tudo de bom e lindo que me aconteceu.

Fiquei naquele lugar muitas horas lembrando os maravilhosos momentos que nunca voltarão, mas serão lembrados com muito amor, carinho e muita saudade.

(Redação de aluna do curso de Letras da FALE/UFMG)

4. Golpe na Cultura

É fato comprovado que, no Brasil principalmente, o mais forte fator de alienação das massas é o futebol.

Valendo-se de todos os meios possíveis para entranhar-se no seio da sociedade e nela impedir qualquer significativa manifestação de cultura, o futebol cria mitos, arranca do povo todo o seu poder de reação contra a ignorância magnificada, idolatra as pernas cabeludas do Nelinho, lisonjeia as nádegas polpudas do Leão, beija os valorosos pontapés do Zico.

Agora, por exemplo, está de volta uma bomba antiga que não explodiu, evidentemente preparada para "enlouquecer" a massa ignara: está de volta Reinaldo, me diócre em seu curto reinado, mitificado além dos limites, e que agora deixou de ser manco.

Fotografado de frente, perfil e costas, sorrindo a toda hora na televisão, tagarelando sem parar nos radinhos de pilha da gente miúda, aí está o venerado Reinaldo, para alegria de todos e tristeza dos poucos seres pensantes que talvez ainda possam ser encontrados neste país.

Pra frente, Brasil !

(Redação de aluno do curso de Letras da FALE/UFMG)

5. A Busca do Tempo Perdido

Um colega bom e sempre objetivo me oferece, na ponta da língua, o balanço fiel do futebol no ano de 1971: os artilheiros, os menos vazados, os mais positivos - números de uma aritmética implacável, necessária, mas que mata um pouco a inocência do esporte.

Vítima o ano inteiro do dever profissional, que me seja permitido ao menos, no último dia da folhinha, um momento de gratuidade: e que eu possa reviver na memória dos olhos os jogadores no campo, buscando a glória na transpiração de efêmero; e a multidão no estádio, cantando e chorando a vitória do nada.

Não foi bem assim, mas, para aumentar a saudade, faz de conta que foi: nós passamos os domingos de 1971 brincando no Maracanã, como as crianças de Mon -

therland, que ficam o dia inteiro na praia a construir castelos de mentira, sabendo que a maré da noite destruirá a sua obra.

Os dribles de Jair, o passe de Gérson, o vôo de Andrada, obras esculpidas no vento, foram os castelos de nossas tardes na temporada que passou: no momento da criação, já o sopro do tempo destruíra tudo.

Abençoada a obra que nasce e morre do ânimo lúdico de brincar. Na essência do esporte, a ação entendida como brincadeira pura. E se do gesto participo por uma bola, aí, então, amigo, aí principia o jogo que há de levar o homem à purificação.

Pelo menos hoje, não tomarei como base os números que exprimem eficiência, nem os fatos que condenam e absolvem os homens do futebol. Prefiro, agora, a vaga lembrança de um certo chute que morreu nas redes, depois de partir ao meio o coração do estádio - metade bandeira, metade silêncio.

Que seria de ti, demim, que seria de nós, amigo, do domingo sem a comovente mentira de um gol ?...

(NOGUEIRA, Armando. Bola na Rede. Apud SODRÉ, Muniz & FERRARI, Maria Helena. Técnica de redação: o texto nos meios de informação. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977, p. 35)

6. De mil alunos que entraram na 1ª série do 1º grau, em 1960, apenas 70 chegaram à faculdade, em 1971.

Alguém que lesse pela primeira vez esta estatística acharia que se trata de uma injustiça. Mas analisemos melhor o que significam estes números: uma minoria capacitada intelectualmente é selecionada por um processo longo de aprendizagem e testes vocacionais, até optar por uma carreira que, ou exigirá um curso superior (os 70 do título), ou então poderá ser iniciada sem melhor preparação. Pelo menos na teoria, então, este processo é classificatório e não discriminatório.

Este número de pessoas que chegam a se formar num curso superior tem aumentado muito de algumas décadas para cá. E o resultado, longe de ser bom, é catastrófico, pois o nível de ensino tem baixado e os formandos são quase sempre de qualidade "de massa", ficando muitas vezes sem emprego.

Eis porque defendo a teoria de que esta estatística é boa. Resta trabalhar para que os 74 "privilegiados" sejam realmente os mais bem dotados intelectualmente e não aqueles que injustamente recebem informações e formação geral muito mais elevada que as camadas mais baixas da população recebem.

(Redação de aluno de Ciência da Computação, ICEX, 1980)

7. Por que Ciência da Computação ?

Desde muito tempo, eu tenho notado que me dou bem melhor na área de Ciências Exatas. E, vendo como anda o mercado de trabalho, escolhi o curso de Computação.

Foi muito difícil encarar a concorrência no vestibular, ele exigiu muito esforço.

Mas estou aqui e estou feliz. Consegui mais uma vitória nesta vida.

Na minha opinião, este curso é um dos mais interessantes da Universidade Federal de Minas Gerais, e eu só pude fazer vestibular na Federal.

Eu como pessoa de classe média, não posso fazer um curso que vá me deixar desempregada. A vida nos ensina a unir o útil ao agradável. Assim, reuni a minha preferência por área exata com uma boa oportunidade de sucesso profissional, e estou aqui.

Tenho esperança de atingir o meu ideal: trabalhar e ter uma vida tranquila.

Talvez este curso não seja o que eu estou esperando, mas o melhor mesmo, já que estou aqui, é ter fé em Deus e pôr o pé na tábua.

(Redação de aluna de Ciência da Computação, ICEX, 1982)

8. Chão de Giz

(Zé Ramalho da Paraíba)

Eu desço dessa solidão
 E espalho coisas sobre um chão de giz
 Homéricos devaneios tolos a me torturar
 Fotografias recortadas em jornais de folhas
 Amiúde
 Eu vou te jogar num pano de guardar confetes
 Disparo balas de canhão
 É inútil, pois existe um grão-vizir
 Há tantas violetas velhas sem um colibri
 Queria usar, quem sabe, uma camisa de força
 Ou de vênus
 Mas não vou gozar de nós
 Apenas um cigarro
 Nem lhe beijar, gastando assim o meu batom
 Agora pego um caminhão na lona
 Vou a nocaute outra vez
 Pra sempre fui acorrentado no seu calcanhar
 Meus vinte anos de boy
 That's over, baby
 Freud explica
 Não vou me sujar, fumando apenas um cigarro
 Nem vou lhe beijar, gastando assim o meu batom
 Quanto ao pano dos confetes
 Já passou meu carnaval
 Isso explica porque o sexo é assunto popular
 No mais estou indo embora

9. Estruturalismo e teoria da literatura

A diferenciabilidade da arte como tipo de sistema retórico resultava deste dilema e compromisso. Daí, se o formalismo se define como corrente morfo-

lógica, esta por sua vez se especifica como uma hermenêutica parcialmente esvaziada, hermenêutica que evacuou o semântico. A estilística representa a lei tura hermenêutica plena - restitui o saber que o sujeito criador investiu no objeto - que trabalha pela constituição de um texto segundo, "compreensivo", montado sobre o texto primeiro, glosa sofisticada que "interpreta" o que o autor quis dizer, passando do explícito ao mais explícito.

(LIMA, Luís Costa. Estruturalismo e Teoria da Literatura.
Petrópolis, Vozes, 1963, p. 163)

* * *

A - Conceituação teórica (esquema)PARÁGRAFO1. Definição: unidade de composição1.1 - Sob o aspecto gráfico

- um período ou mais
- afastamento de margem esquerda e/ou espaço maior entre a primeira linha do parágrafo que se inicia e a última do anterior

1.2 - Sob o aspecto lógico

- processo completo de raciocínio
- um núcleo central:
 - Idéia, na dissertação e na argumentação
 - Incidente, na narração
 - quadro, na descrição
- idéias secundárias:
 - exemplos, ilustrações, dados estatísticos (na dissertação e na argumentação)
 - detalhes, pormenores (na narração e na descrição)

2. Requisitos2.1 - Unidade: um só núcleo por parágrafo2.2 - Coerência:

- interna: ligação lógica entre núcleo e idéias secundárias
- externa: ligação lógica entre os parágrafos

2.3 - Clareza3. Aplicação prática

Os núcleos dos parágrafos podem oferecer material para:

- plano de texto (quando se redige)
- esquema e resumo (quando se lê)

B - Textos para análise e exercício3.1 - Descrição

os catres de Antônio e Horácio; e no "quarto" de Ana havia uma cama de pernas de tesoura, debaixo da qual se via o velho baú de lata onde a moça guardava suas roupas.

A luz da lamparina de óleo de peixe iluminava pobremente a casa, despedindo uma fumaça negra e enchendo o ar dum cheiro enjoativo. (...) A chama da lamparina dançava, soprada pelo vento que entrava pelas frestas do rancho. As sombras das pessoas refletidas nas paredes cresciam e minguavam. Com a cabeça apoiada numa das mãos, Maneco Terra escutava. Horácio olhava para o teto. Antônio riscava a madeira da mesa com a ponta da faca. Havia lágrimas nos olhos de D. Henriqueta — lágrimas que lhe escorriam pelas faces sem que ela procurasse escondê-las ou enxugá-las. E mesmo na tristeza seu rosto não perdia a expressão de resignada serenidade.

O rancho não era grande. Constava duma só peça quadrada com repartições de pano grosseiro. A maior das divisões era a em que se achavam todos agora. Ali faziam as refeições e ficavam nas noites frias antes de irem para a cama: era ao mesmo tempo refeitório e cozinha, e a um canto dela estava o fogão de pedra e uma talha com água potável. O mobiliário era simples e rústico: uma mesa de pinho sem verniz, algumas cadeiras de assento e respaldo de couro, uma arca também de couro, com fechos de ferro, um armário meio desmantelado e, sobre um estrado, a velha roca de D. Henriqueta. Numa das outras repartições ficava a cama do casal, sobre a qual, na parede, pendia um crucifixo de madeira negra, com um Cristo de nariz carcomido ao pé da cama ficava um mosquete carregado, sempre pronto para o que desse e viesse. Na divisão seguinte estavam

(VERÍSSIMO, Érico. Ana Terra)

3.2 - Narração

Aí, quando nos aproximamos do primeiro umbuzeiro, Deusio mostrou, logo, as novas disposições em que se encontrava de vencer os Quadernas fosse como fosse, principalmente depois d'azar que tivera com os jacus. Adiantou-se, rápido, à nossa frente, e começou a tomar chegada. Estava ultrapassada a fase da hospitalidade; agora era cada um por si e Deus por todos. Mas as normas da caça continuavam em vigor, de modo que todos nós paramos e ficamos esperando que ele agisse.

Confesso que estava possuído por um mau sentimento, com um medo danado de que fosse um Pereira, e não um Quaderna, o primeiro a matar essa honrosíssima caça que é um veado. Afrito, rezei de novo, desta vez pedindo a Deus e a meu Planeta, que, ou Deusio não encontrasse veado nenhum, ou, caso encontrasse, que errasse o tiro. E, de súbito, não pude acreditar no que estava vendo: uma Cobra cascavel dormitava ali, bem perto, na boca do oco de uma imburana, escurada pelo tempo e tão velha e cinzenta quanto a Cobra. Um plano maldoso fuzilou seu relampo dentro do meu sangue. Sem formular qualquer idéia, guiado somente pela maldade do instinto, encostei praticamente minha "Vinte e Oito" na cabeça da Cobra adormecida e desfechei o tiro.

No mesmo instante, ouvimos o mato estalando para os lados do Umbuzeiro e o berro indignado de Deusio Pereira, vendo perdido o veado, que desaparecera no mato.

(SUASSUNA, Ariano. Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sanque do Vai-e-Volta)

CONHECIMENTO CIENTIFICO E TECNOLOGIA

INTRODUÇÃO

Em sentido amplo, conhecimento é o atributo que tem o homem de regir frente ao meio que o cerca. Dessa forma, podemos distinguir três tipos de conhecimento: o empírico, o científico e o filosófico.

Com relação ao primeiro, podemos constatar que, através dele, se apreende a aparência das coisas. Assim, observamos que o conhecimento empírico está situado na esfera do particular.

Quanto ao conhecimento filosófico, percebemos que o mesmo vai buscar a essência do ser, já que o cientista, permanecendo na faixa do físico, não consegue atingi-la.

Em se tratando, porém, do conhecimento científico, observamos que o mesmo é orientado, sistemático e formal. A pesquisa científica exige método e ordenação. Conhecer alguma coisa é analisá-la profundamente, obedecendo a uma série de etapas e fatores. Essa persistência da busca é que vai permitir ao espírito científico equacionar o problema.

Por outro lado, a natureza, porque cognoscível, penetrável e investigável, é o objeto do conhecimento científico. Assim, ela não pode (como compreendia o homem primitivo) ser encarada como um complexo de forças misteriosas e inextinguíveis.

Acrescente-se a isso que a ciência não poderá se dissociar da tecnologia, pois as duas estão intimamente ligadas. Enquanto aquela é busca ordenada, pesquisa pura, esta é aplicação do científico ao técnico. A ciência fundamenta a tecnologia, é o seu apoio. A primeira sem a segunda constituir-se-ia num saber desligado da prática, o que não seria de modo algum proveitoso para a humanidade. A segunda sem a primeira seria algo empírico, unilateral, sem base; a "selva científica" é o seu alimento. Ciência e tecnologia precisam caminhar juntas, pois são dois seres que se completam, formando um todo homogêneo que, em última análise, deveria visar ao progresso do homem e ao bem comum.

Mas, se a ciência tem uma função explicativa, desde que sua finalidade é examinar o fenômeno natural, ela distancia o ser humano do seu meio. A interrogação e a dúvida geram, de certo modo, um conflito entre o homem e o mundo. É, nesse esforço de buscar a solução para a natureza que lhe rodeia e de investigar o porquê das coisas, o homem espera perplexo uma resposta. Aqui, a ciência esgotou o seu potencial e cedeu lugar a um outro tipo de conhecimento referenciado anteriormente, o filosófico, para que o homem tente e consiga desvelar a realidade.

DESENVOLVIMENTO

CONCLUSÃO

Assim, concluímos que, se o conhecimento empírico é insuficiente para chegarmos aos universais, o conhecimento científico, embora suporte da tecnologia, apresenta as suas limitações. E, para se autojustificar, necessita do amparo de um conhecimento mais alto: o filosófico.

C-3/Caderno 3

Curso Não-Formal de Redação

FALE-UFMG

1. Leia o seguinte texto:

- A POLUIÇÃO -

A poluição define-se como a modificação artificial dos parâmetros ecológicos de um meio, tornando-o agressivo à vida nele existente.

Os técnicos de todo o mundo estão de acordo em que a poluição é o mal da época, apresentando-se de forma mais acentuada nas grandes metrópoles, onde se concentram os densos aglomerados humanos e a tecnologia industrial atinge os mais elevados níveis.

Realmente, se é certo que os grandes centros urbanos do atual mundo representam a mais alta conquista da evolução cultural humana, é certo também que esses centros constituem grave problema do ponto de vista ecológico, já que o binômio urbanização-industrialização é considerado pelos ecólogos como principal responsável pela poluição que preocupa o mundo atual.

(RIBEIRO, Vera Pandolfo. Qualidade do Ambiente e seus Reflexos Econômicos e Sociais.)

2. Paragrafação

Examine a organização gráfica do texto. Este texto está separado em três secções. Cada secção começa com um ligeiro afastamento da margem esquerda.

3. Cada secção é chamada de PARÁGRAFO: unidade gráfica de composição, que pode conter um ou mais períodos.

4. Observe o conteúdo de cada secção:

1º - definição de poluição

2º - poluição: mal da época

3º - urbanização-industrialização: responsáveis pela poluição no mundo atual.

5. Cada parágrafo tem, pois, uma idéia central, ou um núcleo, podendo haver idéias secundárias. O parágrafo é a unidade lógica de sentido.

6. O núcleo e as idéias que se lhe acrescentam coerentemente conferem a cada parágrafo sua unidade. E os parágrafos se unem formando a unidade global do texto, o qual deve conter o desenvolvimento claro de:

- idéias (na dissertação ou argumentação)

- episódios (na narração)

- cenas ou quadros (na descrição).

7. Os dois textos abaixo estão transcritos com os parágrafos em desordem. Coloque-os em ordem, numerando os parênteses.

19 texto:

- () Essas são as conseqüências dos frequentes cortes de energia elétrica na cidade de Américo de Campos, que já cansou de fazer apelos à CESP - Centrais Elétricas de São Paulo. Isso está acontecendo há cerca de cinco anos, desde quando a empresa estatal assumiu o controle do fornecimento de energia elétrica.
- () Em maio do ano passado, a Câmara dirigiu ofício à direção daquela empresa, relatando a situação e pedindo providências. A resposta chegou, nove meses depois, em ofício assinado pelo Presidente da CESP, Lucas Nogueira Garcez, informando que, consultada a administração da empresa em Votuporanga, esta esclareceu que não havia anormalidade.
- () A padaria perdeu centenas de quilos de massas; o laticínio não pôde fabricar queijos; o dentista não atendeu seus clientes; o clube da cidade não realizou o baile e o conjunto ganhou sem tocar; sorvetes foram derretidos; há falta de água na cidade e os trabalhadores das máquinas de beneficiamento de arroz estão parados.

(ESTADO DE SÃO PAULO. 08/03/1973)

29 texto:

- () Mas pode acontecer de desistir no início, ou no meio. Falta de tempo, de interesse, texto muito longo ...
- () Prevendo isso, os jornalistas inventaram uma técnica bastante inteligente: introduzem o texto com o "lead" (em inglês significa 'primazia, precedência, comando').
- () O primeiro passo é criar um bom título, título/manchete, e chamar a atenção do leitor. Daí o leitor começa a ler o texto inteiro.
- () "Lead" é um pequeno resumo contendo as idéias básicas do texto inteiro. Esse resumo pode vir em letras diferentes (maiores, mais pretas) antes do texto, ou então corresponder às primeiras linhas do próprio texto, sem nenhuma diferença gráfica. Seja como for apresentado, "lead" é um resumo do texto de jornal.
- () Para um jornalista é muito importante que seu texto seja lido (como, aliás, para quem quer que escreva). Um texto é uma mensagem para ser comunicada a um leitor.

(MESERANI, Samir Curi et alii. Redação Escolar: Criatividade. São Paulo, Saraiva, 1975, p.47)

8. O texto abaixo está transcrito sem paragrafação. Indique, usando barras, seus quatro parágrafos. Justifique sua divisão, sublinhando as idéias centrais de cada parágrafo.

Embora de grande eficácia no combate às doenças infecciosas, os antibióticos, quando empregados em excesso, provocam inconvenientes e podem representar grave perigo. Em virtude de seu grande poder de adaptação, os germes pato

gênicos podem se tornar cada vez mais resistentes e, além disso, o organismo humano pode criar reações alérgicas contra antibióticos. Recente estudo francês sobre o problema demonstrou que o perigo é extremamente grave em relação à penicilina, o antibiótico mais empregado. Em face disso, as autoridades francesas decidiram reforçar o controle médico sobre o uso de antibióticos. Inicialmente, essa fiscalização voltou-se para a criação de gado. Anteriormente, os criadores compravam antibióticos sem conhecer nem mesmo sua ação específica. Esses medicamentos eram ministrados aos animais conforme indicações esquemáticas. Como os antibióticos utilizados pelos animais são quase os mesmos empregados no ser humano, eles apresentam o perigo de, após absorvidos pelo animal, passarem para o homem, através da carne ou do leite. A enorme quantidade de antibiótico assim assimilada pelo corpo humano faz com que as bactérias se tornem mais resistentes, dificultando o seu controle. Por isso, a venda livre de antibióticos foi proibida na França: só um veterinário pode receitar o medicamento, desde que esclareça o seu emprego e a duração do tratamento. Além disso, os criadores não poderão vender nenhum produto do animal, durante o período da medicação. Outra medida de segurança foi adotada: os antibióticos serão coloridos e, ao passarem para o leite, denunciarão imediatamente a irregularidade.

(Antibiótico francês é colorido e controlado. In: O Globo. 20/10/1973)

9 - Dados os seguintes itens:

- . O que é poluição
- . Homem e natureza
- . A revolução tecnológica do século XX
- . Poluição e saúde
- . Poluição do ar
- . Poluição das águas
- . Poluição do solo
- . A poluição e seus reflexos no Brasil
- . A poluição nas zonas de turismo e recreação
- . Efeitos da poluição
- . Combate à poluição
- . A política do meio ambiente.

a) Você irá construir um texto, escolhendo alguns desses itens e transformando-os em idéias centrais.

Siga o roteiro abaixo:

Escreva nos espaços apenas a idéia-central de cada parágrafo.

1 - INTRODUÇÃO

1º parágrafo

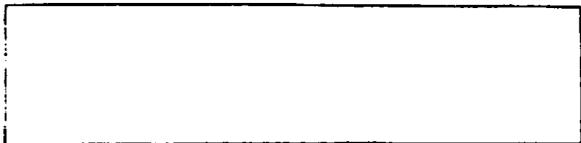
idéia central:



2 - DESENVOLVIMENTO

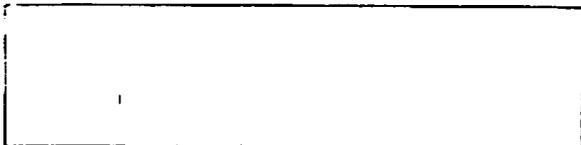
2º parágrafo

idéia-central:



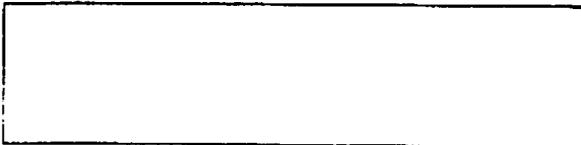
3º parágrafo

idéia-central:



4º parágrafo

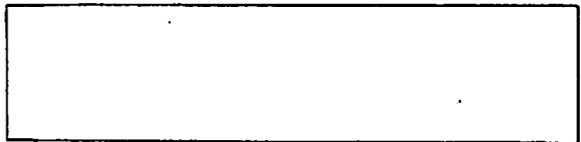
idéia-central:



3 - CONCLUSÃO

5º parágrafo

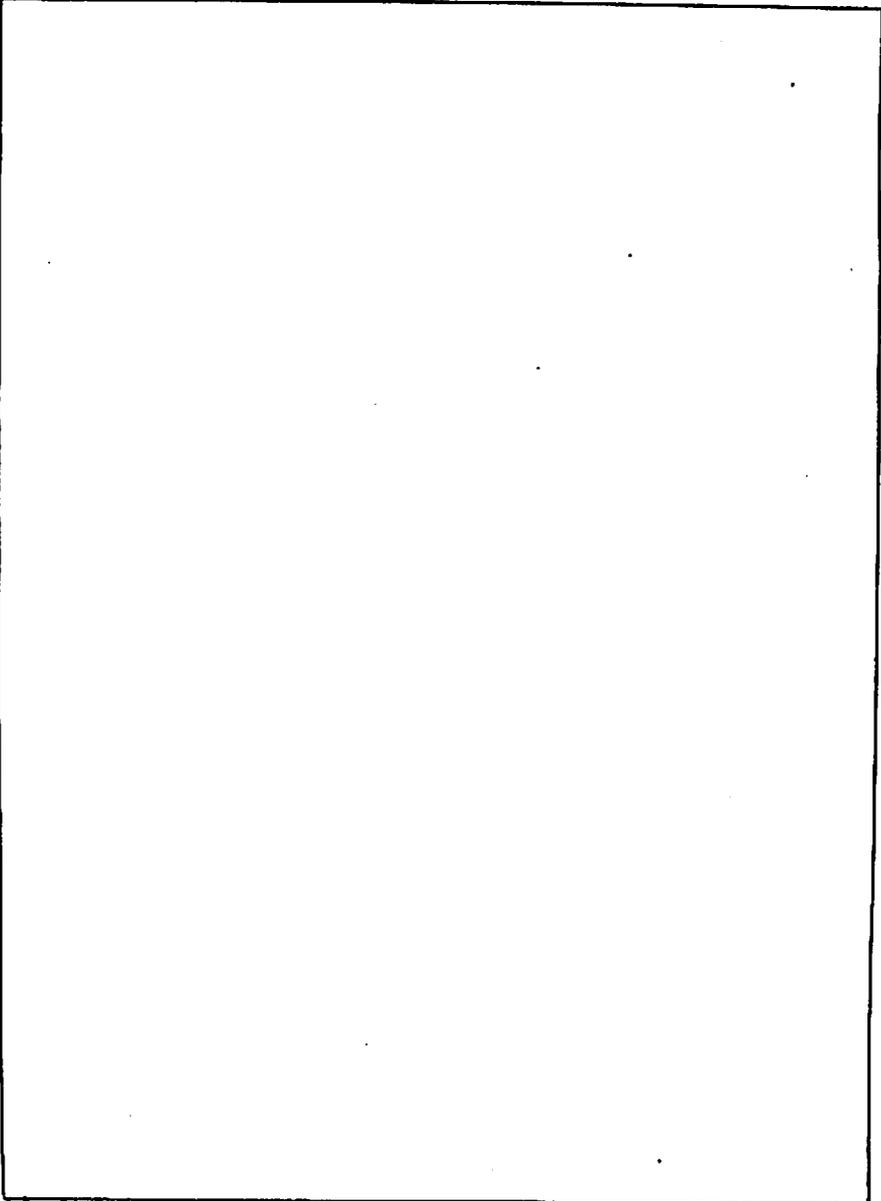
idéia-central:



b) Construção do texto

Desenvolva os 5 parágrafos, formando um texto coerente.

TEXTO



3a. parte - COMPOSIÇÕES TÉCNICAS: DESCRIÇÃO E DISSERTAÇÃO

I - Descrição Técnica

A. Instruções teóricas

1º) Objetivo e Ponto de Vista da Descrição Técnica

Além de alguns aspectos formais responsáveis pela diferença entre uma descrição técnica e uma descrição literária ou publicitária, dois outros dos importantes neste tipo de texto são o objetivo e o ponto de vista.

O objetivo é responsável por indicar que aspecto, em particular, do objeto em questão deve merecer mais destaque. Em geral, o objetivo já aparece expresso no tipo de descrição que deve ser desenvolvido. Por exemplo, se tomarmos um objeto como um computador, poderemos estabelecer três objetivos gerais:

- a) determinar as características dos seus componentes;
- b) determinar o funcionamento de seus componentes;
- c) determinar as características dos seus componentes e o seu funcionamento.

Depois do objetivo, um outro dado é também importante na descrição técnica: o ponto de vista. É ele o responsável pelo maior ou menor detalhamento de informações, pela escolha deste ou daquele ângulo, pela preferência por este ou aquele aspecto, etc. O ponto de vista está relacionado, de um lado, com a origem da descrição, isto é, quem faz a descrição, e, de outro, com o seu destinatário. Se tomarmos um prédio qualquer como exemplo, poderemos indagar, em função de quem faz a descrição ou de a quem ela se destina:

- a) Que parte do objeto em questão deve ser ressaltada ?

A fachada, a fundação, a circulação interna, a localização, etc?

Se a descrição origina-se de um projetista para um construtor, ou de um publicitário para um provável comprador, partes diferentes serão enfatizadas. Por exemplo, o projetista estará empenhado mais diretamente em aspectos da fundação, da estrutura, do que na localização externa, no tipo de acabamento interno, na fachada, etc, embora não se possa estabelecer um tipo de preocupação obrigatoriamente exclusiva de um ou de outro.

- b) De que ângulo deve ser encarada a descrição?

Do ângulo do publicitário (que pode falar da fundação, de especificações do material de acabamento, da localização externa, etc); do ângulo do decorador (que se interessará apenas por questões mais superficiais de combinação de cores e disposições de móveis, utensílios, jardins, etc.); do ângulo do projetista (que poderá falar dos mesmos aspectos, por exemplo, do público, mas numa dimensão totalmente diversa, mais específica).

- c) Que pormenores devem ser examinados de preferência a outros?

Da localização: proximidade de escolas, supermercados, áreas arborizadas, zona da cidade, etc; de aspectos internos: divisões, quantidade de compartimentos, acabamento, etc; da estrutura: tipo de material empregado, resistência, segurança, etc. Segundo o ponto de vista, cada um destes aspectos pode sobressair sobre os demais.

d) Que ordenação dos componentes deve ser adotada?

Do particular para o geral ou vice-versa; do interior para o exterior ou vice-versa; de aspectos fundamentais para aspectos acessórios ou vice-versa, etc. Em qualquer descrição, a ordenação pode privilegiar um dos aspectos tomados como ponto de referência. Por exemplo, numa propaganda de lançamento de um prédio de apartamentos, a descrição poderá privilegiar as unidades colocadas à venda (o particular) e, eventualmente, dar uma visão global do prédio.

Concluindo, podemos dizer que objetivo e ponto de vista fazem parte da tessitura de uma descrição, conforme foram aqui apresentados. Geralmente eles regulam, determinam a elaboração de um texto, mas nem sempre podem ser demarcados mecanicamente na sua superfície.

29) Como redigir uma descrição técnica

1. Preliminares

Na elaboração de qualquer texto, há três fases importantes:

- levantamento de dados
- seleção de idéias
- ordenação e organização das idéias.

2. Passos específicos da DESCRIÇÃO TÉCNICA

2.1 - Levantamento dos componentes e indicadores do objeto a ser descrito

Na descrição da sala 116, o "Mineirão" do ICEX, teríamos como componentes os móveis, as paredes, o teto, o piso, etc., e como indicadores, a sua localização, tamanho, cor, quantidade, etc. Poderíamos anotar a seguinte lista, ainda sem nenhuma ordenação ou organização lógica:

- a) janelas - 5 x 2,20 m; de correr; feitas de ferro com amplos vidros; cortinas pretas; ocupando a parte lateral da sala.
- b) porta - 2,80 x 2,20 m; de correr; feita de ferro e com vidro; localizada na parede oposta ao quadrado-negro.
- c) localização - próxima à entrada principal do ICEX, no corredor para o setor administrativo.
- d) mobiliário - cadeiras: de madeira e ferro, com suporte para escrever. quadro-negro: 16 x 0,90 m. mesa.
- e) ambientação - iluminação: 25 conjuntos de duas lâmpadas fluorescentes, ventilação: três ventiladores grandes.
- f) dimensões - formato: retangular. tamanho: 20 x 50 x 3,20 m.
- g) paredes - emassadas; branco-fosco.
- h) teto - branco; placas quadradas de Eucatex acústico.
- i) piso - placas quadradas de Paviflex verde.

2.2 - Seleção de dados - o critério de seleção está diretamente vinculado ao objetivo, ao ponto de vista e ao destinatário da descrição, pois o que é relevante para um propósito não serve para outro.

2.3 - Ordenação e organização dos dados - Nesta etapa, além de atender ao objetivo e ao ponto de vista já estabelecidos, devemos ater-nos aos princípios da lógica e da clareza, dado que uma descrição, como qualquer texto técnico, será tanto melhor quanto mais facilmente for compreendida pelo leitor. Prosseguindo com o mesmo exemplo, poderíamos sugerir duas, entre muitas ordenações possíveis:

1a. ordenação - localização	2a. ordenação - localização
dimensão	dimensão
ambientação	teto
piso	piso
teto	paredes
paredes	porta
janelas	janelas
porta	ambientação
mobiliário	mobiliário

3. Textos - Apresentamos a seguir duas descrições da sala 116, que deverão ser analisadas pelos alunos. Demonstram duas possibilidades diferentes, entre outras também possíveis, de seleção e organização dos dados.

Texto 1

A sala de aula nº 116 do prédio do ICEX está localizada próxima à entrada principal, no corredor à esquerda, que conduz ao setor administrativo. Trata-se de uma sala em formato retangular, medindo 20 m X 50 m. Suas paredes são emassadas e pintadas de branco fosco. Na parede lateral, à esquerda, estão localizadas as janelas, em número de dez, ocupando toda a sua extensão. São janelas de correr, de ferro, possuindo vidros nas dimensões 1,25 x 1,40 x 0,80 m, além de serem equipadas com enormes cortinas pretas que descem do teto ao parapeito. O mobiliário da sala é composto de trezentas cadeiras com suporte para escrever, uma mesa de tamanho normal colocada sobre um tablado que acompanha toda a extensão do quadro, localizado este na parede frontal da sala e medindo 16 m de comprimento. O teto é formado de placas brancas de eucatex acústico, enquanto o piso é revestido de placas verdes de paviflex. O acesso a ela é feito através de uma porta de correr de ferro, permitindo uma passagem livre de 2,80 m X 2,20 m, situada na parede simetricamente oposta à do quadro. Sua iluminação é feita através de 25 conjuntos de lâmpadas fluorescentes e a ventilação da sala é garantida pelo serviço de três grandes ventiladores instalados no teto.

A sala 116 ("Mineirão") está localizada no ICEX/UFMG, à esquerda da entrada principal, no corredor para o setor administrativo do Instituto. Tem um formato aproximadamente retangular, de dimensões 20 x 50 x x 3,20 m.

As paredes são planas. Três delas são de alvenaria emassada e pintada de branco; a quarta face é um conjunto de armações de ferro no qual estão instaladas as janelas, grandes basculantes com vidros lisos na parte superior e vidros lisos, mas fixos, na parte intermediária; na parte inferior encontram-se placas de eucatex fixas. Na parede à frente da entrada estão fixos três quadros negros.

A porta de entrada localiza-se na parede oposta ao conjunto de quadros-negros. É feita de ferro e vidro liso, com dimensões de 2,80 x 2,20 m e desliza sobre um trilho fixo no chão.

O piso é todo em paviflex verde disposto em forma de placas quadradas. O teto é retangular, acompanhando a forma do piso. É feito de placas de eucatex brancas quadradas.

O mobiliário é composto de trezentas cadeiras feitas em armação de madeira e ferro, com suporte de madeira tipo prancheta, recoberto com fórmica verde. Compõe ainda o mobiliário uma mesa de armação de madeira e ferro, recoberta com fórmica, posta sobre um tablado de madeira que fica diante dos quadros-negros.

O ambiente é ventilado por três circuladores de ar e iluminado por 25 jogos de lâmpadas fosforescentes colocadas no teto. A sala ainda dispõe de um sistema de som com um amplificador e três alto-falantes. Sobre o quadro-negro central está instalado um relógio com mostrador branco.

39) Descrição de Objeto e de Processo

Na construção de um texto técnico descritivo, podemos tomar o objeto sob dois pontos de vista diferentes:

- a) sob o aspecto estático, vamos caracterizá-lo em termos gerais e dar detalhes de suas partes componentes;
- b) sob o aspecto dinâmico, vamos explicar como ele foi construído ou como funciona.

No primeiro caso, temos uma descrição de objeto propriamente dita e, no segundo, uma descrição de processo. Na vida prática, deparamos frequentemente com textos mistos, em que estão presentes os dois tipos de descrição, em face da necessidade de dar a conhecer como é e como funciona o objeto em questão.

1. Descrição de Objeto - O Motor Volkswagen

O motor está montado na traseira do carro, fixado por quatro parafusos à caixa de câmbio, a qual, por sua vez, está fixada por coxins de borracha na extremidade bifurcada do chassi. Os cilindros estão dispostos horizontalmente e opostos dois a dois. Cada par de cilindros tem um cabeçote comum

de metal leve. As válvulas, situadas nos cabeçotes, são comandadas por meio de tuchos e balancins. O virabrequim, livre de vibrações, de comprimento reduzido, com têmpera especial nos colos, gira em quatro pontos e aciona o eixo excêntrico por meio de engrenagens oblíquas. As bielas contam com mancais de chumbo-bronze e os pistões são fundidos de uma liga de metal leve.

(MANUAL DE INSTRUÇÕES VOLKSWAGEN, apud GARCIA, O. M., Op. cit., p. 372)

Observação:

Os verbos usados no parágrafo acima traduzem a idéia de estaticidade - "está montado", "está fixada", "estão dispostos", "são opostos", "tem", "são fundidos". Apenas dois deles denotam dinamicidade - "gira" e "aciona", o que confirma o que dissemos anteriormente sobre a impossibilidade prática de uma separação rígida dos dois tipos de descrição.

2. Descrição de processo - Gerador de Ruídos de Chuva

O que ocorre é que os elétrons livres que passam pela junção dos transistores o fazem de maneira desordenada, numa quantidade que depende da temperatura ambiente. Como em cada instante a quantidade de elétrons que "se batem" atravessando as junções não é a mesma, a corrente circulante não é constante, mas sofre variações de intensidade aleatoriamente. Se essa corrente for amplificada, o resultado será a produção de um ruído indefinido, denominado ruído branco, porque é composto, praticamente, de todas as frequências possíveis. Esse é justamente o ruído que faz a água caindo, as ondas do mar, e mesmo o vento.

(REVISTA ELETRÔNICA. São Paulo, Saber, 77:25, jan./79)

Observação:

O texto acima, que é apenas um parágrafo da descrição completa do aparelho, constitui uma descrição de processo. Nele se destacam as seguintes características: a) exposição dos fatos em ordem cronológica; b) ênfase na ação; c) indicação das fases do processo de forma lógica e coerente.

3. Texto modelo: Ping-Pong Eletrônico

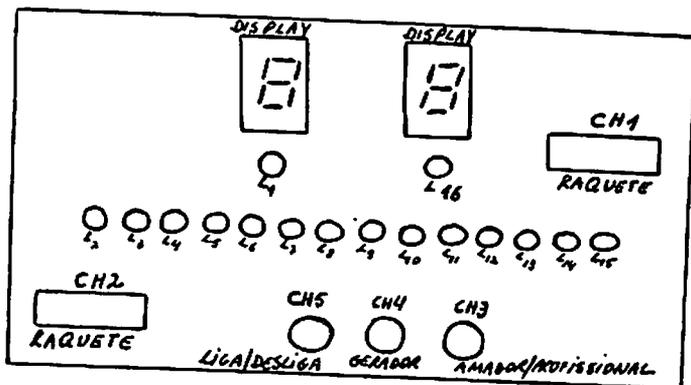
Neste artigo descrevemos a montagem de um jogo eletrônico de ping-pong muito interessante. O aparelho utiliza circuitos integrados TTL, leds (light emitter diode) e componentes bastante comuns em nosso mercado, sendo dotado de diversos recursos, que tornam as partidas mais emocionantes. Além de um placar de "0" a "9", o ping-pong eletrônico possui um controle de velocidade para a bola, conforme os jogadores sejam experientes ou não. Acompanhando a descrição do princípio de funcionamento e da construção, o leitor verá que não se trata de um jogo monótono, mas, pelo contrário, bastante dinâmico, com variações de situação realmente capazes de reter a atenção e o interesse dos jogadores.

Para que o leitor possa compreender o funcionamento do aparelho, apresentamos, inicialmente, uma descrição geral e, em seguida, fornecemos os detalhes necessários.

O painel do jogo (figura 1) possui, no meio, uma fileira de 14 leds e a cada extremidade desta, em oposição diagonal, existe uma chave do tipo campainha.

Cada jogador deve ficar com o dedo sobre o botão, mas sem acioná-lo. Ao ligar-se a chave CH-5 (liga-desliga), os leds começarão a acender em seqüência. Quando acender qualquer um dos três últimos de cada extremidade, o jogador deverá apertar o botão, para reverter o processo de acendimento, de tal maneira que, se os leds estiverem acendendo da esquerda para a direita, deverá ser acionada a chave da direita e, se a luz estiver caminhando em sentido contrário, deverá ser acionada a chave da esquerda (como no jogo de ping-pong, em que o jogador, com a raquete, faz a bolinha retornar na direção de seu adversário, colocado na extremidade oposta da mesa). Se a chave for acionada quando o último led estiver aceso, a volta será rápida; se for acionada com a luz no penúltimo led, a volta terá uma velocidade média; quando acionada estando aceso o antepenúltimo led, o retorno será lento. Isso é válido para ambos os lados.

Caso um dos jogadores não consiga apertar o botão a tempo de reverter o sentido do processo de acendimento, ele perde e o adversário ganha um ponto, que é marcado automaticamente no painel, e assim sucessivamente. Aquele que atingir nove pontos primeiro ganha a partida.



- Figura 1 -

Descrição da Parte Eletrônica

O circuito é formado basicamente de um oscilador CI-555, IC-12, que oscila nas frequências de 6,8 e 12 Hz aproximadamente. Seus pulsos são entregues a um circuito integrado contador reversível, CI-74191, IC-5. Este possui um controle conhecido como Down/Up, o qual, estando em nível lógico "0",

conta "para cima", e, se estiver em "1", conta "para baixo".

As suas saídas ABCD são ligadas a um circuito integrado decodificado de ABCD para hexadecimal, isto é, ele possui dezesseis saídas CI-74154, IC-6.

Todas as suas saídas estão sempre em nível lógico "1". À medida que aparece a contagem binária nas suas entradas, ele vai levando a "0" a saída correspondente. Uma de cada vez, coloca nível "0" nas saídas 1, 2, 3 ... 16, e, se o contador contar para baixo, ele coloca nível "0" nas saídas 16, 15, 14, 13 ... até 1. A cada uma é colocado um diodo emissor de luz (led), de modo que irão acender na sequência de 1 a 16 ou vice-versa.

Os leds de número 1 e 16 serão usados na marcação de pontos e de verão ficar próximos ao display.

Dos quatro primeiros e dos quatro últimos leds são retiradas informações para operação dos circuitos de raquete. A função desses circuitos é identificar em que led foi apertado o botão de raquete e em seguida gerar um pulso para o circuito de memória de pulso.

(GOMES, Armando Valdecir. Ping-Pong Eletrônico. Revista Eletrônica. São Paulo, Saber, 77: 16-17, jan./79, trecho adaptado)

B - Textos para análise e exercício

19) Os três textos a seguir foram produzidos por alunos de turmas anteriores do curso de Ciência da Computação. Apresentam qualidades e defeitos, que deverão ser analisados e discutidos.

1. O Volks SD-1300 AX-5174 (trechos)

O carro apresentou o odômetro marcando 33.333 km e o cartão da última revisão (15.000 km) feita em 05/09/78 - recomenda-se numa nova revisão. As luzes indicadoras de seta, pressão do óleo e faróis funcionam bem, o indicador de combustível indicava tanque cheio. As luzes de carga na bateria apresentaram um bom funcionamento. O regulador de bancos não funciona perfeitamente. Já o extintor de incêndio apresentou-se operacional.

Bancos de cor preta de pouco acabamento. No banco traseiro encontramos uma sacola contendo uma garrafa de coca-cola, no painel frontal um santinho do anjo da guarda e pendurado no retrovisor umas fitas do Nosso Senhor do Bonfim. No capuz (?) encontra-se um medidor de calibragem, um triângulo, um es tepe, uma buzina Fiamm. Na traseira, o motor apresenta boa conservação.

2. Descrição de um automóvel

O automóvel é uma máquina destinada ao transporte de passageiros a média distância. Mas, com o tempo, a estética e o conforto uniram-se a essa finalidade.

O Volkswagen em questão possui essas características. Seu funcionamento é razoável, pneus Good Year semi-novos, freios em bom estado, acelerador sem borracha, rádio apenas AM, instalado na própria fábrica do carro.

Quanto à estética, o veículo deixa a desejar. Precisa de uma nova

pintura (a tinta branca encontra-se em péssimo estado, está arranhada e coberta com uma camada de sujeira). Apresenta vários sinais de desgaste, como a placa dianteira e os pára-lamas do lado direito amassados.

Dotado de sinais particulares, como o decalque da Auto-Baterias 'JÓIA no quebra-vento direito, a fitinha do Nosso Senhor do Bonfim amarrada na barra da direção, um anjo da guarda no painel, o automóvel de placa AX-5174, 'chassi nº 0022220846, torna-se único.

Quanto aos equipamentos, o carro possui o triângulo, algumas ferramentas, o manual do proprietário e o estepe.

Esse é o veículo de Maria da Graça Costa Val, nossa professora de Comunicação e Expressão.

3. O carro de placa AX-5174

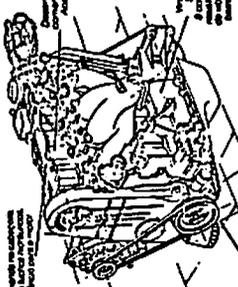
O Volkswagen 1300, de placa AX-5174, é um automóvel branco-polar, com capacidade para cinco passageiros, que foi fabricado em 1977. Seu chassi é de número 0022220846. Tendo já percorrido 33.333 km, apresenta apenas pequenas avarias em seu pára-lama direito e pode ser considerado um carro em bom estado de conservação.

Sem problemas elétricos, isto é, com funcionamento normal dos faróis, faroletes, setas e luzes de freio, esse veículo tem, em seu porta-malas que fica em sua parte dianteira -, um calibrador de pneus, um triângulo de segurança, uma chave de roda, um macaco, uma roda com pneu sobressalente e um equipamento para bombear gasolina.

Provido de extintor de incêndio e cintos de segurança, o carro tem estofamento de vinil preto. Seu teto é forrado com plástico branco e os tapetes de borracha que protegem o chão são pretos.

O painel desse automóvel possui indicadores de velocidade, do número de quilômetros rodados, do nível de combustível, e interruptores para o acionamento dos faróis, das luzes de emergência e dos limpadores do pára-brisa. Há, também, um rádio AM da marca Volkswagen.

MONZA / Uma nova relação entre o homem e a máquina.



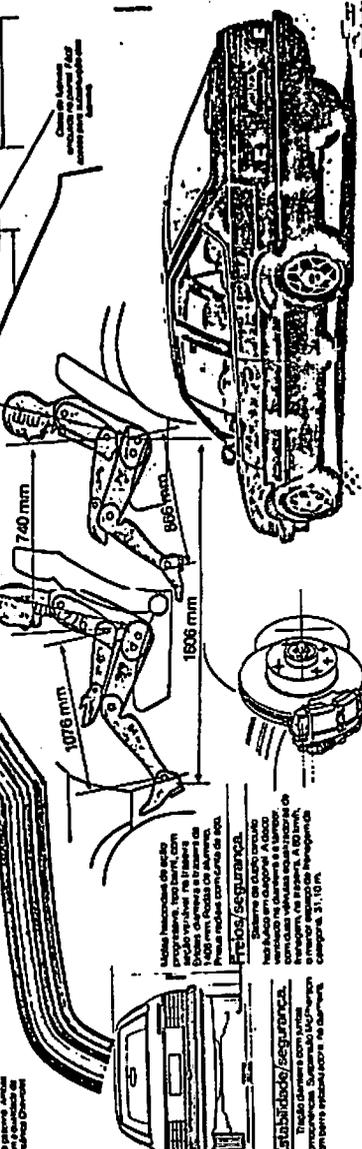
Com o motor de 1600 cm³ e 105 CV, o Monza oferece a máxima potência e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica de combustível garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Motor/economia.
 O motor de 1600 cm³ com injeção eletrônica oferece a máxima potência e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Aerodinâmica/economia.
 Estej com a máxima economia de combustível. O Monza possui um coeficiente de arrasto aerodinâmico de 0,35, o que garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Espaço/fortaleza.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Conforto/fortaleza.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.



Trilho de direção.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Freios/segurança.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Motor/economia.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Espaço/fortaleza.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Conforto/fortaleza.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Motor/economia.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Trilho de direção.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Freios/segurança.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Espaço/fortaleza.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Conforto/fortaleza.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

Motor/economia.
 O Monza oferece a máxima segurança e a máxima elasticidade. A injeção eletrônica garante a máxima eficiência e a menor emissão de poluentes.

A - Instruções Teóricas

1º) Conceituação

A dissertação é um tipo de composição escrita que gira em torno de uma idéia, uma tese, buscando explicá-la ou discuti-la, refutando-a ou endossando-a.

2º) Tipos

2.1 - Dissertação expositiva - explica o pensamento do autor sobre determinado assunto.

2.2 - Dissertação argumentativa - endossa ou refuta uma tese.

3º) Estrutura

3.1 - Partes da dissertação

Introdução - apresentação geral do assunto

explicação do posicionamento frente ao assunto

Indicação da direção a ser tomada na análise do assunto

outras possibilidades: referências históricas

anúncio resumido de aspectos a serem abordados, etc

Desenvolvimento - conjunto de argumentos selecionados para o análise proposta

requisitos: exposição clara

argumentos fidedignos

autênticos

adequados

relevantes

suficientes

utilização de dados concretos para comprovação/ilustração

funções: explicação - argumentos que ampliem e explicitem assunto

endosso - argumentos que corroborem o assunto proposto

refutação - argumentos que contestem o tema proposto

Conclusão - não-inclusão de idéias novas (em geral)

junção dos diversos argumentos e ilustrações colocados e discutidos

Objetivos principais: elaboração de deduções e inferências sobre o assunto; reapresentação do tema, resumindo-o; demarcação do posicionamento claro e unívoco; apresentação de dificuldades relativas ao assunto; sugestão de soluções para os problemas abordados

3.2 Esquema geral da dissertação

Introdução	_____	1º parágrafo
Desenvolvimento	_____ 1º argumento	_____ 2º parágrafo
	_____ 2º argumento	_____ 3º parágrafo
	_____	_____
	_____	_____
Conclusão	_____	último parágrafo

4º) Etapas da elaboração de um texto dissertativo

4.1 Escolha do assunto : - há o que dizer ?
- vale a pena dizer ?

4.2 Delimitação do assunto : - opção por uma das várias abordagens possíveis

4.3 Determinação da função do texto : - explicação
- refutação
(posicionamento do autor) - endosso

4.4 Levantamento das idéias : - listagem prévia, despreocupada, desordenada,
de todos os argumentos que vierem à cabeça

4.5 Seleção dos argumentos:

- cuidado com os seguintes aspectos: - adequação
(ver a 1ª parte deste capítulo) - autenticidade
- relevância
- suficiência

4.6 Ordenação dos argumentos:

- estabelecimento da sequência em que deverão aparecer os argumentos, em função da clareza, dos objetivos do texto, dos efeitos que se pretende causar.

- algumas ordenações possíveis:

- cronológica
- espacial
- da causa para o efeito
- do efeito para a causa
- do geral para o particular
- do particular para o geral
- do concreto para o abstrato
- do abstrato para o concreto

4.7 Organização dos argumentos:

- explicitação do relacionamento lógico existente entre os diversos argumentos
- na hora de redigir, uso de palavras de transição e referência (conjunções, advérbios, pronomes, etc).

4.8 Redação

B - Textos para análise e exercícios

19) Evolução Histórica dos Materiais de Construção

Evolução Histórica dos Materiais de Construção. Os materiais de construção são tão importantes que a História, nos seus primórdios, foi dividida conforme a predominância do emprego de um ou outro material. E o caso, por exemplo, da Idade da Pedra ou da Idade do Bronze.

Nas civilizações primitivas, o Homem empregava os materiais assim como os encontrava na Natureza, não os trabalhava. Não demorou muito, porém, para que começasse a aprender a modelá-los e adaptá-los às suas necessidades. A partir daí a evolução se deu a passos lentos. Até a época dos Grandes Descobrimentos, a técnica se resumia em modelar os materiais encontrados, os quais eram poucos, tendo quase sempre o mesmo emprego. Na construção predominavam a pedra, a madeira e o barro. Os metais eram empregados em menor escala, e, ainda menos, os couros e as fibras vegetais.

Às poucos foram aumentando as exigências do Homem, e, conseqüentemente, os padrões requerecos. Ele passou a demandar materiais de maior resistência, maior durabilidade e maior aparência do que aqueles até então empregados. Assim, por exemplo, é o caso do concreto armado. Durante muito tempo, para grandes vãos e cargas, só se usou a pedra. Tornou-se necessário um material de confecção e moldagem mais fácil, que fosse trabalhável como o barro e resistente como a pedra. Surgiu daí o concreto. Posteriormente, com a difusão do uso desse material, procurou-se, naturalmente, aperfeiçoá-lo para que pudesse vencer grandes vãos - apareceu o concreto armado, que, por sua vez, incentivou a pesquisa dos aços e, com o tempo, levou ao concreto protendido.

Vê-se, pois, que se formava um ciclo, melhores materiais possibilitavam melhores resultados e melhores técnicas, e estas, por sua vez, demandavam materiais ainda melhores.

Presentemente, a tecnologia avança com rapidez e o engenheiro precisa estar atualizado para poder aproveitar as técnicas mais avançadas, utilizando materiais de melhor padrão e menor custo. Os materiais, atualmente, podem ser simples ou compostos; podem ser obtidos diretamente da natureza ou elaborados industrialmente. Sua evolução é tão rápida, que o profissional que não deseja ficar desatualizado deve permanecer sempre atento aos novos conhecimentos e invenções, de modo que é necessário que o estudo dessa matéria seja uma constante em toda a sua vida profissional.

O "CERTO E O "ERRADO" EM LINGUAGEM

O conceito de "certo" e de "errado" em linguagem, longe de ser algo arbitrário e pessoal, é qualquer coisa de sólido, definido e definível.

Erro é o que destoa da tradição, dos bons hábitos lingüísticos de uma comunidade; acerto é o que afina com tais hábitos, o que se liga com uma tradição e a continua. A norma, pois, em linguagem, é consuetudinária e nunca decorre de lei positiva, partida d'até ou daquele legislador, ou de uma suposta lei ideal, formulada pelo raciocínio de tal ou tal gramático. É fato bastante recente a proibição que baixou Mussolini na Itália fascista do uso de Lei como pronome de tratamento. Acabou o fascismo na Itália e morreu Mussolini, enquanto o Lei continuou vivo na linguagem coloquial.

Se não me engano, foi o lingüista francês MAROUZZEV quem disse que a Gramática é "affaire d'Etat", o que, sob certo aspecto, me parece afirmação grata a um FURTOS ou a um FURTZ CASTRO, — sem embargo da grande admiração que nutro por MAROUZZEV. O Estado onisciente e onipotente chamaria a si mais um departamento da atividade humana, e que departamento!

Um dos característicos da política totalitária é plasmar a realidade social, modelar a inerte massa humana, tornando-se, assim, arte técnica e não atividade prudencial e ética, segundo determina a sã Filosofia e o bom-senso. Paralelamente, um dos sinais do espírito totalitário é projetar-se sobre a realidade e procurar torcê-la e conformá-la aos seus esquemas apriorísticos. Ora, a gramatiquete está na linha da aberração totalitária, porque, não se resignando à realidade lingüística, pretende ajeitá-la às fórmulas surgidas ou fixadas na mente dos puristas.

Para o correto estabelecimento da norma lingüística e para o exato conceito de erro, é de mister que o lingüista, o filólogo, o gramático tenham bem presentes ao espírito a discriminação dos usos lingüísticos. Dentro da ampla unidade da língua cabem vários aspectos, várias modalidades, com características próprias, determinadas pelo fim da linguagem usada e pela situação psicológica dos interlocutores. Assim, há um uso coloquial culto, um uso familiar, um uso popular regional, um uso grupal, um uso afetivo, um uso maternal, um uso infantil, um uso intelectual, um uso estético. Em cada um dessas setores se estabelece uma tradição, um costume lingüístico, que solidariza os interlocutores. A norma lingüística de cada uso se infuz e nunca se deduz. O processo há de ser a observação, as conclusões há de ser a sistematização dos fatos observados.

Tal sistematização é que constitui a Gramática.

Ora, geralmente só se organiza a gramática do uso literário, do uso coloquial culto, do uso estético, porque a linguagem nesse campo é adquirida e não transmitida, como é nos outros. Quem nasceu e viveu no "agreste" de Pernambuco emprega espontaneamente e com toda a segurança a linguagem popular dessa região. Aprendeu-lhe os modismos sem o sentir, domina-os, porque eles são seus também. Agora, se tal indivíduo quer utilizar a língua culta, forçoso lhe será adquiri-la, aprendê-la, operação tanto mais difícil quanto mais integrando estiver ele no seu ambiente lingüístico regional. Ora, a língua culta é o ponto de referência, o ponto de encontro das variantes regionais, sociais e grupais, qualquer coisa como a quintessência de tais particularizações, ou melhor, sua depuração e estilização. Daí vem que há utilidade e até necessidade de que todos os membros de uma comunidade lingüística conheçam e dominem os hábitos da língua-padrão: donde as gramáticas desta linguagem, donde o ensino gramatical.

39) Utilidade da Ciência

A utilidade da ciência não é uma questão que se coloca individualmente para o cientista. Para ele, a ciência se justifica por si própria, como atitude filosófica perante a vida quotidiana e sua limitação ao terreno do conhecido. A atividade científica decorre da óbvia insatisfação do Intelecto com esta situação e com as soluções vivenciais que ela traz.

A questão utilitarista da ciência é colocada pela sociedade como um todo, e é expressa em sua forma final pelos órgãos comunitários que são diretamente responsável pelo custeio e promoção da pesquisa. A questão da utilidade da ciência interessa assim à comunidade científica sob dois aspectos: o social e o pragmático.

Do ponto de vista social, a comunidade científica deve à sociedade em geral as satisfações que um membro participante deve ao todo. Como contribui a ciência para uma efetiva melhoria da qualidade de vida e para o avanço global da Humanidade? Evidentemente, não pode haver progresso humano global sem, de alguma forma, haver progresso do conhecimento. Mas a recíproca não é absolutamente verdadeira. Pode haver grande progresso científico associado até ao retrocesso no progresso humanístico em geral. A razão para isto é simples: o cientista é necessariamente um ator no processo criativo. Decorre daí que o somatório dos avanços individuais (ou seja, o avanço global do conhecimento) não tem endereço nem forma concreta, e pode ser utilizado pela comunidade e seus representantes como bem lhes aprouver. Como contornar tal situação? A resposta imediatista do dirigismo científico é a menos válida, porque o processo criativo é um ato do indivíduo, feito em pleno exercício de sua liberdade individual. Portanto, quem sabe se o aprimoramento da formação humanística do cientista não é uma resposta para a sua tomada de consciência, em termos de uma maior sensibilidade à problemática comunitária e uma maior responsabilidade quanto às consequências do seu trabalho?

Do ponto de vista pragmático, o que é, de fato, que a Ciência está dando e pode vir a dar à Comunidade? Dividamos então a resposta:

a) no momento, pouco benefício se deriva diretamente da ciência brasileira, a não ser formação de cientistas em números maiores. Há duas razões para isso: primeiro, há falta de massa crítica para um maior impacto prático. Segundo, há falta de interesse pelas soluções práticas aqui desenvolvidas, dando-se frequentemente preferência à importação de "know-how" pronto. A segunda razão tem naturalmente razões históricas e se deriva em parte da primeira.

b) o que se deve desejar é a presença equilibrada da ciência na comunidade, através do desempenho das funções seguintes:

- desenvolvimento do conhecimento em si mesmo, à espera de novas pltas de desenvolvimento material e espiritual do Homem;
- pesquisa aplicada a problemas emergentes e urgentes da comunidade;
- formação de pessoal para as funções de liderança da comunidade, preparando-os para o futuro, tanto como para o presente.

Finalmente, deixamos clara a nossa opinião de que, nas nossas condições, o esforço para o desenvolvimento da Ciência deve estar entregue às Universidades, mesmo nos seus ramos mais práticos e aplicados. Acredito que só assim se atingirá precocemente a massa crítica para o desempenho simultâneo das tarefas que a comunidade espera ver feitas pela Ciência brasileira.

(CARVALHO, Antônio P. de. Ciência e Cultura, rev. da SBPC, 29, 8:103-104, 1977)

49) Exercício: a partir dos dados a seguir, construir um texto dissertativo.

Na verdade, se o mundo fosse uma aldeia de 100 habitantes, 94 deles disputariam a metade do total da riqueza — e a outra metade estaria nas mãos de apenas 6. As 25 pessoas mais ricas certamente comemorariam seus 70 anos, enquanto os 55 mais pobres não chegariam a 40. Dos 100, pelo menos 25 iriam dormir sem comer. O mundo é um caldeirão de 4,4 bilhões de pessoas em que 800 milhões, segundo o Banco Mundial, vegetam em "pobreza absoluta", onde 1,1 bilhão de pessoas amontoadas nos 35 países mais pobres — um quarto da população total — possuem apenas 3% da riqueza mundial, e onde um cão, num país como os EUA, consome em média mais proteínas, vitaminas e sais minerais que um ser humano na Índia.

VEJA, 28 DE OUTUBRO, 1981, p. 37

4. TIPOS DE COMUNICAÇÃO TÉCNICA

- 4.1 - Esquema
- 4.2 - Resumo
- 4.3 - Recensão
- 4.4 - Relatório

Maria da Graça Ferreira da Costa Val
(autoría de texto teórico - item 4.4 e seleção de textos)

Laura Beatriz Fonseca de Almeida

Maria Antonieta Antunes Cunha
(seleção de textos)

4.1 - EsquemaA.- Introdução teórica e aplicação prática

A.1 - C-3/Caderno 4

Curso Não-Formal de Redação
 EALE/UFMG

Neste caderno, vamos trabalhar com ESQUEMA DE TEXTOS:

T E X T O

O coração é um músculo oco constituído de quatro cavidades: dois ventrículos e duas aurículas reunidos dois a dois para formar um coração esquerdo, que recebe o sangue dos pulmões e assegura a circulação arterial periférica, e um coração direito, que recebe o sangue venoso periférico e assegura a circulação pulmonar.

Situado entre os pulmões, recobertos de pleura, o coração ocupa a maior parte do mediastino anterior.

Tem a forma de uma pirâmide triangular. A superfície do coração é percorrida por sulcos que marcam exteriormente os limites entre aurículas e ventrículos: são os sulcos auriculoventricular, interventricular e interauricular. A coloração é vermelha, mas é mascarada em grande parte por uma camada de gordura amarela mais ou menos abundante. O peso é em média 250 g. na mulher, 300 g. no homem.

(ENCICLOPÉDIA UNIVERSO. Rio de Janeiro,
 Ed. Delta-Ed. Três, 1973, fasc. 31)

1 - O texto acima é uma descrição científica muito curta. Por isso mesmo todos os seus dados são, praticamente, tópicos fundamentais. Por outro lado, resumir um texto como esse é um trabalho cujo resultado poderia ser prejudicial à exatidão científica.

2 - Nesse caso, os tópicos fundamentais seriam os seguintes:

No 1º parágrafo: "O coração é um músculo oco..."
 "...assegura a circulação"

No 2º parágrafo. "Situado entre os dois pulmões..."
 "Ocupa a maior parte do mediastino anterior"

No 3º parágrafo. "Tem a forma de uma pirâmide triangular"
 "A superfície do coração é percorrida por sulcos"
 "A coloração é vermelha"
 "O peso é em média 250 g. na mulher e 300 g. no homem"

3 - A divisão do texto é bastante fácil. Cada parágrafo pode ser uma parte:

19 parágrafo: Definição do coração.

29 parágrafo: Posição do coração no corpo.

39 parágrafo: Características formais do coração.

4 - Caso fosse necessário fazê-lo, o resumo poderia ser o seguinte:

O coração é um músculo oco, que assegura a circulação do sangue.

Situa-se entre os dois pulmões e ocupa a maior parte do mediastino anterior.

Tem a forma de uma pirâmide triangular. É coberto por sulcos. Sua coloração é vermelha e seu peso é, em média, 250 na mulher e 300 g. no homem.

5 - Para um texto como esse, mais útil seria fazermos um esquema. O esquema facilita enormemente a compreensão e a aprendizagem, principalmente em textos maiores.

Um texto compõe-se de um conjunto de elementos relacionados. Estes elementos podem ser: partes, subpartes, tópicos, sub-tópicos, etc. As partes se compõem de sub-partes. As subpartes se compõem de tópicos que, por sua vez, se compõem de elementos menores.

No esquema, podemos perceber visualmente as relações que ligam estes diversos elementos num todo, bem como o grau de importância de cada elemento; a "distância" existente entre uma parte e um tópico, por exemplo.

Naturalmente, essas informações só ficarão claras, quando você vir um esquema realizado. Para montá-lo, podemos partir do títulos geral do texto:

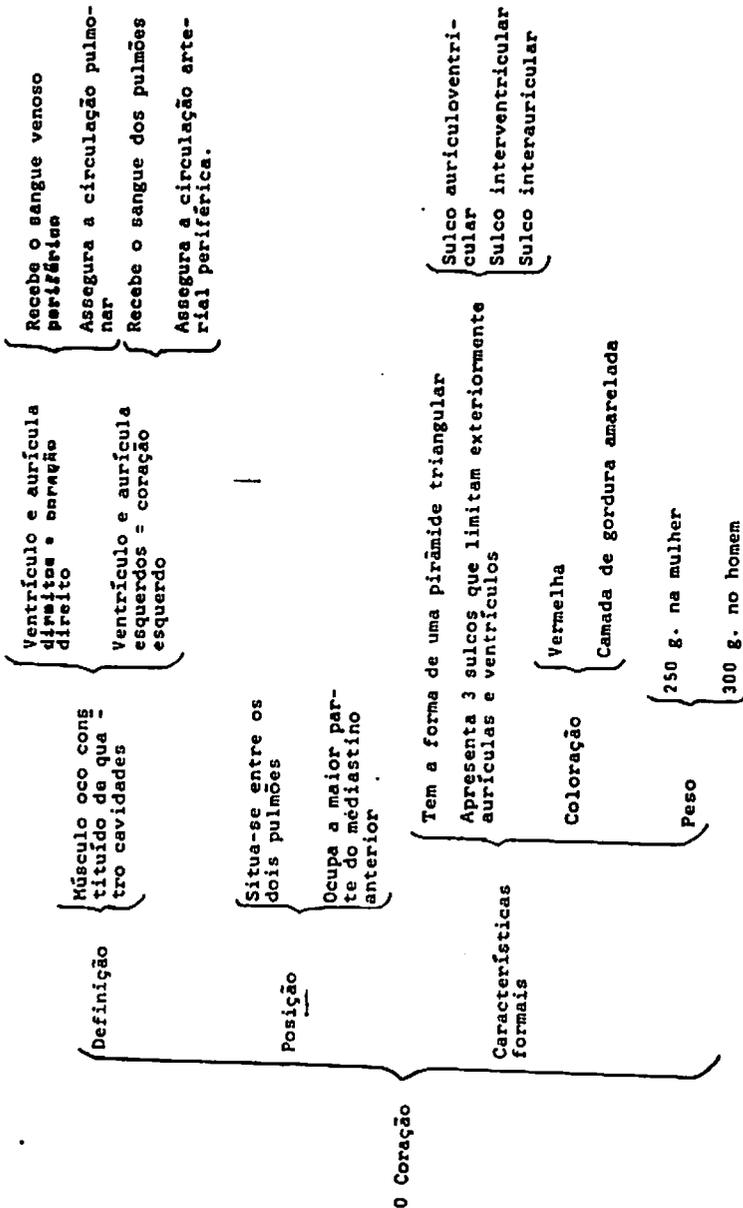
O coração

Em seguida, depois da primeira chave colocamos os títulos das partes do texto:

O coração	{	definição
		posição
		características formais

Continuando, vamos acrescentando, depois de cada chave, outros dados, podendo, se necessário, abrir novas chaves para a inclusão de outros elementos. Assim, deverão aparecer no esquema todas as informações que julgarmos indispensáveis.

6 - Examine agora o esquema que apresentamos para o texto desta unidade:



7 - Releia o texto

8 - Releia todo o item nº 6. Agora você poderá entender melhor as observações que fizemos. Verifique se as instruções que fornecemos foram cumpridas na elaboração do esquema.

9 - Examinemos uma parte do esquema.

Depois da palavra DEFINIÇÃO aparece uma frase que define o coração: é um músculo oco constituído de quatro cavidades

Em seguida, depois da chave, aparecem os nomes das quatro cavidades : ventrículo e aurícula direitos, que formam o coração direito; ventrículo e aurícula esquerdos, que formam o coração esquerdo.

Como cada "coração" tem funções diferentes , abrimos uma chave para ' cada um e, depois da chave, citamos essas funções: coração esquerdo - recebe o sangue dos pulmões e assegura a circulação arterial periférica; coração direito - recebe o sangue venoso periférico e assegura a circulação pulmonar.

10 - Observe o resto do esquema (comparando-o sempre com o texto) e verifique que o procedimento é o mesmo.

11 - O esquema ideal vai variar de texto para texto. Dependerá, primeiramente, do tamanho do texto. Quanto maior for ele, menos minucioso será o esquema. O esquema de um capítulo ou de um livro não poderá ser tão detalhado quanto o que apresentamos no item nº 7.

12 - Outra utilidade do esquema vai aparecer quando você tiver que redigir um texto. Elaborando um bom esquema antes, seu trabalho será, provavelmente, bem melhor. Você não se perderá em divagações inúteis , suas idéias aparecerão mais claras, a lógica e a seqüência do texto garantirão uma comunicação mais perfeita.

13 - Em última análise, quando elaboramos um esquema para um texto, estamos ' fazendo o plano de uma redação.

Quando você redigir, lance num papel todas as idéias que tiver sobre o assunto, mesmo desordenadamente, ou de forma abreviada, como você quiser. Re fliça sobre essas idéias, compare-as, tente perceber a relação entre elas, ' veja que pontos são mais importantes, mais abrangentes, determine o que é secundário, faça outras anotações, risque ou acrescente à vontade.

Em seguida, procure ordenar essas idéias. Vã montando o esquema. Faça o tantas vezes quantas forem necessárias, até sentir que tudo que você pensa já está disposto da maneira mais coerente possível. O plano de seu texto estará pronto. O problema será, então, redigir.

14 - Leia o seguinte texto:

FINLÂNDIA

A Finlândia é limitada ao norte pela Noruega, a leste pela União Soviética, ao sul pelo golfo da Finlândia e pelo mar Báltico, e a oeste pelo Bótnia e pela Suécia.

O aproveitamento econômico da Finlândia é dificultado pelo clima, excessivamente frio: ao norte, o clima é polar, com temperaturas que chegam a -40° ; no litoral o clima é mais ameno. A Finlândia é um dos países europeus com menor porção de terras cultiváveis: apenas 8%.

As principais fontes de riqueza do país são a pecuária (bovina, ovina e eqüina) e a extração de madeiras. A exploração de recursos minerais é escassa e a agricultura é quase exclusivamente de cereais e de batata.

As mais importantes indústrias do país estão associadas à riqueza florestal (madeira, celulose e papel) e à pecuária (produção de manteiga e queijos). Há ainda indústrias metalúrgicas e têxteis.

15 - Faça um esquema do texto acima : Finlândia.

4.2 - Resumo

A - Instrução teórica

A.1 - C-3/Caderno 1

Curso Não-Formal de Redação

FALE/UFMG

Neste caderno, vamos desenvolver, do ponto de vista da compreensão e expressão, as seguintes habilidades com relação a um texto:

- 1 - divisão
- 2 - titulação
- 3 - resumo

No caderno 1 você deverá apenas ler. Procure aprender as indicações fornecidas, para fazer o trabalho que se pedirá a seguir.

A NOVA COMUNICAÇÃO - DA FICÇÃO À REALIDADE

A tecnologia está criando novas formas de comunicação de massa e alterando os meios tradicionais. A cada dia, novos equipamentos e novas técnicas proporcionam os instrumentos que poderão abrir "a mais ampla perspectiva" de difusão de idéias e imagens que a civilização jamais conheceu" - como diz um especialista norte-americano, Ben Bagdikian. Computadores interligados e intensas exposições ao bombardeio da informação irão atuar nos cidadãos dos anos 80 de forma mais violenta do que hoje. "Telenevsnpaper", bancos de dados, videofones, terminais de consultas para informações científicas e para fins comerciais, transmissão de programas por meio de raios e por satélites, televisão por cabo e dictaphones por computador - são algumas das armas dessa nova revolução que a tecnologia está produzindo.

Mas, diante de máquinas novas, o homem poderá reagir como o sargento que observara "algo totalmente fora do comum" na tela do novíssimo radar que funcionava em Pearl Harbour, às 7 horas e 2 minutos da manhã de 7 de dezembro de 1941. "Não deve ser nada de importante", disse ao soldado responsável, Joseph Lockard. Uma hora depois, a esquadra americana do Pacífico tinha sido destruída.

Mesmo com indicações claras sobre o significado da nova tecnologia, o homem demora algum tempo para levá-la a sério. Ou nunca consegue compreendê-la. A televisão era considerada um brinquedo grosseiro em 1927, quando um jovem transmitiu a primeira imagem sem utilizar fios. Denunciado por vizinhos ignorantes, esse jovem teve que suportar o vexame de uma batida policial em seu apartamento em São Francisco. Os policiais nunca acreditaram na explicação.

Hoje, o mundo está diante de um brinquedo mais perigoso. E talvez não saiba avaliar seu verdadeiro significado e suas perspectivas. Ninguém sabe ao certo para onde nos conduzirá o futuro. "A eletrônica - adverte Ben Bagdikian - não tem moral: ela tanto serve a homens livres como a ditadores".

(SIQUEIRA, Ethevaldo. Estado de São Paulo, domingo 27/07/75)

LEIA O TEXTO

2) O texto tem 4 parágrafos. No 1º parágrafo o autor nos fala da abertura de perspectivas que a tecnologia moderna oferece à comunicação e, em seguida, fornece numerosos exemplos de novas máquinas e novos processos que deverão, num futuro próximo, ser utilizados na comunicação de massa.

Releia o 1º parágrafo.

3) O 2º e 3º parágrafos constituem uma unidade. Neles, o autor mostra a dificuldade que tem o homem diante da nova tecnologia: demora, quando nada, algum tempo para compreendê-la e nem sempre consegue utilizar o potencial da máquina em benefício da humanidade. Exemplifica narrando dois fatos: um sobre o radar, outro sobre a televisão.

Releia o 2º e 3º parágrafos do texto e compare-os com o 1º parágrafo, para perceber a diferença e a ligação entre eles.

4) No último parágrafo (4º), o autor levanta uma questão: o perigo do uso inadequado da potencialidade da eletrônica na comunicação.

Releia o 4º parágrafo e associe-o aos anteriores.

5) Até agora você fez a leitura do texto: uma leitura reflexiva, pelas indicações que propusemos. A partir de agora vamos tentar uma divisão do texto. O texto poderá ser dividido em 3 partes:

- 1a. parte : 1º parágrafo
- 2a. parte : 2º e 3º parágrafos (constituem uma unidade)
- 3a. parte : 4º parágrafo.

6) O importante é que, em qualquer divisão de texto, cada parte seja uma unidade diferente das outras, e que entre todas as partes possamos perceber uma ordenação lógica. E para que a divisão seja aceitável, devemos dar a cada parte um título (ou caracterizá-la com uma frase sintética) de modo que a relação entre as partes se evidencie.

7) No caso do texto proposto, poderíamos sugerir:

- 1a. parte - 1º parágrafo - A explosão tecnológica: novas máquinas de comunicação.
(Releia o item nº 2)
- 2a. parte - 2º e 3º parágrafos - As máquinas e o homem; dificuldade de compreensão e controle.
(Releia o item nº 3)
- 3a. parte - 4º parágrafo - As máquinas de comunicação no futuro: instrumentos de liberdade ou de opressão.
(Releia o item nº 4)

8) Observe agora os títulos das três partes e compare-os entre si. Perceba que há entre eles uma ordenação lógica. Em primeiro lugar, aparecem as máquinas

(1a. parte); em segundo lugar, o homem e as máquinas (2a . parte) e, final - mente, as perspectivas de utilização dessas máquinas no futuro (3a.parte). Re leia o item 6 deste trabalho. Verifique se a divisão que sugerimos obedece às indicações propostas.

9) Feita a divisão do texto e a titulação das partes, podemos tentar agora re sumir o texto. O resumo pretende uma condensação de elementos, de modo a apre sentar apenas os dados fundamentais

10) Observe a primeira parte do texto:

A tecnologia está criando novas formas de comunicação de massa e alterando os meios tradicionais. A cada dia novos equipamentos e novas técnicas proporcionam os instrumentos que poderão abrir " a mais ampla perspectiva de difusão de idéias e imagens que a civilização jamais conheceu - como diz um especialista norte-americano, Ben Bagdikian. Computadores interligados e intensas exposições ao bombardeio da informação irão atuar sobre os cidadãos dos anos 80 de forma mais violenta do que hoje. "Telenewspaper", bancos de da dos, videofones, terminais de consultas para informações científicas e para fins comerciais, transmissão de programas por meio de raios laser e por saté lites, televisão por cabo e dictaphones por computador - são algumas das ar mas dessa nova revolução que a tecnologia está produzindo.

a) os dados fundamentais estão grifados.

b) O restante ou é mera extensão das mesmas idéias, ou é exemplificação;

c) o resumo consiste, então, em dar uma formulação nova às passa gens consideradas fundamentais

Propomos o seguinte como resumo da primeira parte:

A tecnologia está criando novas formas de comunicação de massa, alterando os meios tradicionais e abrindo perspectivas de difusão de idéias e imagens jamais sonhadas pela civilização.

11) Observe agora a segunda parte do texto:

Mas, diante de máquinas novas, o homem poderá reagir como o sa gento que observara " algo totalmente fora do comum" na tela do novíssimo ' radar que funcionava em Pearl Harbour, às 7 horas e 2 minutos da manhã de 7 de dezembro de 1941. "Não deve ser nada de importante", disse o soldado responsável, Joseph L. Lockhard. Uma hora depois, a esquadra americana do Pa cífico tinha sido destruída.

Mesmo com indicações claras sobre o significado da nova tecnolo gia, o homem demora alguma tempo para levá-la a sério. Ou nunca consegue compreendê-la. A televisão era considerada um brinquedo grosseiro em 1927 , quando um jovem transmitiu a primeira imagem sem utilizar fios. Denunciado por vizinhos ignorantes, esse jovem teve que suportar o vexame de uma bati da policial em seu apartamento em São Francisco. Os policiais nunca acredi taram na explicação.

a) os fatos narrados a respeito do radar e da televisão, como já dissemos, servem de exemplificação das idéias fundamentais

b) releia as considerações do item 3;

c) como acima, o resumo poderá ser :

Mas o homem demora algum tempo para atingir o significado e o controle da nova tecnologia, ou nunca chega a compreendê-la.

12) Da mesma forma, assim ficaria a última parte:

Hoje, o mundo está diante de um brinquedo mais perigoso. E talvez não saiba avaliar seu verdadeiro significado e suas perspectivas. Ninguém sabe ao certo para onde nos conduzirá o futuro. "A eletrônica - adverte Ben Bagdikian - não tem moral: ela tanto serve a homens livres como a ditadores."

Resumo :

Em face disso, as perspectivas do futuro são incertas, visto que, como salientou Ben Bagdikian, "a eletrônica não tem moral: ela tanto serve a homens livres como a ditadores."

13) Leia agora o resumo inteiro e verifique como ele é apenas uma extensão dos títulos das três partes:

A tecnologia está criando formas de comunicação de massa, alterando os meios tradicionais e abrindo perspectivas de difusão de idéias e imagens jamais sonhadas pela civilização.

Mas o homem demora algum tempo para atingir o significado e o controle da nova tecnologia ou nunca chega a compreendê-la.

Em face disso, as perspectivas do futuro são incertas, visto que, como salientou Ben Bagdikian, "a eletrônica não tem moral: ela tanto serve a homens livres como a ditadores."

A.2 - Orientação especial para a elaboração de resumo de capítulos ou textos longos

19) Antes de começar, deve-se ler o capítulo ou texto por inteiro.

29) Em seguida, é aconselhável verificar no dicionário os significados das palavras desconhecidas, anotando-os.

39) O importante é que não se inicie o resumo enquanto não se estiver certo de se compreender bem o assunto do texto original.

49) Para se perceber a estruturação que o autor quis dar a seu texto, devem-se reler os títulos e subtítulos e procurar entender por que foram colocados.

59) O resumo deve ter um título, que pode ou não coincidir com o do original.

69) Um bom resumo é auto-suficiente, independente, isto é, tem que poder ser lido e entendido mesmo por quem desconheça o texto primitivo.

79) Deve-se procurar redigir o resumo com as próprias palavras, de modo a compor um texto uno, coeso e coerente, e não um amontoado de recortes do original, sem ligação entre si.

89) É importante deixar clara para o leitor a relação lógica existente entre os diferentes parágrafos do resumo.

99) Mesmo que o original se apresente em 1a. pessoa, o resumo deverá sempre ser redigido em 3a. pessoa.

109) No fim do resumo deverá aparecer a indicação bibliográfica completa: autor, título do capítulo, título da obra, edição, local da publicação, editora, data, páginas em que se encontra o capítulo.

119) A técnica para fazer resumo de texto longo é a mesma que usamos para resumir um texto curto. Depois da leitura global, retoma-se parágrafo por parágrafo, procurando extrair a idéia principal de cada um. Acrescentam-se à idéia central apenas os complementos essenciais.



Cenas de guerra,

rascunhos de um plano de paz

POR FERNANDO GABEIRA

A maioria dos políticos talvez prefira esperar que os tiros travelem em suas janelas, que os corpos comecem a cheirar insuportavelmente ou mesmo, os mais lentos, que a censura libere, daqui a dez anos, o filme colorido remaneando os acontecimentos. A verdade, no entanto, é que existe uma guerra dentro do Brasil, tendo como teatro de operações as grandes cidades e matando mais de mil pessoas por ano - número superior às perdas anuais reconhecidas pelo Irã e Iraque, mergulhados num conflito armado interminável e, como nós, desenvolvendo pouquíssimas conversações de paz.

O que ainda há de sensível nos círculos diplomáticos de Genebra eletrizou-se há duas semanas com um relatório da Comissão de Direitos Humanos da ONU, revelando que cerca de 2 milhões de pessoas foram executadas sumariamente nos últimos quinze anos. Apresentado pelo jurista do Quênia, Amos Wako, o texto, é claro, menciona o Brasil, mas refere-se apenas ao período da repressão política da década dos 60. Isto porque a Comissão de Direitos Humanos da ONU ainda não se deu conta da importância das execuções realizadas nas ruas das grandes cidades do Brasil. Mesmo sem uma conotação claramente política, elas levaram 390 vidas em São Paulo e 150 oficialmente admitidas no Rio, isto só em 1982.

Mas a notícia está no ar. Em janeiro último, a revista *Time*, num artigo dedicado à pena de morte nos Estados Unidos, afirma que os Esquadrões da Morte aniquilaram cerca de 1.800 pessoas (número subdimensionado) no Brasil, na última década. Um pouco frios em relação à barbaridade de terem a pena de morte em sua legislação, os autores do artigo parecem confirmar-se com o caso brasileiro, onde esta pena não existe legalmente, mas onde, na realidade, morre muito mais gente.

Custei a compreender que havia uma guerra. Desde minha volta ao Brasil, tenho defendido o movimento pacifista na Europa e Estados Unidos, pois o considero uma das coisas mais importantes da década dos 60. Foi feita muita discussão, no princípio, para nos convencer de que mováramos também no centro do drama, ameaçados tanto quanto os outros pelo fantasma nuclear. Isto não só porque uma guerra atômica hoje não pouparia ninguém, mas sobretudo pelo fato de que o país caminhava célere para se tornar uma força nuclear e desenvolveu, com toda a discrição de hábito, uma indústria bélica que emprega hoje mais de 100 mil pessoas e o coloca entre os sete maiores produtores de armas do mundo.

Era no mínimo embaraçoso, entretanto, desenvolver uma luta contra os foguetes Pershing II no Brasil, ignorando o tirotoio que se faz ao nosso redor, o baque dos corpos, a *blitz* quase cotidiana que fecha ruas, solta os cachorros e esquadrinha os céus de helicóptero para melhor espionar. Sem perder de vista os deveres internacionais, era preciso admitir que a luta pela paz no Brasil passaria necessariamente por um exame de nossa guerra, por uma corrida às vezes até estabandada para socorrer as vítimas, pela formulação de um plano que possusse o máximo de viabilidade.

Diante de nós há uma compacta muralha à qual podemos chamar realidade. Num recente programa de televisão, uma dona-de-casa indignada com a onda de assaltos violentos contestava a posição humanista do advogado Hélio Bicudo, afirmando: "O país está insuportável. Não podemos mais sair às ruas com nossos corações de ouro no pescoço".

Bicudo foi forçado a sugerir que havia pessoas que sequer conseguiam sair de casa com seu pescoço, tal a miséria material em que estavam mergulhadas. Mas a opinião da dona-de-casa expressava a maioria do auditório, e ele não era uma amostra excepcional. Recente pesquisa da *Folha de S. Paulo* indicava que 83% das pessoas ouvidas eram favoráveis à manutenção da ROTA, organismo policial estigmatizado como o principal responsável pelas execuções sumárias na cidade. No Rio de Janeiro, os líderes da greve de fome no presídio de Bangu confessavam, um pouco desalentados, a um grupo de parlamentares que investiga o sistema penitenciário: "Nossos parentes mais distantes pensam, como a maioria do povo, que vagabundo tem mesmo é de morrer, sem nenhum direito de defesa".

A tendência repressiva é reforçada pelos programas populares de rádio e TV. Um deles apresenta um complicado ritual para estimular a polícia a liquidar fisicamente uma pessoa procurada. O locutor lê o nome usado e recomenda: tomem conta dele, amigos da viúva-negra. Nesse instante, faz-se um silêncio e, em seguida, ouvem-se rajadas de metralhadora. O locutor diz enfaticamente: "Quem beijou beijou, quem não beijou o coração fechou. Vamos aos nossos comerciantes..."

Uma outra pedra na muralha é o sistema policial. Outro dia fui almoçar com um velho social-democrata sueco que veio conhecer o Brasil da abertura. Ele falava sobre a necessidade das novas leis em seu país, sobretudo a que obrigava a polícia a informar ao cidadão tudo o que ela sabia sobre ele e estava escrito em suas fichas. Molhado de suor pelo calor canoça, com a voz abafada pelas buzinas e ruídos de motores que penetravam no restaurante, o sueco dizia: "Na verdade, estamos caminhando para uma situação onde vai aumentar cada vez mais o controle da polícia pela sociedade".

Nosso almoço foi um sábado à tarde. Dentro de alguns minutos, iamos, eu e o deputado Carlos Fayal, do PDT, que também participava da conversa, fazer uma visita à Penitenciária Emeraladino Bandeira, onde um grupo de vinte guardas havia entrado numa cela minúscula de castigo e matado a golpes de barra de ferro um dos detentos, desfigurando-o de tal maneira que nem sua mãe e irmã conseguiram reconhecer o corpo. No caminho da cidade, comentou: "O sueco tem razão, nisso de controle da polícia pela sociedade. O problema é quem vai dizer isso para a polícia brasileira".

A situação aqui é um pouco mais difícil. O governo federal é parcialmente responsável por isso, uma vez que os métodos repressivos indiscriminados foram muito estimulados ao longo desses dez anos. Da mesma maneira, transplantou-se com uma facilidade enorme a técnica de guerra contra-revolucionária na relação da polícia com o povo pobre. Quem viu o filme *A Batalha de Argel*, ou mesmo qualquer coisa sobre a II Guerra Mundial, lembra-se de cenas de quarteirões fechados para um rígido controle de carros e documentos. Os favelados, como qualquer habitante de um país ocupado pelo III

Reich, são passíveis de ser acordados de madrugada ao som do megafone, advertindo para que se rendam ou, em casos mais dramáticos, os cachorros policiais farejando nervosamente seus barracos enquanto as metralhadoras guardam a porta da saída.

Não foi acidental a escolha de um veterano na repressão à guerrilha urbana para o cargo de secretário da Segurança do Rio. Há cerca de quatro meses, o general Waldir Muniz dizia-se maravilhado com uma nova conquista da polícia carioca: a bazuca. Segundo ele, aumentavam as chances de desalojar os marginais, com um risco menor para os policiais que os cercavam. Sucede que a maioria dos barracos nas favelas cariocas são ultraconcentrados, as paredes divisorias tênues, a densidade populacional muito grande. Um tiro de bazuca certamente vai desalojar alguém que se entrenchinhou, mas em compensação vai matar um conjunto de famílias vizinhas.

O exame da situação da polícia brasileira não depende apenas de alinhar uma série de casos onde houve violência física. Mesmo a observação microscópica de certas sutilezas já nos revela algo estranho, que se foi acumulando ao longo desses deztoito anos. Os dois flagrantes mais ruidosos de porte de drogas no Brasil, o do cantor português Sérgio Godinho e o do jogador de futebol Casagrande, mantêm um interessante ponto em comum. Godinho foi acusado de transportar alguns gramas de maconha e Casagrande um pequeno frasco contendo cocaína. Nos dois processos não há nenhuma testemunha da apreensão da droga além dos próprios policiais. O interessante é que todos os policiais conhecem os requisitos jurídicos de um flagrante, de forma que não pode ser atribuída a eles ignorância do que fizeram. É que as testemunhas perderam a importância numa arbitrária concepção policial.

Por outro lado, a célebre testemunha de um seqüestro no Rio, a vendedora de milho Miriam Irineu Mesquita, teve o azar de ver que os culpados eram da polícia e até hoje perambula de quartel em quartel meneguendo proteção, pois sua vida corre risco permanente e um grupo do SOS Mulher, com o apoio da Igreja, vai tentar emparrá-la, sabendo desde já que sua vida nunca mais será a mesma, pelo simples fato de que viu e ousou denunciar um erro de um policial.

A terceira pedra da muralha é o sistema penitenciário. Outro dia, o governador Leonel Brizola dizia-se contente porque o Ministério da Justiça havia destinado 1 bilhão de cruzeiros para os presídios do Rio. Pensei comigo: pobre Brizola, será que acredita mesmo que um pouco mais de dinheiro vai resolver esse problema? Se bem que é inegável a péssima condição material dos presídios. Pelo menos uns dez relatórios circulam por aí, condenando as condições em que os presos são mantidos, denunciando ratos e baratas, casos dramáticos como a contaminação da água de beber pela água do esgoto no presídio carioca Milton Dias Moreira.

Os presídios mudaram muito desde os anos 70, quando os conhecimentos mais de perto. Estão piores e mais explosivos, mas a verdade é que só agora, vendo-os de fora, posso compreender um pouco melhor a filosofia que governa sua construção e sua vida. E esta filosofia é que tem de ser radicalmente alterada, senão o dinheiro vai ser enfiado na garganta de um monstro.

Cenas simples de um sábado à tarde em Bangu. Visitas para os presos. A PM amou uma barreira a uns 50 metros do portão de entrada e mandou que os visitantes ficassem em fila indiana, com suas sacolas de supermercado à mão, aqui e ali aparecendo uma garrafa térmica, algumas laranjas, docinho feito em casa. Era preciso que os visitantes, praticamente no meio do mato, sedados por uma colina verde, fizessem fila indiana e exibissem sua carteira especial, expedida pela Desipe, para que ultrapassassem a barreira. Só então iam de frente para com uma outra barreira, o portão de ferro do presídio, onde de novo eram colocados em fila indiana.

O guarda anuncia que tinham de manter suas carteiras bem à vista e os deixa entrar lentamente. Lá dentro, duas novas barreiras, uma mesa curta, outra comprida. Na primeira, suas carteiras são confrontadas com um pequeno arquivo do presídio; na segunda mesa, todas as coisas que estão dentro das sacolas são empurradas para uma revista total. Tudo isso se passa com poucas palavras e muitos olhares hostis, como se as pessoas que viajaram horas e horas com as sacolas na mão estivessem cometendo o crime de gostar de alguém que precisa de seu apoio.

Em alguns casos, segundo o documento dos presos da Ilha Grande, as visitas são afastadas a ponta de baioneta ou amacadas pelos cachorros, pois, pelo regulamento, dois cães policiais amestrados devem ser colocados bem na porta do presídio para que vejam, conheçam os visitantes e transmitam a eles o peso de sua presença. O resultado dessa tática minuciosamente elaborada tem sido o maior êxito, se é que a palavra pode ser utilizada numa situação dessas: as visitas progressivamente deixam de visitar seus presos e eles caem no isolamento. Ninguém do governo vai admitir que isto é uma tática de isolamento, pois eles conhecem a operação toda sob o nome de "medidas de segurança para evitar fugas durante as visitas".

Um outro elemento constante no sistema penitenciário brasileiro, a julgar pelo caso Minas-Rio-São Paulo, é a desmoralização do preso. Isso foi transplantado de uma retrograda visão militar que considera fundamental humilhar o adversário para que se transforme num instrumento dócil durante seu período de cativeiro. As vezes isto é admitido abertamente, como no caso do funcionário da Desipe, explicando em *off* a um repórter carioca por que era contra a entrada de uma comissão de direitos humanos em Bangu: "Essas comissões só servem para levantar o moral dos presos".

— No manicômio do Franco da Rocha comprou-se uma oficina nova e ela nunca funcionou. No presídio de Bangu o prédio branco da padaria está sendo coberto pelo mato, pois foi fechado, contra a vontade dos presos, que gostam muito de fazer o próprio pão. O presídio preferiu gastar 85 mil cruzeiros diários para comprá-lo fora dos muros. Na Ilha Grande, os presos que trabalham como pescadores quase não recebem e, ao longo dessas visitas, encontramos vários que trabalharam mais de três anos sem receber um único tostão. Todo o peso da máquina é voltado para impedir que desenvolvam suas capacidades criativas. Em Bangu chega a ser cômico. Os presos montaram com as próprias mãos uma oficina e, quando começaram a faz-la funcionar com regularidade, foram proibidos. E os guardas armados divertem-se em chamá-los de vagabundos, sem perceber que esta condição lhes está sendo imposta sistematicamente.

Para que se tenha idéia da filosofia oficial no caso, basta mencionar um recente projeto do senhor Jason Albergaria, membro do Conselho Penitenciário. Ele propunha, entre outras coisas, que o desrespeito ao direito dos presos fosse considerado no Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, montado pelo próprio governo. O projeto foi vetado. Inconscientemente, voltávamos ao século XVI, onde se discutia se os índios, por não acreditarem no credo católico, eram ou não seres humanos — luta afinal vencida, no plano teórico, pelos setores progressistas, que afirmavam a unidade fundamental do ser humano.

Mesmo que o governo continue suprimindo os presos de seu conceito de ser humano — na prática é isto que se pode inferir da rejeição do projeto do senhor Albergaria —, é fundamental que os direitos elementares pelo muro dos presídios, através de uma ação combinada da sociedade. O historiador Charles Boxer menciona a irmandade da Santa Casa de Misericórdia como uma das instituições medievais portuguesas que não só resistiram aos tempos mas acabou m-se transferindo para todo o império, de Macau a Salvador. No regulamento interno da irmandade, um dos artigos mais importantes recomendava aos homens de bem (os que não tinham sangue negro,

mouro ou judeu) que víssemos sistematicamente os presídios. Boxer admite que, de todos, este artigo era o menos respeitado. Como a repressão tem uma tradição violenta no Brasil (paulistas caçando índios, capangas domando trazendo orelha de negros fugidos, fedóres espancando escravos), as classes dominantes decidiram privar-se do espetáculo de ver o seu funcionamento.

O respeito dos direitos humanos não bastará para que o problema seja bem equacionado. Os presos que passarão dezenas de anos dentro dos muros têm de alcançar a possibilidade de dirigir o presídio em combinação com os representantes do governo. Dentro das cadeias brasileiras há uma enorme dose de talento e capacidade concentrada. O grupo de vinte presos que liderou a greve de fome no presídio de Bangu realizou uma série de operações complicadas, possui um controle democrático de toda a população carcerária e idéias que podem humanizar o sistema. Por que deixá-los de fora num projeto de superação de nossa maneira de punir as pessoas acusadas de crimes, preparando o caminho gradual e inevitável da extinção das prisões no Brasil?

No Rio de Janeiro, um garoto discute com outro dentro do ônibus e os passageiros recomendam que desçam para brigar do lado de fora. Eles descem e um dá um tiro nas costas do outro, matando-o quase instantaneamente. Horas depois da prisão, revela-se que o garoto fugira duas vezes de uma unidade da Funabem, na ilha do Governador. A quarta pedra da muralha: o tratamento violento que a sociedade reserva aos adolescentes e crianças abandonadas no Brasil.

Antes de visitar a FEBEM de Sorocaba (SP), já tinha uma vaga idéia do problema, através da trajetória da jovem Herzen, que escreveu o livro *Queda para o Alto*, lançado pela Vozes, e suicidou-se logo em seguida. Impressionou-me uma de suas entrevistas à Rede Bandeirantes, onde dissecou com tranquilidade o método disciplinar do lugar onde estivera internada. Ela revelou, entre outras coisas, que os inspetores de disciplina aceitavam o homossexualismo entre as internas, mas para impor uma organização familiar. Era preciso haver um pai, mãe e filhas, sendo que o "pai" teria de responder pelo bom comportamento do núcleo diante das autoridades.

A unidade que visitei serviu para me convencer de que os recursos sociais investidos no combate à violência entre os jovens estão sendo, na realidade, usados para estimular a violência, porque os métodos educacionais que adotaram são no mínimo de cem anos atrás. Desde a estrutura espacial de presídio, com celas fortes e trancas, aos cassetes disciplinares, às doses exageradas de calmantes, aos castigos ineficazes (cinco dias de reclusão por ter quebrado uma régua na sala de aula), tudo, na realidade, é uma reeducação falida, porque resulta exatamente no oposto daquilo que se propõe.

Antes da Revolução de 30 havia um presidente chamado Washington Luis, que ficou célebre por ter dito, do fundo de sua posição conservadora, que a questão social no Brasil era uma questão de polícia. Chegou o momento de inverter os termos de sua frase e admitir que a questão de polícia no Brasil é uma questão social e assim precisa ser tratada. Os membros da campanha *Fraternidade Sim, Violência Não*, lançada pela Igreja Católica, encontraram em Pernambuco, inspirado por dom Hélder Câmara, um novo e importante conceito: o da violência econômica. Segundo eles, o direito a um trabalho de onde se possa retirar os frutos da sobrevivência própria e da família é um direito fundamental que está sendo subtraído a um contingente superior a 10% da força de trabalho ativa.

Interpretando a Campanha da Fraternidade dessa maneira, os católicos de Pernambuco lançaram o que, no meu entender, é um ponto capital em qualquer plano de paz para as grandes cidades brasileiras: a ampliação do mercado de trabalho. Como isso é algo que depende de forças políticas e econômicas um pouco mais lentas, é preciso também que a idéia se expresse, no momento, em algo mais simples, mas que pode tornar-se viável — um seguro-desemprego no Brasil, destinado a manter com vida e dignidade os desempregados e suas famílias.

Estou certo de que a violência só desaparece quando cessarem as causas sociais que lhe dão origem. Sinto que não é possível esperar mais tempo, entretanto, e resumo os pontos que, junto com a luta pelo pleno emprego, me parecem indispensáveis de serem considerados no momento:

■ Formação de núcleos de estudo, debate e divulgação, destinados a funcionar em todos os níveis, inclusive influenciando a imprensa, com o objetivo de reverter a tendência da opinião pública em apoiar, abertamente, ou mesmo aceitar, pelo silêncio, a violência policial.

■ Reforma no sistema policial dos três Estados mais importantes, com o objetivo de democratizar as relações polícia-povo, reduzindo a violência, fechando os centros de tortura já identificados e restabelecendo, para os negros e os pobres sobretudo, um princípio fundamental que o jogador de futebol Sócrates formulou melhor que qualquer político: "A polícia tem de provar que as pessoas são culpadas, ao invés de as obrigar a provar que são inocentes".

■ Reforma no sistema penitenciário, dividida em duas etapas. A primeira, de emergência, estancando a corrupção visível e liberando cerca de 10% da massa carcerária (promessa dos novos governos), que já está com a pena legalmente cumprida mas ainda não foi com a pena legalmente cumprida na Justiça. A liberada, por excesso de burocracia na Justiça. A segunda etapa implicaria um mecanismo que garantisse respeito aos direitos humanos, o estímulo do desenvolvimento da capacidade de trabalho e criação dos presos e os primeiros passos rumo à co-gestão dos presídios.

■ Eliminação de todos os resquícios policiais e repressivos no tratamento aos menores abandonados e aos delinqüentes, solicitando a colaboração de vários setores universitários interessados no problema e montando, em conjunto com as entidades de direitos humanos, um mecanismo de acolhida na sociedade, uma vez concluído o período de recuperação.

■ Pressão junto aos escalões médios do Rio, São Paulo e Minas para que se crie um organismo de debate do problema, abrindo uma perspectiva futura para um encontro Monteiro, Tancredo e Brizola, quando estiverem recolhidos os elementos que permitam a formulação de um trabalho comum, reduzindo os índices de violência no Rio, São Paulo e Belo Horizonte, a partir de recursos técnicos novos, mas sobretudo, num período de crise social acentuada, a partir de um novo e generoso enfoque do problema.

Esse esboço de paz é a proposta de uma consciência isolada, tentativa de colocar em cima da mesa uma esperança que, no fundo, é de muitas pessoas. A experiência no contato com os detentos e os marginais mostra que, mais do que ninguém, eles são extremamente receptivos aos gestos de boa vontade. Se persistir a tendência militar repressiva nas cidades brasileiras, pode-se passar da fase de uma guerra não-declarada para um aberto campo de batalha. Ou como se diz na linguagem da cadeia: "Vai tapar de fumaça".

4.3 - Recensão

A. Instrução Teórica

Resenha crítica

A resenha ou recensão crítica é a apreensão do conteúdo de uma obra acompanhada de uma avaliação crítica.

Na elaboração de uma resenha crítica, certas exigências devem ser observadas, como:

- a) conhecimento completo da obra: realizar um estudo detalhado de toda a obra;
- b) competência na matéria exposta no livro: limitar-se a uma apresentação geral da obra, se não houver competência a respeito da matéria ou do método empregado;
- c) capacidade de juízo crítico: distinguir o essencial do secundário;
- d) independência de juízo para ler, expor e julgar: restringir-se à avaliação da coerência do autor na exposição das idéias; a crítica ao texto não deve desrespeitar a pessoa do autor e suas intenções;
- e) fidelidade ao pensamento do autor: perceber com exatidão as idéias do autor para, em seguida, examiná-las.

A estrutura de uma resenha pode observar os seguintes itens:

- a) descrição bibliográfica: indicar os elementos bibliográficos que identificam o texto;
- b) conhecimento: apresentar detalhadamente ou resumidamente o conteúdo da obra, seguindo ou não a ordem das partes ou capítulos;
- c) compreensão ou entendimento: expor o conteúdo, demonstrando o seu significado;
- d) aplicação ou situação do assunto: relacionar autor e obra às correntes de pensamento de áreas afins; às circunstâncias históricas, sociais, culturais e econômicas em que o autor viveu, em que a obra foi escrita ou a que o autor e a obra se referem;
- e) análise: recuperar as partes do texto, para apreensão dos temas essenciais;
- f) síntese: apresentar o sentido da obra e determinar a tese defendida pelo autor;
- g) apreciação: julgar a obra quanto ao conteúdo, à disposição das partes, ao método seguido, à forma ou estilo e à apresentação tipográfica.

Uma resenha deve vir acompanhada de um aparato técnico que caracteriza um trabalho ou uma publicação científica.

B - Aplicação (texto)

UM PAIS DE POUCOS LEITORES

UM dos traços marcantes da evolução cultural brasileira é sem dúvida a resistência à leitura. Somos um país onde pouco se lê.

De um lado, o problema reflete a marginalização social a que tem sido condenada a maior parte da nossa população, vivendo em condições tão precárias que o consumo de produtos culturais, como os impressos, constitui um luxo desmedido, principalmente para quem precisa lutar todo dia pela comida, pela roupa, pela habitação.

De outro lado, o fenômeno reproduz situações criadas pela marginalização escolar que atinge grandes contingentes das classes trabalhadoras, gerando um analfabetismo crônico, que inclui os que não aprenderam a ler e os que foram induzidos a não gostar de ler. Antônio Cândido explica a questão, apontando para a natureza oral da cultura brasileira, estigmatizada pela retórica, pelos discursos, pelo palavreado. E mostra também a distorção que se criou em torno da leitura, aceita bem menos como algo útil, que dá prazer, e bem mais como atividade aborrecida, trabalhosa, torturante.

Essa tendência vem se fortalecendo. Nem mesmo o processo de modernização decorrente do alargamento das fronteiras do capitalismo em nosso país foi capaz de modificá-la.

O caso do público leitor de jornais é bastante significativo. Nos últimos anos o ritmo do desenvolvimento nacional tem sido marcado pelo incremento populacional, pela ampliação das oportunidades escolares e pela melhoria da capacidade aquisitiva daqueles setores da classe média beneficiados pelo "milagre econômico". Esses seriam fatores capazes de afetar diretamente o mercado jornalístico, determinando, quando nada, um ligeiro aumento do contingente de leitores. Isso todavia não ocorreu.

As estatísticas da UNESCO indicam que entre 1960 e 1970 a imprensa brasileira teve uma queda de cerca de 500 mil exemplares na categoria dos jornais diários. No caso específico de São Paulo, as pesquisas efetuadas pela MARPLAN constatarem uma tremenda redução na leitura dos jornais; em 1960, 54% dos paulistanos liam pelo menos um jornal uma vez por semana; em 1975, estavam reduzidos a 33% os que buscam informações na imprensa. Para todo o país, Mauro Salles calcula que "mais

de 60 milhões de brasileiros estão à margem de qualquer jornal, revista ou publicação regular".

É certo que fatores da natureza política determinaram em grande parte tal situação. A censura governamental imposta ao MCM no período pós-64 acarretou mudanças no comportamento noticioso dos jornais, reduzindo a motivação pela leitura. A própria desmobilização política imposta pelo regime autoritário produziu um alheamento de boa parte da população em relação à vida nacional.

Nessa linha de raciocínio, o impetuoso crescimento da televisão pode ser indicado também como variável neutralizadora do interesse social pela comunicação impressa.

De qualquer maneira, tais elementos não são suficientes para explicar a questão. Entendemos que sua origem está naquela inapetência para o exercício da cidadania que vem caracterizando o povo brasileiro, desde os tempos coloniais. Quem sugere pistas concretas para compreender esse fenômeno é Paulo Freire. Ele demonstra que o nosso povo tem sido compulsoriamente marginalizado da vida política do país, participando dos grandes acontecimentos nacionais na condição de mero espectador. Munejada e amordaçada pela classe dominante, nossa população não tem sido educada para o exercício democrático, que implica em atuar como agente da própria história.

Para tal, seria imprescindível o acesso à informação pública e a discussão das idéias emergentes, como alavancas dinamizadoras da ação social. Isso, porém, tem constituído um privilégio da elite. Como diz Antonio Callado: "Quem lê o jornal e se preocupa em comprá-lo todos os dias é uma elite, num país onde a grande maioria é analfabeta e uma segunda maioria é considerada alfabetizada apenas porque assina o nome e pode ler um cartaz ou um título grande".

Verifica-se, portanto, que o modelo político brasileiro tem gerado um desestímulo à participação popular nos destinos nacionais, fato que se relaciona diretamente com o hábito da leitura de jornais. Quem lê jornal o faz basicamente por razões instrumentais e só residualmente por dilematismo. Se a vida política nacional não comporta a presença ativa dos seus cidadãos, quando nada para escolher os mandatários do poder executivo, então o acesso à informação pública torna-se desinteressante, desnecessário até. Daí a retroção do público letrado

dos veículos do jornalismo impresso.

Mas o problema não termina aí. Ele se converte em círculo vicioso, na medida em que a escola reproduz integralmente a macro-estrutura social. Essa reprodução ocorre não apenas através do conteúdo disseminado pelo discurso pedagógico (que introjeta a ideologia dos donos do poder, induzindo à apatia política e reforçando o conformismo social), mas também ao faz pela própria organização da escola (que impõe relações hierárquicas, de dominação e subordinação).

A escola não prepara as novas gerações para o exercício da cidadania e concomitantemente desestimula a leitura como prática social criativa.

Não obstante seja este o quadro pessimista da nossa realidade, absolutamente não pretendemos permanecer naquela postura de "dialogar sobre a impossibilidade do diálogo", uma saída que Paulo Freire aponta para superar o impasse da educação bancária. Gostaríamos de encaminhar esta reflexão para a recuperação inovadora de duas práticas já pertencentes ao universo educacional brasileiro e que podem conduzir a um rompimento do imobilismo a que se condenam muitos educadores progressistas, conscientes da necessidade de mudanças na estrutura educativa, mas incapazes de agir concretamente sendo inserindo "conteúdos novos" no discurso pedagógico. Trata-se da utilização dos jornais diários (e também das revistas semanais) dentro da sala de aula, como suportes motivadoras das disciplinas convencionais. Igualmente discutiremos as possibilidades de percepção crítica do meio ambiente e de capacitação para a mobilização cívica através do jornal escolar.

Não se pode dizer que o jornal está ausente da escola brasileira. Nas áreas urbanas mais desenvolvidas, verifica-se uma certa tendência para usá-lo como recurso pedagógico complementar. Isso ocorre na pré-escola, com a manipulação dos títulos e manchetes nas tarefas de descoberta do universo alfabético e de sedimentação das combinações silábicas. Aparece também, e talvez com maior intensidade, nas escolas de 1º grau, através da pesquisa temática para as disciplinas do núcleo social.

Com raras exceções, essa incursão pedagógica pelo domínio do discurso jornalístico termina aí. O aluno recorre ao jornal para trazer material indispensável à rotina da sala de aula. E nem sempre tal uso acarreta a percepção do referencial jornalístico como algo incorporado pelo discurso pedagógico. Mas existem neste artifício para "ativar" as "tarefas de casa", ensinando "pontos" na avaliação final.

Ou seja, o jornal não aparece de corpo inteiro, como canal de informação pública ou como registro dinâmico da vida social. Isso equivale a equi-

parar o uso que se faz do jornal àquele que ocorre em relação ao livro: algo estático, mera fonte de informação, sem acarretar desdobramentos culturais.

O uso inadequado do livro na escola, seja do manual único, destinado à memorização, seja das obras de ficção, com a finalidade de conduzir às decifrações esquemáticas de ação, personagens, tempo, espaço etc., tem criado uma ojeriza à leitura. Da mesma maneira, usos semelhantes do jornal provocam mecanismos que distanciam posteriormente os educandos dos canais de comunicação impressa.

No prática, tais situações atuam concretamente para reduzir a leitura na vida adulta, quando não para eliminá-la, já que se associam à chatice das tarefas escolares obrigatórias.

É preciso que os educadores reensem tais experiências, como ponto de partida para uma nova postura que leve à incorporação do jornal ao trabalho pedagógico e provoque consequências válidas, formando novos leitores e não castrando-os.

Nesse sentido, é imprescindível uma ação coordenada entre os professores que farão uso da imprensa, precedendo as tarefas de pesquisa alfabética, vocabular ou temática de uma exploração sobre o significado social do jornal. Em suma, é preciso que o educando tenha consciência de que o seu contato com o jornal representa uma mediação com a própria realidade social. Ele não vai trabalhar apenas com letras, papel, cores, mas com fatos, idéias, relatos.

Isso evitará a fragmentação das tarefas que empregam a riqueza do material jornalístico, conduzindo o aluno para identificar no jornal um interprete da ação social cotidiana, e, portanto, algo útil e indispensável à participação ativa na sociedade. Tal comportamento só será obtido, porém, na medida em que a busca do jornal esteja desvinculada das recompensas proporcionadas pela avaliação e apareça como possibilidade motivadora de vivenciar o conhecimento sistematizado pela escola.

Assumindo uma dimensão funcional, espontânea e em certo sentido lúdica, é possível que a relação aluno-jornal se reproduza naturalmente, adicionando-se aos hábitos da vida adulta.

Todavia, o aprendizado motivador da leitura de jornais não encerra a questão. É preciso oferecer aos novos leitores instrumentos eficazes para torná-los leitores críticos.

Essa tarefa a escola deve realizar na passagem do 1º para o 2º grau. Ela consiste numa reconsideração sobre a natureza política do jornal, de modo a levar o educando a compreender que não existem jornais neutros, nem tampouco informações puras. A verdade dos jornais é sempre uma verdade relativa, porque permeada pela

ideologia ou pelos interesses específicos dos seus proprietários.

Para obter essa compreensão, o educador poderá fazer comparações entre as diferentes versões de um mesmo fato, noticiado por diferentes jornais. Procedimento dessa natureza acarretará um desejo imediato, por parte do educando, de fazer confrontações.

A capacitação crítica dos novos leitores começa pela constatação da possibilidade de uma mesma notícia apresentar diferentes estruturas narrativas, que refletem a ótica de cada empresa ou grupo jornalístico. Esse

trabalho deve ser completado, porém, com a análise das opiniões contidas nas matérias propriamente opinativas (editoriais/artigos/comentários etc). A partir daí, o educador pode criar uma atitude favorável ao exercício da cidadania, levando seus alunos a identificar divergências de opiniões e a discutilas. Nesse processo, serão confrontados os padrões de referência social que os educandos absorveram na família, na escola e através dos próprios meios de comunicação. E naturalmente surgirão novas posições ou se confirmarão as já estabelecidas.

(MELO, José Marques de. Presença do Jornal na Escola: Iniciação ao Exercício da Cidadania. Educação & Comunicação de Massa (Revista de Cultura). Petrópolis, Vozes, 74, LXXIV, 7: 519-522, set./1980)

4.4 - Relatório

Texto modelo

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL
Departamento de Letras Vernáculas

COMO FAZER UM RELATÓRIO DE PESQUISA

Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, junho de 1983

MARIA DA GRAÇA COSTA VAL
Departamento de Letras Vernáculas

COMO FAZER UM RELATÓRIO DE PESQUISA

Apostila preparada para os alunos de
Redação Técnica
Comunicação e Expressão II

- Cursos de Engenharia e Ciência da Computação -
ICEX

Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, junho de 1983

Agradecimentos

à Profª Laura Beatriz Fonseca de Almeida,
pela constante disposição para o
trabalho e a participação;

à Profª Maria Antonieta Antunes Cunha,
sempre amiga, pelas sugestões
e pela revisão desta apostila.

SUMÁRIO

Resumo	100
Introdução	100
I - Metodologia científica e pesquisa	101
II - Características gerais dos trabalhos científicos	103
2.1 - Estrutura	103
2.2 - Linguagem	103
2.3 - Composição física	104
2.4 - Aparato técnico	105
III - Conteúdo e estrutura do relatório de pesquisa	107
3.1 - Conteúdo	107
3.2 - Estrutura	107
Conclusão	109
Apêndice	110
Referências bibliográficas	114

Resumo: Com o presente trabalho pretende-se fornecer aos alunos da Redação Técnica e Comunicação e Expressão II, do ICEX-UPMG, orientação básica sobre como fazer um relatório de pesquisa. Procura-se dar uma visão geral da metodologia científica e das características comuns a todo trabalho científico, para, em seguida, tratar especificamente do relatório, seu conteúdo e estrutura física.

Introdução

Durante toda a vida escolar, do 1º grau à universidade, são exigidos dos alunos "trabalhos" e "pesquisas". No entanto, raras vezes os professores se preocupam em instruir e orientar os estudantes sobre como fazê-los, antes de cobrá-los e avaliá-los.

Nos cursos de Redação Técnica e Comunicação e Expressão procura-se cobrir essa lacuna, levando os alunos a perceberem e aplicarem os requisitos fundamentais para a composição de textos técnicos e científicos em geral. Ao final de ambos os cursos, busca-se a especialização, fornecendo-lhes instrução específica sobre como fazer um relatório de pesquisa, tipo de trabalho que deverão mais comumente apresentar, como universitários. Com esse intuito foi preparado o presente modelo de relatório de pesquisa bibliográfica.

Procurar-se-á, nesta apostila, dar inicialmente uma visão global dos elementos envolvidos na confecção dos trabalhos científicos em geral, desde a investigação científica até a redação, para depois se tratar especificamente do que diz respeito ao relatório de pesquisa.

I - Metodologia científica e pesquisa

Antes de nos preocuparmos com a montagem de um relatório, etapa que se prende à obediência a padrões estruturais já estabelecidos, convém refletir sobre a metodologia científica e a pesquisa, que fundamentam e dão razão de ser ao relatório.

O método científico consiste num conjunto ordenado de procedimentos sistemáticos de que se serve o pesquisador para descobrir relações, verdades e leis referentes ao objeto de sua investigação. Essa investigação não começa descomprometida ou aleatoriamente. Pelo contrário, surge da observação cuidadosa de fatos que necessitam ou merecem uma explicação. Formula-se, então, uma hipótese, que consiste numa explicação provável, sugerida pelos próprios fatos e que deve ser verificável.

A verificação da hipótese se faz através da pesquisa, que poderá comprová-la ou não. Busca-se o conhecimento dos fenômenos e das relações que mantêm entre si (causalidade, determinação, finalidade, etc) e a partir desse conhecimento podem-se postular leis ou princípios. Raciocina-se, aqui, por indução, aplicando a relação necessária descoberta a casos da mesma espécie, mas não observados diretamente. Nas ciências experimentais a verificação da hipótese se faz através de ensaios e experiências, nas ciências humanas, através de demonstrações lógicas e racionais. Nas duas áreas, obtida a explicação coerente dos fatos, reúnem-se os princípios e leis particulares numa visão ampla e unificadora que constitui a teoria ou sistema.

Assim, a metodologia científica consiste em processos e técnicas de observação, formulação de hipótese, demonstração experimental ou racional, indução da lei e postulação da teoria.

Conforme o objeto da investigação, a pesquisa será realizada em documentos escritos (pesquisa bibliográfica); em laboratórios, quando o universo investigado é colocado em ambiente ou situação artificial (pesquisa experimental ou de laboratório); ou na própria realidade, quando o universo pesquisado é observado no seu ambiente ou situação natural (pesquisa de campo). Convém ressaltar que a verdadeira pesquisa bibliográfica não se confunde, de maneira alguma, com a transcrição, mal "alinhavada", de trechos esparsos de uma ou diversas obras. Em vez disso, constitui um trabalho de consulta às fontes primárias originais, e não apenas a enciclopédias, manuais e obras de divulgação científica, para reunir informações sobre o assunto pesquisado, compreendê-las, analisá-las, interpretá-las, compará-las, julgá-las e aplicá-las a novas realidades. Requer, portanto, reflexão, avaliação e conclusão pessoais do pesquisador. Esse tipo de trabalho, chamado "resumo de assunto", é que é exigido com maior frequência do estudante universitário nos cursos de graduação, em que dificilmente o aluno tem condições ou oportunidade de realizar pesquisa científica original.

A investigação científica, em qualquer área, se faz através de etapas que devem ser cumpridas consecutivamente. O primeiro e decisivo pas-

so é a escolha do assunto. Nem sempre o estudante secundário e o universitário vivenciam esse problema, visto que normalmente os professores, ao pedirem um trabalho, já delimitam o seu tema. Trata-se, no entanto, de momento de grande dificuldade, pois é preciso encontrar um assunto que interesse e agrade ao pesquisador, sobre o qual ele tenha algo a dizer, sobre o qual valha a pena dizer alguma coisa e, ainda, a respeito do qual exista documentação suficiente e de fácil acesso.

Escolhido o assunto, pode-se vislumbrar a que ele nos conduzirá. Então, é útil e importante estabelecer um projeto de pesquisa, que determine os passos a serem seguidos e o prazo a ser obedecido, preveja os recursos materiais e humanos a serem utilizados, delimite a bibliografia básica a ser consultada como ponto de partida. Nos cursos de pós-graduação o projeto de pesquisa ultrapassa os limites da simples conveniência para se tornar exigência formal a que devem obedecer os mestrandos e doutorandos.

A formulação de problemas específicos orienta a pesquisa e ajuda o pesquisador a trabalhar com objetividade, sem dispersão e perda de tempo. Na verdade, quando se tem em mente de maneira bem clara a que perguntas nos a pesquisa deve responder, torna-se mais fácil procurar e encontrar as respostas.

Antes de iniciar a pesquisa propriamente dita, é necessário procurar conhecer o que há de mais importante sobre o assunto na literatura especializada. Essa fase de estudos exploratórios é importante para evitar que o pesquisador se lance a "arrombar uma porta aberta", ou seja, se dedique a um tema sobre o qual já se pesquisou e publicou o que ele pretendia "descobrir". Além disso, esse contato prévio com uma bibliografia básica amplia a visão do problema, abre novas perspectivas, suscita outras interpretações.

Aí, então, se pode partir para a coleta, análise e interpretação dos dados, etapas que constituem o cerne da pesquisa. Através da reflexão sobre os dados, busca-se construir a demonstração da hipótese, arrolando-se provas e argumentos que respondam aos problemas formulados.

A última fase se refere à montagem final e redação do relatório, e dela se falará de maneira mais específica na segunda e terceira partes deste trabalho.

II - Características gerais dos trabalhos científicos

2.1 - Estrutura

Os trabalhos científicos em geral se apresentam com uma estrutura básica, coincidente. Trata-se da clássica tripartição em introdução, desenvolvimento e conclusão. Segundo Ângelo Domingos Salvador,

"O sistema de composição de um trabalho pode ser assim exposto: antecipar o que se vai transmitir; transmitir o que se havia proposto, e declarar o que se transmitiu." (1)

Na introdução deve-se: a) enunciar o assunto central do trabalho e o ponto de vista sob o qual será focado; b) situar o assunto na área do conhecimento a que se prende, delimitando-o no tempo e no espaço; c) justificar a escolha do assunto, apontando sua importância e interesse; d) anunciar as partes em que se subdividirá o desenvolvimento.

É no desenvolvimento que se vai expor ou provar ou que se havia proposto, desdobrando-se o assunto em suas partes significativas, apresentadas numa seqüência lógica. A subdivisão do assunto em suas partes constitutivas ajuda a melhor compreendê-lo, dominá-lo e expô-lo. Não podem existir, portanto, regras fixas para a divisão do desenvolvimento em partes, pois cada assunto propõe a sua própria divisão. Encontrar a partição mais adequada, que proporcionará ao trabalho maior clareza e coerência, é tarefa que depende do bom-senso e do conhecimento que se adquiriu do tema tratado.

A conclusão é o momento em que se retomam, para deixar destacados, os pontos mais importantes surgidos no desenvolvimento, fazendo-se uma síntese recapitulativa das conclusões parciais. É quando, além disso, se completa o raciocínio dedutivo, apontando-se as inferências cabíveis a partir das explicações e interpretações a que se chegou no desenvolvimento. Cabem também, na conclusão, sugestões e propostas decorrentes da análise e reflexão sobre o assunto tratado, bem como previsões e recomendações sobre futuros estudos relativos ao tema, sobretudo quando permanecem problemas carentes de solução.

2.2 - Linguagem

Na linguagem científica, deve predominar a função referencial, o que significa que ela deve ser informativa, acima de tudo, buscando trans-

(1) SALVADOR, Ângelo Domingos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica, Porto Alegre, Sulina, 1978. p.175.

mitir conhecimentos de maneira clara, lógica, precisa e organizada. Seu interesse maior é o esclarecimento do assunto de que trata, e não a persuasão do destinatário (função apelativa), ou a expressão de sentimentos pessoais do emissor (função emotiva). Assim, deve ser imparcial e objetiva, só se ocupando de julgamentos e avaliações fundamentadas no conhecimento e análise racional da realidade.

Em lugar da preocupação estética (função poética), a linguagem deve buscar a sobriedade e a clareza, ou seja, deve evitar rebuscamentos inúteis. Além disso, as palavras devem ser empregadas no seu sentido denotativo e têm de ter um significado único, preciso, partilhado pelo redator e os possíveis leitores. Não há lugar, pois, para a conotação, a plurivalência e a ambigüidade, características da linguagem poética. E, na medida em que é necessário esclarecer, delimitar e precisar o significado dos termos técnicos, a linguagem científica recorre, com freqüência, à função metalingüística.

Num trabalho científico não se pretende chamar atenção para a linguagem em si, mas para o que através dela se transmite. Assim, ela deve obedecer às regras normalmente aceitas no que se refere à correção gramatical, isto é, deve apresentar-se de acordo com o dialeto padrão, que corresponde à expectativa do leitor escolarizado e culto.

Além disso, a seriedade dos estudos relatados requer um tratamento lingüístico adequado. Uma linguagem vulgar ou excessivamente coloquial não corresponde a essa seriedade, que se deve imprimir ao trabalho. Daí a necessidade de se adotar um registro formal, uma linguagem cuidada e polida, o que não significa, de maneira alguma, pedantismo ou obscurantismo. Pelo contrário, deve significar simplicidade e leveza de estilo.

2.3 - Composição física

Segundo Ângelo Domingos Salvador (op. cit., p.199-200) são as seguintes as normas estabelecidas pela ABNT-Associação Brasileira de Normas Técnicas- para a composição física de trabalhos científicos.

A capa deve conter, no alto, o nome do autor e, no caso de trabalho escolar, o curso ou o departamento a que se prende; no centro, destacado, o título do trabalho; embaixo, o nome da instituição a que se vincula, o local e a data.

Em seguida deve aparecer a folha de rosto, da qual podem constar dados mais específicos necessários à identificação do trabalho.

O sumário, que consiste numa listagem dos títulos e subtítulos do trabalho, com a indicação das páginas em que se encontram, localiza-se imediatamente antes do texto (inclusive prefácio e introdução), podendo vir depois das folhas de dedicatória, agradecimentos e epígrafe, quando elas existem.

A apresentação do trabalho se faz através das explicações comple

mentares, do prefácio e da introdução. Sem entrar em detalhes que não interessam diretamente aos nossos objetivos, cumpre apenas informar sobre o resumo ou ementa, que faz parte das explicações complementares. Trata-se de elemento comum nas publicações científicas, que pode aparecer antes ou depois do texto propriamente dito e deve conter a indicação clara e rápida do assunto, o objetivo do trabalho, a referência ao instrumental utilizado e ao método adotado, bem como a apresentação sucinta das conclusões.

Após o desenvolvimento e a conclusão, que constituem propriamente o texto, a parte pós-textual pode conter adendos, apêndices, anexos, listas bibliográficas, índices. Neste trabalho serão tratadas em apêndice as normas estabelecidas pela ABNT para a enumeração da bibliografia consultada. Por ora, basta ressaltar que a referência bibliográfica é requisito obrigatório em qualquer trabalho científico. Quanto aos índices, são mais detalhados que o sumário e podem ser de vários tipos, conforme a natureza do trabalho: índice geral, índice de ilustrações, índice de autores, índice de assuntos, de abreviaturas, de símbolos e siglas, etc.

2.4 - Aparato técnico

Há, ainda, normas referentes às citações e notas bibliográficas e explicativas.

Nas citações conceptuais, em que se reproduzem apenas as idéias (e não as palavras) de determinado autor, deve-se indicar o nome desse autor e fazer referência rápida à obra em que se encontram as idéias parafraseadas.

Quando se transcrevem as palavras de um autor, tem-se a citação textual, que deve vir sempre entre aspas. Se for breve, a citação pode vir inserida no corpo do texto; se for longa, é melhor que seja destacada em parágrafo próprio, datilografado em espaço simples (ver exemplos nos itens 2.1 e 2.3 deste capítulo).

Pode acontecer de não se desejar fazer a citação de todo um trecho, mas apenas de partes dele. Nesse caso, indicam-se os cortes por pontinhos dentro de parênteses, quando se tratar de palavras ou expressões. Quando se omitir um parágrafo inteiro, sua ausência será indicada por uma linha inteira de pontinhos.

Feita a citação, é obrigatória a indicação da fonte, que poderá ser feita no próprio texto, entre parênteses, ou em nota de rodapé. Em trabalhos de menor rigor formal, essa referência pode ser breve (apenas o nome do autor, sem inversão, o título da obra e a página em que se acha o trecho citado), ficando a identificação completa da obra para a lista bibliográfica que aparecerá no final do trabalho (ou, opcionalmente, ao fim de cada capítulo). Em publicações mais formais, porém, toda referência deve ser completa e de acordo com as normas.

Além da finalidade acima explicitada, as notas de rodapé servem também para se fazer comentários adicionais que, apesar de úteis, não cabem no corpo do texto, e para remeter o leitor a outras partes do trabalho ou a outras obras que tenham a ver com o que se está tratando. Tanto as notas explicativas quanto as bibliográficas, ao invés de aparecerem no rodapé da página, podem ser reunidas numa seção de Notas e Referências no final de cada capítulo ou no final do trabalho.

Quando única no trabalho ou no capítulo, a nota pode ser assinada apenas com um asterisco; quando múltiplas, deverão ser numeradas com algarismos arábicos na ordem de seu aparecimento. Usa-se o número alto, no texto e no rodapé.

As notas colocadas no pé da página devem ser separadas do texto por um traço horizontal e datilografadas em espaço simples.

. . .

III - Conteúdo e estrutura do relatório de pesquisa

O relatório de pesquisa é o tipo de escrito através do qual mais comumente os universitários apresentam aos professores os resultados de seu trabalho e os cientistas e estudiosos, nos congressos ou publicações especializadas, comunicam a seus colegas as conclusões e descobertas a que os levou a investigação científica. Como o próprio nome indica, constitui um relato conciso de todas as fases da pesquisa, desde o planejamento até os resultados. Descreve objetivamente os fatos, analisa-os rigorosamente e aponta conclusões.

3.1 - Conteúdo

Na medida em que "relata" a pesquisa, o relatório deve conter, segundo Ângelo Domingos Salvador (op. cit., p.29):

- a) Apresentação do tema ou problema pesquisado;
- b) Descrição do planejamento;
- c) Apresentação das hipóteses formuladas, definições, categorias e conceitos utilizados;
- d) Justificativa do método escolhido;
- e) Descrição dos instrumentos e técnicas de coleta de dados;
- f) Justificativa da amostra selecionada;
- g) Apresentação e interpretação dos resultados;
- h) Formulação dos resultados."

A seguir, veremos como distribuir esse conteúdo entre as diversas partes de que se compõe o relatório.

3.2 - Estrutura

O relatório obedece, basicamente, ao modelo estrutural comum a todos os trabalhos científicos e se distingue dos outros pelo próprio desenvolvimento do assunto, ou seja, por constituir o "relato" de uma pesquisa.

Seguirão os padrões anteriormente delineados os elementos de identificação (capa e folha de rosto) e apresentação (sumário e resumo).

A introdução do relatório tem as características apontadas no item 2.1 para a introdução dos trabalhos científicos em geral, as quais se resumiram acima nas alíneas a e b. É indispensável, no entanto, que, em se tratando de pesquisa de campo ou de laboratório, se descreva a metodologia utilizada para a coleta e a análise dos dados. Essas informações podem constar de explicações suplementares que se acrescentarão à introdução, ou podem figurar nos capítulos iniciais do desenvolvimento. Assim, pode a apresentação do trabalho estender-se até a alínea f da citação acima, ou limitar-se às alíneas a e b, deixando para o desenvolvimento o que se enumerou

de g até g.

Valem para o desenvolvimento e a conclusão do relatório as observações feitas anteriormente sobre a estrutura comum dos trabalhos científicos. No roteiro mencionado acima, Ângelo Domingos Salvador resumiu o conteúdo do desenvolvimento e da conclusão, respectivamente, nos itens g e h.

Simplificando, a introdução fornece uma visão global, o desenvolvimento, uma visão analítica, e a conclusão, a visão sintética do assunto estudado. "A pesquisa é uma só idéia em marcha; apresenta-se como hipótese (introdução) que, aos poucos, vai sendo demonstrada (desenvolvimento) até chegar à lei ou verdade procurada (conclusão)". (2)

Dependendo da natureza e dos objetivos de cada relatório, sua estrutura poderá ser mais completa, contendo todos os elementos arrolados em 2.3, ou mais simples, constando apenas de introdução, desenvolvimento, conclusão e referências bibliográficas, mínimo indispensável e obrigatório.

. . .

(2) CERVO, Amado Luiz & BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia Científica. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1975. p.131.

Conclusão

Por tudo que se viu no desenvolvimento, percebe-se que a elaboração de um relatório de pesquisa não apresenta maiores dificuldades do ponto de vista da montagem e redação. A estrutura e a composição física do relatório praticamente coincidem com os padrões válidos para os trabalhos científicos em geral. E, em qualquer caso, o segredo consiste em obedecer a um modelo preestabelecido, com qual o universitário, a essa altura da vida escolar, já está familiarizado, através da leitura de livros e publicações científicas. Basta prestar atenção e facilmente se reconhecerão, nos livros e publicações especializadas, os elementos aqui apontados como constituintes do trabalho científico em geral.

A linguagem técnica e científica também não exige do redator nenhuma genialidade ou dom especial, pois visa simplesmente à clareza da comunicação. Seu uso fluente e seguro é, pois, questão de hábito e intimidade com a terminologia científica específica.

Os problemas e dificuldades surgirão do próprio tema estudado, em decorrência de sua complexidade e abrangência. Os obstáculos dessa natureza só serão superados à medida em que se avançar no conhecimento e domínio do assunto. Nesse sentido, esta apostila procurou oferecer aos alunos orientação relativa à metodologia científica e à realização da pesquisa, em qualquer área. A obediência aos princípios formulados disciplina o raciocínio e facilita a apreensão e compreensão de conteúdos específicos.

A finalidade deste trabalho foi esclarecer, explicitar e ordenar dados que o bom-senso, a capacidade de observação e a própria vivência universitária poderiam já ter fornecido ao aluno. O que esperamos é que a leitura desses dados, organizados de maneira didática possa ser útil ao estudante, proporcionando-lhe maior segurança e facilidade quando da elaboração de seus trabalhos.

ApêndiceNormas para a indicação de referências bibliográficas

Constarão deste apêndice apenas algumas normas gerais relativas à apresentação e alguns casos mais freqüentes de referência bibliográfica. As informações aqui incluídas não foram colhidas diretamente nos boletins da Associação Brasileira de Normas Técnicas e sim nas obras citadas na bi bliografia, cujos autores se orientaram pelo texto editado pela ABNT em 1970, versão revisada.

1º) Normas gerais de apresentação

- a) Nas listas bibliográficas, as referências devem ser numeradas e or denadas alfabeticamente pelo sobrenome do autor.
- b) Devem ainda ser alinhadas entre si, pela esquerda, de forma que o primeiro elemento de cada referência ressaia com três ou quatro le tras.
- c) Indica-se o autor mencionando-se primeiro o sobrenome, em maiúscu las, e, em seguida, os prenomes, separados dele por vírgula.
- d) Quando há dois autores, mencionam-se ambos na ordem em que figuram na publicação, obedecendo à mesma técnica acima e ligando-os pelo símbolo &. Quando há mais de dois autores, indica-se o primeiro, se guido da expressão latina et alii, que quer dizer "e outros".
- e) Usam-se letras maiúsculas, nos trabalhos datilografados, nos sobreno mes de autores individuais, nos nomes de entidades coletivas e nos títulos de periódicos, quando constituírem a entrada da referência.
- f) Sublinham-se os títulos de obras e de periódicos, nos trabalhos da tilografados.
- g) Foi abolido o emprego das aspas com as quais se indicavam os títulos de partes de obras e de artigos de periódicos. A recomendação mais recente é de se empregarem letras minúsculas não sublinhadas nesses casos.
- h) O nome do autor, o título da obra e as notas tipográficas (local de publicação, editora e data de publicação) são os componentes da re ferência bibliográfica. Por serem autônomos, devem ser separados en tre si por ponto. Os elementos das notas tipográficas são separados

uns dos outros por vírgula.

- 1) Para evitar repetição, o nome do autor de duas ou mais obras referenciadas consecutivamente deve ser substituído por um travessão nas referências seguintes à primeira.

29) Casos de referência mais frequentes

Arrolamos a seguir, na ordem em que devem aparecer, os elementos que têm que figurar na referência bibliográfica em cada caso.

a) Publicações avulsas consideradas no todo (livros, folhetos, separatas, etc.):

1. Autor;
2. Título;
3. Título original (quando tradução) ou tradução do título (quando em idioma pouco difundido), entre colchetes;
4. Número da edição;
5. Local de publicação;
6. Editor;
7. Ano de publicação.

Exemplos:

LUFT, Celso Pedro. Gramática Resumida. 3ª ed., Porto Alegre, Globo, 1976.

CHOMSKY, Noam. Aspectos da Teoria da Sintaxe [Aspects of the Theory of Syntax]. Coimbra, Arménio Amado, 1975.

b) Publicações avulsas (livros, folhetos) considerados em parte (volumes, capítulos, fragmentos, trechos):

1. Autor;
2. Título da parte;
3. Título da publicação, precedido de "In:";
4. Título original (quando tradução) ou tradução do título (quando em idioma pouco difundido), entre colchetes;
5. Número de edição;
6. Local de publicação;
7. Editor;
8. Ano de publicação;
9. Indicação de volume, capítulo e páginas, inicial e final, da parte referenciada.

Exemplos:

MELO, Gladstone Chaves de. A Influência Tupi. In: A Língua do Brasil. 2ª ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971. p.41-72.

GILI Y GAYA, Samuel. Frases Verbales. In: Curso Superior de Sintaxis Española. 12ª ed., Barcelona, Bibliograf, 1978.p.103-119.

c) Artigos de Periódicos

1. Autor do artigo;
2. Título do artigo;
3. Título original (quando tradução) ou tradução do título (quando em idioma pouco difundido), entre colchetes;
4. Título do periódico;
5. Local de publicação;
6. Número de volume (ou ano);
7. Número de fascículo entre parênteses;
8. Indicação das páginas inicial e final do artigo, antecedida de dois pontos;
9. Data do volume ou fascículo, com o nome do mês abreviado.

Exemplo:

PINTO, Ziraldo Alves. Ninguém Entende de Humor. Revista de Cultura, Petrópolis, Vozes, 64, LXIV(3) : 21-37, abr. 1970.

d) Colaborações em obras coletivas, miscelâneas, atas de congressos, etc

1. Autor da colaboração;
2. Título da colaboração;
3. Título original (quando tradução) ou tradução do título (quando em idioma pouco difundido);
4. Editor-Autor (diretor, organizador, compilador), precedido de "In:";
5. Título da publicação;
6. Número de edição;
7. Local de publicação;
8. Editor comercial;
9. Ano de publicação;
10. Número de volume, tomo ou parte;
11. Páginas inicial e final da colaboração.

Exemplo:

AVERBUCK, Lígia Morrone. À Poesia e a Escola. In: ZILBERMAN, Re

gina (org.). Leitura em Crise na Escola. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982. p.63-83.

e) Entidades coletivas

Quando uma entidade coletiva assume a responsabilidade por uma publicação, ela é tratada como autor e seu nome é que será a entrada da referência.

Caso a entidade coletiva seja um órgão ou divisão administrativa de um país, federação, estado, município, etc., seu nome deve ser precedido pelo respectivo nome geográfico.

Exemplos:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, Rio de Janeiro. Normalização da documentação no Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969.

BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. Rio de Janeiro. Nomenclatura Gramatical Brasileira, 1958.

UNESCO. Guia para a redação de artigos científicos destinados à redação [Guide pour la redaction des articles scientifiques...] Trad. Lucy Gonçalves Fontes. Belo Horizonte, Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1969.

. . .

Bibliografia

- 1- CERVO, Amado Luiz & BERVIAN, Pedro Alcino. Metodologia Científica. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1975.
- 2- SALOMON, Dêlcio Vieira. Como Fazer uma Monografia. Belo Horizonte, In terlivros, 1978.
- 3- SALVADOR, Ângelo Domingos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Bibliográfica. 7ª ed., Porto Alegre, Sulina, 1976.

. . .

5. TIPOS DE COMUNICAÇÃO OFICIAL E COMERCIAL

- 5.1 - Requerimento
- 5.2 - Procuração
- 5.3 - Atestado
- 5.4 - Curriculum Vitae
- 5.5 - Memorando
- 5.6 - Carta

—

Maria da Graça Ferreira da Costa Val
(autoria de texto teórico - item 5.1 e textos modelo - itens 5.2, 5.3, 5.5 e 5.6)

Laura Beatriz Fonseca de Almeida
(seleção de textos)

UFMG - Faculdade de Letras
Biblioteca

5. TIPOS DE COMUNICAÇÃO OFICIAL E COMERCIAL

5.1 - Requerimento

A - Instruções teóricas

1º) Informações Gerais

O requerimento é uma petição escrita dirigida a uma autoridade pública, com preendendo:

- a) o vocativo, que fica no alto da página, rente à margem esquerda.
- b) o contexto, usualmente composto de um só parágrafo e que contém:
 - a identidade do requerente (o nome e todos os dados necessários à identificação do requerente perante a autoridade),
 - a petição do que se pretende obter,
 - a justificação do pedido;
- c) o fecho, que em geral obedece a uma das fórmulas:
 - Pede e aguarda deferimento,
 - Termos em que pede deferimento,
 - Espera deferimento,
 - Nesses termos, pede deferimento;
- d) a data;
- e) a assinatura.

2º) O tratamento

Se no vocativo o tratamento for Ilmº Sr., no contexto será V.Sa.; se no vocativo se usar Exmº Sr., no contexto deverá ser usado V.Exa. Não se podem misturar os dois tratamentos.

Usam-se Exmº e V.Ex.^a, abreviados, quando o destinatário for: membro do Poder Judiciário, membro do Poder Legislativo, Ministro ou Secretário de Estado, membro do Ministério Público, Governador de Estado, Prefeito Municipal, Oficiais superiores das Classes Armadas (a partir de major), membros do Corpo Diplomático, altas autoridades.

Excelentíssimo Senhor e Vossa Excelência, por extenso, são as formas de tratamento devidas ao Presidente e ao Vice-Presidente da República, ao Presidente do Supremo Tribunal Federal, ao Presidente do Congresso Nacional, ao Presidente do Senado Federal, ao Presidente da Câmara Federal.

Devem-se usar Ilmº e V.S.^a, abreviados, quando os destinatários são autoridades não relacionadas nos itens acima ou chefes de empresas particulares.

B - Texto: Modelo de Requerimento

REQUERIMENTO

Exm^o Sr.

Prof. _____

DD. Chefe do Departamento de Ciência da Computação do
Instituto de Ciências Exatas da UFMG

Os abaixo-assinados, alunos deste Instituto, membros da Diretoria do Centro de Estudos de Computação, vêm requerer de V.Ex.^a a dispensa das aulas das turmas de Ciência da Computação no próximo dia 23 de Junho, nos turnos da manhã e da tarde, para a realização de assembleias em que se deverá promover uma avaliação da realidade do Curso, bem como uma análise de seu currículo, em função da situação atual do mercado de trabalho nesta área e da necessidade da adequada formação profissional, questões de inegável interesse para todos os estudantes.

Nesses termos,
pedem deferimento.

Belo Horizonte, 14 de Junho de 1983.

José da Silva - Presidente

João de Sousa - 1^o Secretário

Maria Ferreira - 2^o Secretário

5.2 - Modelo de ProcuraçãoP R O C U R A Ç Ã O

JOSE PEDRO DA SILVA, brasileiro, solteiro, residente nesta capital, aluno do 2º período do Ciclo Básico do Curso de Engenharia Civil-UFMG, matrícula 784327, nomeia e constitui seu bastante procurador o universitário Luís Pedro e Silva, brasileiro, solteiro, residente nesta capital, portador da carteira de identidade nº M-932.729 - SSPMG, para proceder à entrada de seu processo de reopção de curso, com forme data prevista no calendário escolar desta Universidade, podendo o referido procurador assinar papéis, preencher fichas e questionários, requerer atestados e tudo que se fizer necessário para o desempenho normal da sua função, inclusive substabelecer.

Belo Horizonte, de _____ de 198

José Pedro da Silva

5.3 - Modelo de AtestadoA T E S T A D O

Fulano de Tal,
Chefe da Seção de Ensino da
Escola de Engenharia da UFMG
no uso de suas atribuições e a pedido
do interessado,

ATESTA, para

fins de direito, que _____
_____ é aluno do quarto pe
ríodo do curso de Engenharia Civil desta Escola e que tem frequentado
regularmente as aulas das disciplinas em que se matriculou.

Belo Horizonte, 03 de junho de 1983.

5.4 - Modelo de Curriculum Vitae

CURRICULUM VITAE

I - DADOS PESSOAIS

- 1 - Nome completo
- 2 - Data e local de nascimento
- 3 - Filiação
- 4 - Endereço atual
- 5 - Carteira de Identidade
- 6 - Título de Eleitor
- 7 - CPF
- 8 - Certificado de Reservista
- 9 - Outras credenciais (registros em sindicatos, órgãos de classe etc.)

II - DADOS ESCOLARES

- 1 - Primeiro Grau:
 - 1.1 - Da 1^a à 4^a série (nome do estabelecimento, local, período do curso):
 - 1.2 - Da 5^a à 8^a série (nome do estabelecimento, local, período do curso):
- 2 - Segundo Grau (nome do estabelecimento, local, período do curso)
- 3 - Curso de Graduação (nome do estabelecimento, local, período do curso)
- 4 - Curso de Pós-Graduação (nome do estabelecimento, local, período do curso)

III - CURSOS EXTRACURRICULARES

- 1 - natureza do curso, nome do estabelecimento, local, duração, período
- NOTA: para cada curso diferente indicar os dados acima.

IV - PARTICIPAÇÃO EM CONGRESSOS E SEMINÁRIOS

- 1 - natureza do seminário/congresso, período, local, duração
- NOTA: para cada congresso/seminário diferente indicar os dados acima.

V - OBRAS PUBLICADAS (livros, artigos etc)

- 1 - Título da obra, local da publicação, editora, data
- NOTA: para cada obra diferente indicar os dados acima.

VI - CARGOS E FUNÇÕES EXERCIDAS

- 1 - natureza do cargo, nome da instituição (estabelecimento, seção, órgão etc), período
- NOTA: para cada cargo diferente indicar os dados acima.

VII - CARGOS E FUNÇÕES EM EXERCÍCIO

- 1 - natureza do cargo, nome da instituição, início do exercício
- NOTA: para cada cargo diferente indicar os dados acima.

OBSERVAÇÃO: Dependendo da finalidade do Curriculum Vitae, alguns dados podem ser omitidos, da mesma forma que outros podem ser acrescentados.

5.5 - Modelo de MemorandoM E M O R A N D O

LCQ - 123/83

03/06/83

De: L.C.Q.

Para: D.R.A.

Referência: Experiência para redução de enxofre nos
gases da caldeira

Em anexo, seguem as fotografias e o relatório solicitados por essa Divisão sobre a experiência levada a efeito por nosso Laboratório, visando à redução de enxofre nos gases das caldeiras.

ass: _____

5.6 - Modelo de Carta

Belo Horizonte, 03 de junho de 1983.

IIm? Sr.

Valdevino C. Silva

Departamento de Assinaturas da Revista ISTOE

Caminho Editorial S/A

Rua da Consolação, 293 - 8º andar

São Paulo - SP

Prezado Senhor,

Estranhando a circular que me foi enviada por esse Departamento e a subsequente interrupção da entrega semanal de ISTOE em minha residência, trago ao conhecimento de V.S.ª que procedi à renovação de minha assinatura anual da Revista na data de 15/05/83, através do contrato nº 188.874, série A, tendo pago, na ocasião, a importância de Cr\$ 6.990,00 (seis mil, novecentos e noventa cruzelros), com o cheque nominal à Caminho Editorial S/A de nº ACC-420.593, da Caixa Econômica Federal, Ag. Matriz, Belo Horizonte.

Assim, solicito suas providências no sentido de regularizar a remessa das revistas e peço, ainda, que me sejam repostos os números 334, 335 e 336, que não recebi.

Na certeza de sua atenção e acolhida, subscrevo-me

Cordialmente,

Jose Pedro da Silva

Jose Pedro da Silva

Rua Barão de Cocais, 77

Belo Horizonte - MG

INDICE GERAL

Apresentação

Objetivos dos cursos	2
Conteúdo programático e bibliografia	2

Unidade 1 - Variação Lingüística

1.1 - Funções da linguagem	
A- Fundamentação teórica	5
B- Textos para análise e exercícios	9
1.2 - Sistema, normas e usos	15
1.3 - Realização oral e escrita	
A- Fundamentação teórica	15
B- Textos para análise e exercícios	24

Unidade 2 - Tipos de Comunicação

A- Fundamentação teórica	33
B- Textos para análise e exercícios	
2.1 - Textos literários	35
2.2 - Textos não-literários	38
2.3 - Texto técnico	40

Unidade 3 - Tipos de Composição

1ª parte: Conteúdo

A- Fundamentação teórica	42
B- Textos para análise e exercícios	49

2ª parte: Estrutura - Paragrafação

A- Fundamentação teórica	54
B- Textos para análise e exercícios	
3.1 - Descrição	55
3.2 - Narração	55
3.3 - Dissertação	56
C- Aplicação	
C-3/Cad.3 (Curso Não Formal de Redação)	57

3ª parte: Composições Técnicas

I - Descrição Técnica

A- Fundamentação teórica	62
B- Textos para análise e exercícios	68

II - Dissertação

A- Fundamentação teórica	71
B- Textos para análise e exercícios	73

Unidade 4 - Tipos de Comunicação Técnica

4.1 - Esquema	
C-3/Cad.4 (Curso Não Formal de Redação)	78
4.2 - Resumo	
A- Fundamentação teórica	
C-3/Cad.1 (Curso Não Formal de Redação)	83
B- Texto para análise e exercícios	88
4.3 - Recensão	
A- Fundamentação teórica	91
B- Texto para exercício	92
4.4 - Relatório	
Texto modelo	96

Unidade 5 - Tipos de Comunicação Oficial e Comercial

5.1 - Requerimento	116
5.2 - Procuração	118
5.3 - Atestado	118
5.4 - Curriculum Vitae	119
5.5 - Memorando	120
5.6 - Carta	120

TRABALHO DATILOGRÁFICO

Sonia Martins da Cunha
Eliana Camilo

FACULDADE DE LETRAS
Departamento de Letras Vernâculas

IMPRESSÃO:

Gráfica Pedro Martins Perelra

ICEX-UFMG

